



ANTÔNIO CAMILO



Rochinha

DECANO DA HUMILDADE



EDISE



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro

Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Ezio Christian Déda Araújo

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

Antônio Camilo

Rochinha
DECANO DA HUMILDADE



EDISE

Aracaju

2022

COPYRIGHT©2022 BY MARCO ANTÔNIO CAMILO DOS SANTOS

Capa

Clara Macedo

Diagramação

Rodrigo Carvalho

Revisão

Yuri Gagarin

Pré-Impressão

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Camilo, Antônio
Rochinha [livro eletrônico] : Decano da
humildade / Antônio Camilo. -- Aracaju, SE : Segrase,
2022.
PDF

Bibliografia
ISBN 978-65-86004-92-2

1. Juristas - Biografia 2. Rocha, José Francisco
da I. Título.

22-133357 CDD-923.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Juristas : Biografia 923.4

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Editora filiada



S N E L
Sindicato Nacional dos
Editores de Livros

Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 - Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

À minha amada família, repouso de todas as horas. Minha esposa Fátima Camilo, meus filhos Diogo Gabriel e João Marco, minhas noras Jamile Jasmim e Júlia Silva, e meu neto Cauã.

SUMÁRIO

SIGLAS	11
APRESENTAÇÃO.....	13
PREFÁCIO	
Era uma vez um menino	17
PRÓLOGO	
A grandeza da humildade	23
CAPÍTULO I	
ILUSTRE FILHO DE CEDRO.....	27
CAPÍTULO II	
NASCIMENTO, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....	35
Aquele que acrescenta	35
Pra cada bolo uma sentença	37
O outro Francisco	46
CAPÍTULO III	
INÍCIO DA VIDA PROFISSIONAL	53
O caixeiro da Rua João Pessoa.....	53
O empregado do ramo de seguros	60
O contador.....	63

CAPÍTULO IV

A FAMÍLIA	69
Uma mulher chamada Anita	69
Os momentos em família	78
As grandes perdas de Francisco.....	109

CAPÍTULO V

ASCENSÃO PROFISSIONAL.....	121
O aluno da 1ª Turma da Faculdade de Direito de Sergipe.....	121
O funcionário do Banco do Brasil.....	131
O catedrático.....	135
O advogado.....	147

CAPÍTULO VI

O MAÇOM.....	161
--------------	-----

CAPÍTULO VII

CARGOS E FUNÇÕES PÚBLICAS	191
Um leão a serviço da comunidade	191
A Casa da Cidadania	192
A Junta Comercial de Sergipe	200
O homem da toga.....	201
Um verdadeiro conselheiro	205
Um consultor de coração magnânimo	208

CAPÍTULO VIII

AMIGOS E HISTÓRIAS.....	213
-------------------------	-----

CAPÍTULO IX	
UM DECANO QUE FOI HOMENAGEADO	
COMO MEREZIA.....	245
HONRARIAS MAÇÔNICAS	253
HONRARIAS NÃO MAÇÔNICAS	261
CAPÍTULO X	
UM HOMEM QUE SOUBE HOMENAGEAR	
COMO POUÇOS.....	269
EPÍLOGO	
Um certo senhor	277
CRONOLOGIA.....	281
AGRADECIMENTOS.....	285
ENTREVISTADOS.....	289
BIBLIOGRAFIA.....	291
OUTRAS OBRAS DO AUTOR.....	293

SIGLAS

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil

ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra

ARLS – Augusta e Respeitável Loja Simbólica

AVC – Acidente Vascular Cerebral

BB – Banco do Brasil

CHESF – Companhia Hidro Elétrica do São Francisco

COPEN/SE – Conselho Penitenciário do Estado de Sergipe

DASP – Departamento Administrativo do Servidor Público

EDISE – Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe

EUA – Estados Unidos da América

FIES – Federação das Indústrias do Estado de Sergipe

FITS – Faculdades Integradas Tiradentes

GOB – Grande Oriente do Brasil

GOB-SE – Grande Oriente do Estado de Sergipe

IAPI – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários

JUCESE – Junta Comercial do Estado de Sergipe

LBA – Legião Brasileira de Assistência

LEP – Lei de Execuções Penais

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

OAB/SE – Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Sergipe

PRHOCASE – Promoção do Homem do Campo de Sergipe

SSP – Secretaria de Segurança Pública

STF – Supremo Tribunal Federal

TCE/SE – Tribunal de Contas do Estado de Sergipe

TFR – Tribunal Federal de Recursos

TJSE – Tribunal de Justiça de Sergipe

TRE/SE – Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe

TRF-3 – Tribunal Regional Federal da 3ª Região

TRF-5 – Tribunal Regional Federal da 5ª Região

TST – Tribunal Superior do Trabalho

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UNIT – Universidade Tiradentes

USP – Universidade de São Paulo

VEC – Vara de Execuções Criminais

APRESENTAÇÃO



Antes de qualquer comentário sobre a construção do livro, sua organização e recomendação de leitura, necessário se faz dizer da minha imensa gratidão ao ilustre biografado e seus familiares pela indicação do meu nome para fazer a apresentação desta obra, considerando os milhares de amigos e irmãos que têm a felicidade de conviver com este que é, sem sombra de dúvidas, uma das figuras mais queridas da sociedade sergipana.

Conheci o Dr. José Francisco da Rocha nos idos de 1967, século passado, portanto, há 55 anos, quando na condição de educador e gestor, mantivemos uma relação profissional muito estreita, através de seus filhos, Conceição, de saudosa memória, Sérgio e Socorro, que estudavam no Colégio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – GA, meus queridos ex-alunos de matemática. As atitudes do eminente Dr. José Francisco da Rocha, na condição de pai de aluno, foi o suficiente para o início de uma relação interpessoal e amigável que dura até os dias atuais e que me engrandece como pessoa e irmão/maçom que somos.

Um fato que merece destaque em nosso relacionamento foi quando na condição de recém-iniciado na Sublime Ordem Maçônica, na Loja Cruzeiro do Sul, número 09, em Brasília-DF, fui designado pelo Ministério de Educação e Cultura – MEC, onde exercia cargo de Direção e Assessoramento Superior, para fazer uma



conferência durante um seminário sobre ensino profissionalizante aqui em Aracaju. Aproveitando a oportunidade e estando em minha cidade, resolvi fazer uma visita à Loja Maçônica Cotinguiba e lá reencontrei o Dr. José Francisco da Rocha, quando passei a conhecê-lo exercendo outro papel, completamente diferente daquele de pai de aluno do GA, era o Mestre Maçom, símbolo da sabedoria e exemplo para os demais obreiros da Loja, um dos pilares que ornamentava e dirigia os trabalhos maçônicos daquela noite. Como visitante observador, aprendi muito além do que já conhecia das lições oferecidas por minha Loja-mãe.

Caríssimos leitores, seria maravilhoso se eu pudesse discorrer sobre a trajetória do amigo/irmão José Francisco da Rocha, em seus múltiplos e edificantes papéis exercidos em nossa sociedade. Seria muito bom e agradável falar em maior profundidade sobre o advogado de atuação marcante nos diversos Fóruns, além de sua participação como funcionário do Banco do Brasil, falar da sua eficiente passagem na Ordem dos Advogados do Brasil, onde atuou com dedicação e coragem, chegando a ocupar a presidência do órgão seccional de Sergipe, dizer da sua desenvoltura e proficiência nos debates havidos no Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe, sobre a sua presença e participação ativa como presidente do Conselho Penitenciário do nosso estado. Ah! Se eu pudesse falar do professor de várias gerações de jovens advogados formados na Universidade Tiradentes e na Universidade Federal de Sergipe. Na impossibilidade de satisfazer esses meus desejos, pois esta tarefa cabe ao autor do livro, confesso que fiquei maravilhado com a leitura dos originais, onde estes e outros aspectos são mostrados com muita clareza e pre-

cisão, levando-me a acreditar que os caríssimos leitores tenham, também, esta mesma sensação.

Sobre o maçom, de fato, ele é uma ROCHA, uma pedra polida que simboliza e define a própria Maçonaria Sergipana, formada por homens livres, que trabalham para a promoção da paz e da fraternidade universal.

Para não perder a oportunidade, devo lembrar que ROCHINHA, dentre as várias atuações maçônicas, foi o grande responsável pela reaproximação da Igreja Católica e a Maçonaria, levando o então Bispo Auxiliar de Aracaju Dom Luciano José Cabral Duarte a fazer, de forma legitimada pelo Vaticano, uma brilhante palestra para o povo maçônico de nosso estado, na Loja Capitular Cotinguiba, onde e quando se formalizou um convênio de ação conjunta para implantação de novas metas de trabalho dentro do programa pioneiro de reforma agrária, à época em execução pela Igreja Católica no interior do estado. Este fato importantíssimo para a maçonaria sergipana e universal, principalmente, está descrito de forma detalhada no capítulo VI desta obra. Leia com atenção para entender o significado e importância deste fato de repercussão internacional.

Convidado para fazer a apresentação desta obra, tive o privilégio de ler os originais elaborados pelo autor com a participação ativa do biografado e confesso que fiquei maravilhado com a técnica e a narrativa desenvolvidas pelo biógrafo Antônio Camilo, bem como com os muitos depoimentos dos familiares, de colegas advogados, de irmãos maçons, de juristas, de gestores públicos, de ontem e de hoje, todos de forma unânime enaltecendo a figura extraordinária de José Francisco da Rocha, nosso ROCHINHA.

Este livro que tenho a honra de apresentar e recomendar sua leitura é muito mais que um relato da vida e obra do ilustre e competente homem público José Francisco da Rocha, a quem Sergipe e os sergipanos em geral muito devem pela enorme contribuição e legado. Ele é um símbolo, um modelo a ser seguido por todo aquele que aspira vencer na vida com humildade, honestidade e muita perseverança, condições para se alcançar a realização profissional e, conseqüentemente, a felicidade em plenitude.

Por oportuno, quero externar mais uma vez o meu mais sincero agradecimento ao confrade/irmão José Francisco da Rocha pela escolha do meu nome para fazer a apresentação deste livro, que faço com imensa alegria e o coração incontido de gratidão.

Não apenas eu, mas Sergipe inteiro aplaude o legado a ser deixado pelo ilustre e querido homem público José Francisco da Rocha, o Rochinha de todos nós.

Antônio Fontes Freitas

Professor Emérito da Universidade Federal de Sergipe, Grão Mestre Ad Vitam e Fundador da Grande Loja Maçônica de Sergipe, Membro Fundador da Academia Sergipana de Educação e Imortal da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras.

PREFÁCIO



Era uma vez um menino...

O ano era um daqueles da década de trinta. E o menino dessa história tinha uns doze anos. O cenário: uma fazenda em Japaratuba, onde havia canaviais sendo diminuídos e pastos aumentados que engordavam bois. E o pai do menino, empregado da fazenda, cuidava do rebanho. A casa onde vivia o menino era quase uma choupana. Naquelas terras encharcadas do vale do Japaratuba, proliferavam os miasmas e as devastadoras febres, levando a mortalidade infantil a níveis que hoje seriam considerados assombrosos. As pessoas perguntavam aos pais: “E os meninos tão se criando?”.

Sobreviver, para os que não nasciam nas “casas grandes”, era uma façanha; e, além desta, viriam as outras: arrumar trabalho, enfrentar a vida no eito da enxada.

O menino de que trata este livro teve a benção e a sorte de nascer numa choupana onde recebia os cuidados da mãe, terna e zelosa, e o pai nunca deixou que lhe faltasse a comida. Os dois, pai e mãe, acompanhavam com permanente atenção as idas e vindas do menino à escola, que ficava longe, mas ele fazia a caminhada estafante com o entusiasmo de quem tinha a prematura consciência do que representavam aqueles passos ini-

ciais; caminho único para uma vida melhor, para ele e a sua família.

Um dia o menino deixou de ir à escola. O pai passara a noite gemendo de dor, e assim continuava até o nascer do sol. E o mais grave: ficou na cama, não acordara antes da manhã clara para iniciar a dura faina de “tirar o leite”, a ordenha das vacas. Quando o sol já ia alto, apeou à porta o patrão, que logo perguntou por que não chegara à sua casa o leite para o café. Soube, então, da doença do empregado, foi ao quarto visitá-lo, e saiu dizendo que iria buscar um remédio. De fato, retornou com a mezinha, que não deu resultado.

Passava do meio-dia e os gemidos do pai continuavam, a mãe do menino, ao pé da cama, tentava confortá-lo. O menino fica agoniado, mas isso de nada adiantava. Tomou uma decisão: foi ao pasto, laçou o cavalo do pai, veio até o terreiro e colocou-lhe os arreios. Sem dizer nada à mãe, começou um galope que iria parar numa rua de Japaratuba, onde perguntou se na cidade havia algum médico. Disseram-lhe que um doutor de Aracaju estava atendendo numa casa da praça Central. Em pouco tempo, o menino sem pedir licença abriu a porta do improvisado consultório. O médico aferia a pressão de um paciente, parou o procedimento, surpreso, ficou a olhar uma quase criança que, esfogueada, escandindo as palavras, foi dizendo: “Doutor, meu pai está morrendo dentro de casa, gemeu a noite toda, pelo amor de Deus, eu lhe peço, vá salvar a vida dele”. Explicou o trajeto até o local, distante uma estrada légua. O médico o tranquilizou, dizendo que no fim da tarde ele estaria lá, tendo perguntado apenas onde o pai sentia a dor.

De volta, encontrou a mãe inquieta, enquanto continuavam os gemidos do chefe da família, estirado numa cama.

O menino disse-lhe que o médico chegaria logo, e os dois, tensos, enxugando o suor do doente querido, iniciaram uma sofrida espera.

Era quase noite, já estava aceso o candeeiro, quando ouvem, na frente da casa, os sons de um cavalo que chega resfolegando. O médico viera a galope. Desmontou, e antes que fossem até a entrada ver o visitante, ele já surgia com sua maleta atravessando a porta do quarto. Começou os exames, deu ao doente alguns remédios. Não passou receita, deixou os medicamentos com a dona da casa; ensinou como ministrá-los, coisa bem simples. Esse era um procedimento usual naquele tempo, em que quase todas as pessoas do campo eram analfabetas. O menino já lidava bem com a leitura, mas preferiu não dizer que poderia ler a receita. O médico tranquilizou a família e recomendou que fossem a Japarutuba, indicando o dia da semana em que estaria atendendo. A mãe, com timidez, agradeceu, e disse ao doutor: assim que ele ficar bom vai lhe pagar pela sua consulta, quando o senhor chegou, eu pensei que estava entrando na casa errada, aqui só chega médico na casa do patrão. O médico apenas sorriu e disse-lhe que o seu pagamento maior seria a saúde recuperada do doente.

Passam os anos, em Aracaju, um certo dia, o jovem advogado e funcionário do Banco do Brasil José Francisco da Rocha era apresentado a um médico de Aracaju, do qual ele apenas conhecia o nome. Era o doutor Benjamin de Carvalho. Ao vê-lo, ele identifica aquele que desesperadamente fora buscar, e tinha certeza, salvara a vida do seu pai. Diz-lhe, então, ser aquele menino que

um dia lhe pedira para ir atender ao seu pai doente, em Japarutuba. O médico lembra, os dois se abraçam, num longo frêmito de emoções compartilhadas. E tornaram-se amigos por toda a vida. O menino, para sempre agradecido, teve, depois, a oportunidade de advogar para o médico humanista Benjamin Carvalho. Quando perguntado quanto seriam os seus honorários, ele respondeu: “apenas uma minúscula parte da sua imensa generosidade, e também do meu eterno reconhecimento”.

Uma vez, a vida e o destino reservaram aos dois aquele encontro. O menino, desde então, guardara no recôndito da alma um sentimento do qual jamais se afastaria: a gratidão. E outros foram acrescidos, ao cruzar os umbrais da Faculdade de Direito de Sergipe: justiça e solidariedade humana.

Pela consolidação e prática desses sentimentos transformados em ideais, bateu-se o advogado, o professor, o juiz, o maçom, o cidadão, o pai de família.

Um outro sentimento, este o mais evidente para todos os que conhecem o Dr. Rochinha, é o da humildade; característica que ele incorporou à sua doce maneira de ser e de conviver, sem mudanças, mesmo quando ocupou elevadas posições, onde a tentação da vaidade se faz mais forte.

Antônio Camilo é um jovem advogado, também escritor e poeta. Católico, repleto de devoções, ele orienta a sua vida pela suave harmonia das palavras do Cristo, que interpreta, também, como a essência do humanismo, transcendendo os espaços de cada crença ou ideologia; se aplicando, de forma abrangente, a todos os seres dotados de inteligência, que habitam esta nossa morada comum. E sem terem aprendido, ainda, a viver em paz.

Assim, ele costuma buscar nas pessoas exemplos que possam servir como uma espécie de modelo e farol a serem coletivamente imitados e seguidos.

Camilo faz parte de uma das gerações de estudantes de Direito que tiveram o Dr. Rochinha como professor. Começou a admirar o Mestre e a conhecer melhor o cidadão, e o incluiu entre aqueles que classifica como exemplares.

Foi o passo essencial para que se tornasse o biógrafo do professor emérito.

Então, surgiu este livro: Rochinha, Decano da Humildade.

Antônio Camilo, com muita propriedade, acrescenta aos fatos que formam a trajetória de vida do doutor Rochinha, os emocionados e fraternos depoimentos sobre o homem, o cidadão, o amigo, o pai, o professor, o colega, resultantes da convivência com ele, no lar, no escritório de advocacia, nos tribunais, na OAB, nas salas de aula, na Loja Maçônica Cotinguiba, nas ações que empreenderam, nos sonhos acalentados, no papo amigo em torno de um estimulante uísque, nas dificuldades que atravessaram juntos.

Ou seja: o repertório humano, profundamente humano, de uma vida que qualifica a sublime e fantástica experiência de viver.

Luiz Eduardo Costa

(amigo e consultante de Rochinha para assuntos da vida)

Membro da Academia Sergipana de Letras e Imortal da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras.

PRÓLOGO

A grandeza da humildade

Se existe uma palavra que com frequência se verifica neste livro, ora de forma explícita em vários depoimentos, ora de modo implícito nas linhas dos diversos capítulos, é a humildade.

Um dos convidados para trazer uma palavra amiga acerca do biografado no intuito de abrilhantar esta obra, o Dr. Gilson Gama Monteiro, disse-me que poderia fazê-lo com grande satisfação e alegria, mas ressaltou que, por ser José Francisco da Rocha sinônimo de uma das mais belas virtudes, iria resumir sua fala em uma única palavra: humildade.

Não se faz necessário consultar obra de nenhum renomado escritor para buscarmos o conceito de humildade, uma vez que a enciclopédia livre existente na rede mundial de computadores, a Wikipédia, nos fornece com facilidade e amplitude. Assim a define:

“Humildade, do latim ‘humilitas’, é a virtude que consiste em conhecer as suas próprias limitações e fraquezas e agir de acordo com essa consciência. Refere-se à qualidade daqueles que não tentam se projetar sobre as outras pessoas, nem mostrar ser superior a elas. A humildade é considerada pela maioria das pessoas como a virtude que dá o sentimento exato do nosso bom senso ao nos avaliarmos em relação às outras pessoas. Características como

cordialidade, respeito, simplicidade e honestidade, embora sejam frequentemente associadas à humildade, são independentes. Portanto, quem a possui não precisa necessariamente ser humilde”.

Mas se além da humildade uma pessoa for detentora dessas outras virtudes?

É o que veremos ao longo destas páginas, a história de um homem que alcançou o sucesso em todas as áreas em que atuou, semeando nos campos por onde passou as virtudes da humildade, cordialidade, respeito, simplicidade e honestidade.

Os escritores Jacob Pètry e Valdir R. Bündchen vão além e nos ensinam em *SINGULAR – O Poder de Ser Diferente* “que sem focar o centro das nossas vidas em princípios sólidos como honestidade, integridade, bondade, justiça e caridade, podemos até obter uma ou outra vantagem, mas jamais alcançaremos o tipo de sucesso que produz a autêntica felicidade”.

Constataremos com a leitura dos diversos capítulos, não apenas com base nos depoimentos existentes, mas, principalmente, pelos fatos extraídos de sua história, que a autêntica felicidade alcançada por Dr. Rochinha e por ele a muitos proporcionada foi fruto da constante perseguição desses princípios, pois compartilhou o seu saber com muita responsabilidade, sem soberba, arrogância ou prepotência.

José Francisco da Rocha é mais um desses grandes homens que tenho a honra e a felicidade de perpetuar suas histórias e que particularmente me inspiram e encantam porque na simplicidade são grandes e na grandeza se fazem humildes.



Capítulo I

Ilustre Filho de Cedro

1926. O mundo não tinha muitos motivos para comemoração, afinal, poucos fatos marcantes registram-se na história mundial naquele ano.

No Brasil, excetuando-se a posse de Washington Luís Pereira de Sousa, nosso décimo terceiro governante e último presidente efetivo da República Velha, também não se tem notícias de acontecimentos relevantes no período.

Do mesmo modo, não se identifica em nível estadual nenhum evento digno de destaque, a não ser as revoltas eclodidas no governo de Maurício Graccho Cardoso, lideradas por Augusto Maynard Gomes e outros jovens oficiais do Exército, fato que levou o estado a experimentar novo governo interino, desta feita sob a presidência de Ciro Franklin de Azevedo, empossado em 6 de novembro, tendo, porém, por motivo de doença, se afastado do cargo após 30 dias no exercício das funções.

Já o dia seguinte, principalmente, para o município de Cedro de São João, foi motivo de júbilo e celebração, pois em 7 de novembro nascia um dos seus filhos mais ilustres, José Francisco da Rocha, que mais tarde viria a ser conhecido, carinhosamente, por Doutor Rochinha.

Localizado ao norte do estado, a 94 km da capital, o município integra a região do baixo São Francisco. A cidade, além de ser considerada a maior produtora de carne de sol do estado, tornou-se nacionalmente conhecida pela tradição do bordado e por suas exímias costureiras na delicada tarefa da confecção do Ponto Cruz, arte por demais apreciada por aqueles que nos visitam, ofício inserido como parte da nossa identidade cultural.



Praça Getúlio Vargas - Acervo de Cleomara Barboza de Souza

Diversos estudos procuram comprovar a origem do povo cedrense. A hipótese mais aceita, defendida pela maioria dos historiadores, como o professor Valdemar

Nunes, é que Cedro formou-se de grupos ciganos vindos de Minas Gerais que, após passarem pelo vizinho estado da Bahia, estabeleceram-se no semiárido sergipano. O respeitado antropólogo Felte Bezerra, em seu livro *Etnias Sergipanas*, vê identificação dos habitantes de Cedro com uma provável colonização de origem holandesa. Já os estudos da historiadora Maria Thetis Nunes, compendiados em *Sergipe Colonial I*, informam que a permanência de holandeses no território sergipano é quase nula, reforçando, assim, o entendimento dos que advogam na defesa da origem cigana.



Igreja Matriz São João Batista - Acervo de Cleomara Barboza de Souza

Todavia, independentemente de uma definição acerca da origem do povo de Cedro, não resta dúvida de que se trata de uma gente aguerrida, prendada

e inteligente. Terra de homens e mulheres valorosos e notáveis, com relevo nos campos cultural, político, jurídico e desportivo, a exemplo da senadora Maria do Carmo do Nascimento Alves, do ex-senador José Alves Nascimento, do desembargador federal junto ao Tribunal Regional Federal da 1ª Região Antônio Souza Prudente e do jogador de futebol João Batista Nunes de Oliveira, mais conhecido como Nunes, que atuou, dentre outros clubes, no Flamengo, no Monterrey (México) e na seleção brasileira.



Praça Jonas Trindade - Acervo de Cleomara Barboza de Souza

O município, até conquistar sua independência político-econômica, pertencia à Comarca de Propriá. A Lei Estadual nº 83, de 23 de outubro de 1894, elevou o povoado à categoria de vila. Entretanto, a Lei Estadual nº 422, de 29 de outubro de 1901, fez Cedro retornar à

condição de povoado. Surge, então, neste ano, o movimento pela restauração política de Cedro de São João, que teve como líderes Antônio Batista do Nascimento, Manoel da Rocha, Antônio Santana e João de Deus da Rocha. As pesquisas nos brindaram com a descoberta de que este último é primo em segundo grau de Juvenal Francisco da Rocha, genitor do futuro doutor Rochinha. Percebe-se, assim, desde já, de forma incontestável, que a criança trazia no sangue a coragem e o destemor daqueles afeitos às grandes contendas.

É neste contexto, em meio às lutas pela emancipação definitiva do município, a ocorrer somente em 4 de outubro de 1928, através da Lei Estadual nº 1.015, que desmembra o seu território do município de Propriá, que na manhã do dia 7 de novembro de 1926 nascia José Francisco da Rocha. Este ilustre filho de Cedro veio ao mundo justamente num momento de disputa pela independência política de sua terra natal. Tal fato, por certo, surge como prenúncio das lutas que iria travar ao longo de sua vida.

Com brio, determinação e a resistência oriunda da madeira que empresta seu nome ao município onde nasceu, encontrou forças para suportar as perdas familiares que sofreria, as batalhas que nos tribunais enfrentaria, as difíceis decisões que tomaria, mas, acima de tudo, essas qualidades contribuíram para consolidar a bela história que um dia escreveria.



Capítulo II

Nascimento, Infância e Adolescência

Aquele que acrescenta

Foi numa manhã de domingo, sob o signo de escorpião, que nasceu José Francisco da Rocha, fruto do amor de Juvenal Francisco da Rocha e Maria da Conceição Rocha. Era o primogênito de uma prole de dois filhos, pois quatro anos após nasceria Francisco de Assis Rocha. Coube ao pai a escolha do Francisco, a fim de preservar o prenome que já constava de várias gerações da família. Já o José, de origem hebraica (Yosef), que significa “aquele que acrescenta”, foi sugerido por sua mãe, por ser devota de São José, o defensor da Sagrada Família.

Juvenal era um homem simples, de baixa estatura, pele clara e cabelos pretos. Vaqueiro conhecido na região como grande aboiador de gado. Seus pais eram

João Francisco da Rocha e Maria da Soledade Alves, mais conhecida por Senhorinha. Já dona Conceição, católica fervorosa, possuía estatura mediana, pele morena e cabelos igualmente pretos. Tornou-se conhecida por seus dotes culinários. Seus pais eram Domingos Ferreira da Rocha e Ana Maria da Rocha, carinhosamente chamada de Nanã.



Maria da Conceição e Juvenal Francisco com a neta Conceição. Acervo de J.F.R.

Detentor de uma lucidez admirável para um senhor prestes a completar 96 anos, Dr. Rochinha mergulha fundo em suas memórias ao revisitar sua infância para revelar:

“Recordo com saudade de minha avó Senhorinha, mãe de meu saudoso pai, assim como de minha avó Nanã, genitora de minha querida mãe. Minha avó materna vendia fumo de rolo na feira livre aos domingos. Era muito convincente na arte de vender. Sua erva era de qualidade. Os amantes do tabaco po-

diam deixar de comprar farinha, carne, peixe, verdura ou qualquer outro gênero alimentício, mas deixar de adquirir seu fumo de rolo era quase impossível. Como inveterada fumante, adorava, ali mesmo, apresentar o produto que comercializava, fumando seu cachimbo de visual diferenciado, já que o mesmo podia ser visto na extremidade de uma longa e linheira vara a consumir o fumo anunciado em alto e bom som”.

Logo após seu nascimento, seus pais migraram para o Vale do Cotinguiba em busca de melhores oportunidades de trabalho. Uma senhora, proprietária de fazenda de gado no município de Rosário do Catete, desejando contratar um bom vaqueiro, recebeu ótimas informações a respeito do senhor Juvenal. Sem maiores dificuldades o localizou e formalizou a contratação.

Ocorre que seu irmão Pedro Ferreira de Barros, respeitado latifundiário da região, que há tempos também procurava um vaqueiro para cuidar do rebanho de uma de suas fazendas, localizada nas cercanias de Japarutuba, pediu que ela o cedesse. Assim, o casal passou a residir na Fazenda Sapé, onde o garoto José Francisco viria a ser criado. Enquanto o senhor Juvenal ocupava-se na lida do gado, a senhora Conceição, além de trabalhar como cozinheira da fazenda do exigente coronel Ferreira, ficou responsável pela educação dos filhos.

Pra cada bolo uma sentença

Iniciou seus estudos na Escola Isolada nº 1, tendo como primeira educadora a professora Humbertina Barbosa, mais conhecida como Menininha.



Foram tempos difíceis. Francisco e seu irmão seguiam diariamente a pé da fazenda para a escola localizada no centro de Japaratuba. Embora a distância percorrida não fosse muito grande, exigia certo esforço físico, principalmente por se tratarem de duas crianças. Nos dias de inverno quase sempre chegavam com a roupa encharcada. Já durante o verão, em virtude da areia quente que informava com exatidão a temperatura local, a situação se complicava. Poderia até ser lúdico e prazeroso para os dois garotos o deslocamento para a escola de pés descalços, a proporcionar o contato direto com a terra, com a natureza viva, mas, na verdade, nada de divertido existia, já que o chão aquecido pelo sol escaldante tornava inevitável a formação de bolhas.

Comprovando mais uma vez ser possuidor de uma memória privilegiada, o longevo Francisco adentra no túnel do tempo para, como se voltasse a pisar aquela tórrida areia, nos revelar que da sua mochila, no momento certo, sairia o alívio para os pés que a condição financeira de seus pais permitia proporcionar:

“São vivas as recordações da minha infância. A morada na fazenda era muito boa, principalmente pelo seu aspecto natural e bucólico, pois vivíamos em contato direto com a natureza. Eu e meu irmão íamos juntos para a escola situada no centro da cidade. Cotidianamente, percorríamos a distância a pé. Na época do verão sofríamos mais devido ao terreno quente que tínhamos que cruzar, mas não deixava de ser divertido. Ao chegar na cidade, a situação amenizava, pois calçávamos os sapatos, só que a condição financeira de meus pais somente permitia adquirir um par, ficando, então, um pé

para cada um. Por conta disso, durante a estação quente, quase sempre estávamos com os pés machucados. Mas não reclamo dessa época, pelo contrário, agradeço muito a meus pais. Tenho impressão que o sofrimento calcifica a dor e as feridas, tornando satisfatórias tais memórias. Assim, não tenho nada a reclamar desse tempo. Na verdade, sou muito feliz pela infância que tive, apesar de difícil e sofrida em certos momentos, mas sou grato principalmente a Deus, pois tais dificuldades contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional”.

Sem nunca se descuidar dos estudos, além de ajudar nos afazeres domésticos, Francisco contribuía no intuito de ampliar a renda familiar. Nos finais de semana, logo nas primeiras horas da manhã, após ajudar o senhor Juvenal na ordenha do gado, apeava o cavalo e partia para a cidade no intuito de vender o leite ainda fresquinho. Por volta das seis horas já estava no ponto de sempre oferecendo o produto.

Dona Conceição, por outro lado, era cozinheira de mão cheia. Para as atividades do fogão, contava com o auxílio de Antonieta da Silva, carinhosamente chamada Mãeta, que além de possuir os mesmos dotes culinários, muito ajudou na criação dos Franciscos, prestando, inclusive, sua colaboração à geração seguinte. Com total domínio do fogão à lenha, a matriarca criava pratos deliciosos. Era igualmente prendada tanto no preparo de salgados quanto de doces. Fazia o mais delicioso pé de moleque da região.

O garoto José era muito educado e comportado. As traquinagens e peripécias que aprontava eram típicas das crianças de sua idade. Nunca chegou a apanhar do pai, mas, por diversas vezes, certa peça circular de madeira, provida por um cabo, intitulada



palmatória, foi utilizada por sua mãe como forma de educá-lo. Foi justamente por conta do seu famoso pé de moleque que em uma dessas vezes a palmatória entrou em cena.

Certo dia, como de costume, saiu para comercializar a deliciosa iguaria na estação ferroviária local. Cada pé de moleque era vendido ao preço de um tostão. Assim que o trem parava na estação, Francisco subia no vagão com uma bandeja no ombro, percorria a classe oferecendo o produto aos passageiros e descia na estação seguinte. Ao final da manhã, após subidas e descidas, apurava o valor vendido, confrontava com os pés de moleque restantes e retornava para fazenda. Geralmente tudo terminava bem, sendo o valor arrecadado entregue à sua mãe junto com as sobras dos doces. Só que naquele determinado dia faltou um “bendito” pé de moleque.

Acontece que um passageiro, ao pedir o produto, disse que efetuaria o pagamento antes da próxima parada. Como sempre ocorria, Francisco tinha que descer do trem na estação seguinte. Ao deixar o vagão, aproximou-se da janela do passageiro e pediu-lhe que jogasse o dinheiro. O trem finalmente partiu e ele correu acompanhando o veículo, mas o comprador não arremessou a moeda. Quando chegou em casa, dona Conceição, ao conferir a venda do dia, de imediato verificou que faltava um tostão. Apesar de Francisco explicar-lhe como de fato tudo ocorreu, houve, a princípio, um descrédito acerca da narrativa por parte de sua genitora que, ao constatar que algo semelhante nunca antes acontecera, resolveu, de qualquer sorte, aplicar-lhe uma reprimenda para servir de exemplo.

O garoto de outrora que certamente chorou ao receber aquela injusta punição, hoje, um quase centenário

rio senhor, com semblante sorridente, apresentando-nos, desde já, uma das suas características marcantes, o bom humor, sinal daqueles que não guardam mágoa alguma no coração, nos relata que o lamentável desfecho dessa história, no fundo, pode ter contribuído para nele despertar o interesse pela futura profissão:

“O episódio do pé de moleque é um fato que marcou demais a minha infância, não pela surra de palmatória que levei, mas pelo fato de minha mãe, de início, não ter acreditado em meu relato, pois não tinha intimidade com a mentira, já que justamente por orientação dela sempre procurei falar a verdade. Assim que cheguei à fazenda, ela contou os pés de moleque e percebeu que faltava um tostão. Conteí, então, a história conforme havia ocorrido, porém, ela, inicialmente, não acreditou, achando que eu tinha comido o doce. Somente após insistir na narrativa foi que ela acreditou, todavia, para servir de exemplo, mandou que eu pegasse a palmatória para receber uma lição. Lembro que levei três ‘bolos’ em cada mão, e para cada um tinha a sentença correspondente: este é para você ser mais esperto; este para você não acreditar em tudo que lhe dizem; este para você nunca mais chegar em casa faltando um tostão... E assim prosseguiu até o final. Não fiquei com trauma pela dura reprimenda, nem, tampouco, magoado com minha mãe. Penso até que o ocorrido fez com que eu me vinculasse ainda mais a ela. Foi um outro fato que muito contribuiu para formar a minha personalidade, não só enquanto homem, mas, também, como profissional do direito, na busca da

verdade. Hoje, até acredito que a surra que tomei com aquele objeto feito de madeira de sucupira, com cabo comprido e cabeça redonda, que provocava intensa dor, serviu também para despertar o interesse pela futura profissão que abraçaria, mormente no tocante à minha atuação como juiz membro junto ao Tribunal Regional Eleitoral do meu estado, pois, como acima relatei, pra cada 'bolo' uma sentença".

Após concluir a alfabetização, por conta da devoção de sua mãe, Francisco foi estudar no Colégio São José, permanecendo lá, contudo, somente por dois anos. A religiosidade de sua genitora fez com que o matriculasse posteriormente no Externato Jesus Cristo Rei, que era administrado pelas religiosas da Congregação das Irmãs do Espírito Santo, tendo como diretora a Irmã Leticia dos S. Pedros.

"Embora não me lembre de fatos relativos ao período em que estudei nesse tradicional e respeitado local de ensino de Japaratuba, também conhecido como Colégio das Freiras, algo jamais saiu da minha mente. Seu lindo fardamento trazia na parte frontal a reprodução de uma bela hóstia, como imagem representativa da Instituição. Acredito que tal lembrança perdure até os dias atuais, posto que, na minha adolescência pobre, às vezes que me senti bonito e elegante era sempre que vestia a farda do colégio", recorda o aplicado ex-aluno.



Turma de formandos de 1941 do Externato Jesus Cristo Rei, onde se vê o jovem Francisco à direita, ao lado da Irmã Letícia. Acervo de J.F.R.



Certificado de conclusão do Curso Primário. Acervo de J.F.R.

Pensando sempre em proporcionar uma boa formação para os filhos, seus pais, apesar dos poucos recursos existentes, cogitaram a possibilidade de enviar o primogênito para estudar em Aracaju. Só que a situação financeira figurava realmente como grande empecilho.

Então, no intuito de aumentar a renda familiar, objetivando concretizar tal intento, dona Conceição, graças à sua criação de porcos e galinhas, conseguiu reunir uma quantia suficiente para custear os estudos do filho na capital sergipana.

É possível que a devota de São José tenha pedido e contado também com a intercessão de São João Bosco no sentido de viabilizar uma vaga para Francisco estudar, na condição de interno, no Colégio Salesiano. Com a intercessão ou não do santo de maior devoção mundial entre os jovens, aclamado pelo Papa Pio XI como “O Pai e Mestre da Juventude”, o fato é que o jovem Francisco foi matriculado no concorrido Colégio Salesiano em Aracaju. Entretanto, somente estudou naquele conceituado estabelecimento de ensino por um ano, devido a um abalo sofrido nas finanças da família.

Registre que, na verdade, as finanças, embora modestas, iam bem, afinal, seu Juvenal continuava regularmente recebendo seu salário e dona Conceição trabalhando como cozinheira e vendendo seus ovos, galinhas, porcos, doces e salgados.

Acontece que a Fazenda Sapé, de um dia para o outro, foi vendida e o novo proprietário, o senhor Leopoldo Calumbi Barreto, como primeira atitude, decidiu demitir quase todos os empregados, dentre estes, os mais antigos. Os pais do dedicado aluno do Colégio Salesiano encabeçaram a lista.

A nova realidade instalada tornou insustentável a sua permanência no internato e foi inevitável o seu retorno para o Vale do Cotinguiba. Um regresso traumático. Primeiro, por ser, de todo, inesperado. Segundo, porque Francisco, além de se encontrar perfeitamente adaptado

àquele ambiente educacional, usufruía de um ensino de muita qualidade, imprescindível para sua formação.

Com o dinheiro da indenização recebida por conta da inesperada demissão, senhor Juvenal comprou um sítio localizado próximo à Fazenda Sapé, onde passou a cultivar frutas e verduras.

O ex-aluno do Salesiano faz a seguir o relato de um dos episódios mais difíceis vivenciados em sua juventude e, ao final, nos brinda com a lição de que a gratidão, de fato, é a rainha das virtudes:

“Certamente, a venda da Fazenda Sapé, local onde fui criado e meus pais por muito tempo trabalharam, fato que culminou com a demissão de ambos e, por consequência, com meu retorno para Japaratuba, foi um dos episódios mais marcantes que vivi em minha juventude. Por já ter certa idade e compreender muita coisa, pude vivenciar o sofrimento de meus pais. Não tenho dúvida de que o ocorrido muito serviu para que eu pudesse enfrentar, sempre com dignidade, as dificuldades ao longo de minha vida, na certeza de que iria transpor todo e qualquer obstáculo. É algo ainda tão vivo em minha mente que lembro que com o dinheiro recebido da indenização meu pai comprou um sítio pela exata quantia de três contos de réis e lá fomos morar. Era um imóvel pequeno, media apenas vinte e sete varas de largura, mas muito bonito e aconchegante. Possuía água, muitos pés de frutas e uma área onde passamos a cultivar verduras. Hoje, por herança, é minha a propriedade. Embora só me dê despesa, não troco e não vendo. É um bem de enorme valor afetivo”.

E prossegue o ex-aluno:

“Por óbvio, para mim, foi duro o fato de deixar o colégio e retornar para Japaratuba, mas, com certeza, muito mais difícil para meus pais. Agradeço, por isso, também a eles pelo exemplo de força e dignidade com que enfrentaram aquela traumática situação. Não tenho dúvida de que o esforço de meus pais de me manterem, mesmo que por apenas um ano no Colégio Salesiano, deveras acrescentou na minha formação. Sou feliz porque o bom Deus me permitiu, como forma de agradecimento, proporcionar-lhes conforto e carinho”.

O outro Francisco

O regresso para Japaratuba, muito embora tenha ocasionado um enorme prejuízo para os estudos de José Francisco, proporcionou ao menos uma coisa positiva, qual seja, o retorno ao convívio com seu único irmão, Francisco de Assis, rompido logo que ingressou no internato na capital.

A diferença de idade de apenas quatro anos contribuiu para que desde cedo fossem bastante unidos, mas pouco parecidos. As semelhanças existentes limitavam-se ao prenome composto com destaque para o homônimo Francisco, presente no intuito de preservar uma tradição instituída pelo lado paterno, bem como à primeira graduação, uma vez que ambos formaram-se em contabilidade. No mais, apesar do enorme vínculo fraterno, sempre foram muito diferentes. Enquanto o mais velho não era adepto ao bigode, não usava

óculos, possuía baixa estatura e tinha temperamento comedido, o mais novo ostentava um discreto e charmoso bigode, usava óculos, possuía estatura mediana e era afoito e impaciente.

O primogênito de Juvenal e Conceição, além de ser uma pessoa bem humorada e detentor de uma admirável oratória, como veremos oportunamente, revelou-se um atento ouvinte e grande narrador quando se trata de uma boa história. Revisita, por isso, suas lembranças e volta ao Externato Jesus Cristo Rei para falar das diferenças entre os irmãos Francisco:

“Sempre fomos muito próximos, mas bem diferentes. Nossas dessemelhanças me fazem lembrar uma história que ouvi ao final de uma determinada aula de catecismo ministrada pela Irmã Leticia a respeito da diferença existente entre outro Francisco e um certo Antônio, a saber, São Francisco de Assis e Santo Antônio de Pádua. Como frades franciscanos que viveram na mesma época, tendo o primeiro nascido na Itália e o outro em Portugal, comenta-se que alimentavam o desejo de se conhecerem. Corria também a notícia de que o filho de Assis tinha um rosto muito bonito, atributo que o natural de Pádua não possuía. Ocorre que enquanto anunciadores do evangelho e habitantes deste mundo nunca se cruzaram. Quando, finalmente, se encontraram na glória do Pai, Santo Antônio de Pádua, notando que São Francisco de Assis mostrou-se por demais surpreso, iniciou o seguinte e breve diálogo:

- Qual o motivo do espanto, Assis?
- É que sua aparência é estranha!



- *Irmão, Irmão, cada um como Deus o fez.*
- *Agora sei por que dizem que meu rosto é mais belo que o seu.*
- *Mas em compensação seu grau de santidade é menor do que o meu.”*

Essa história, contada com leveza e bom humor pela sua professora, certamente para ilustrar algum assunto ou fixar determinado tema, é perfeita para confirmar que embora o ser humano tenha sido criado à imagem e semelhança de Deus, cada um possui seus próprios atributos, características e peculiaridades.

O caçula era muito amado por seus pais e querido pelo irmão. Já adulto trabalhou em algumas empresas do comércio aracajuano. Seu jeito afoito e temperamento impaciente por certo não colaboraram para que criasse raízes nas empresas por onde passou.

“Lembro que trabalhou por apenas dois dias em ‘A Fonseca’, uma tradicional casa comercial da capital sergipana. O proprietário, senhor João Fonseca, tinha por hábito, quando contratava alguém, ele mesmo simular a embalagem de certo produto e logo em seguida desembrulhá-lo, como forma de ensino e aprendizagem para o novo empregado, solicitando a este que embalasse o produto, para verificar se havia aprendido. Caso não empacotasse de forma correta, pacientemente, senhor João repetia a operação para que o empregado fizesse mais uma tentativa. Na terceira vez, Francisco disse ao patrão que daquele jeito ele não conseguiria e se o senhor Fonseca quisesse daquele modo ele

mesmo o fizesse ou contratasse outro empregado. Senhor João optou pela segunda sugestão, informando a Francisco que a porta da rua era a serventia da casa”, recorda o primogênito.

Por não conseguir estabelecer sólidas relações de trabalho em sua terra natal, decidiu, então, ir para São Paulo. Lá, formou-se em Contabilidade na Escola Álvares Penteado, exercendo com brilho e muito profissionalismo a profissão que abraçou. Casou-se com a prima carnal Ana Rocha, com quem teve uma única filha, Luciana Rocha.



O irmão Francisco de Assis Rocha. Acervo de J.F.R.

José, que nessa época era sócio da Associação Atlética Banco do Brasil – AABB/Aracaju, no intuito de proporcionar conforto e lazer ao irmão e sua família, resolveu também associar-se à mesma entidade sedia-

da no maior estado da federação, a fim de que Assis, na condição de sócio dependente, pudesse gozar dos benefícios abebeanos.

Faleceu na tarde do dia 1º de setembro de 1985, um domingo, vítima de acidente automobilístico, justamente quando retornava de um desses dias de lazer na AABB. Rochinha, com muito pesar, viajou para aquele estado no intuito de se despedir do seu irmão e conduzi-lo à sua última morada.



Capítulo III

Início da Vida Profissional

O caixeiro da Rua João Pessoa

O fato de José Francisco ter estudado por um ano no Colégio Salesiano muito contribuiu para que seu retorno para Japaratinga e, conseqüentemente, a volta ao convívio com seu irmão durasse muito pouco tempo.

Certo dia, em conversa com o senhor Leopoldo, enquanto aguardava a liberação da quantia indenizatória, Juvenal comentou a respeito do seu filho, informando se tratar de um jovem inteligente e dedicado aos estudos que teve de deixar o colégio interno na capital e regressar para o município em virtude de sua repentina demissão.

O fazendeiro, ao ouvir o relato, comoveu-se com a situação e, sentindo-se responsável pelo desfecho,



disse que o rapaz iria ficar em sua casa em Aracaju. Abria-se, então, a possibilidade do retorno aos estudos na capital.

E realmente Francisco voltou a morar em Aracaju. Só que a coisa não ocorreu tal qual prometera o latifundiário. Logo se constatou que o “ficar em sua casa”, na verdade, era trabalhar em sua casa comercial, e não morar em sua residência. Nesta apenas permaneceu enquanto encontrava um imóvel para alugar.

Ocorre que o senhor Leopoldo Calumbi, além de agropecuarista, era empresário, proprietário da Ótica Barretto. E assim, o retorno aos estudos foi concomitante à conquista do primeiro emprego.

Sempre procurando extrair bons ensinamentos das situações postas e manter-se fiel à virtude da gratidão, o ex-caixeiro da Ótica Barretto nos fala do início de sua vida profissional:

“Apesar dos danos causados pelo senhor Leopoldo Barretto à minha família com a demissão de meus pais, sou-lhe muito grato não só por ter me proporcionado o primeiro emprego, mas também por toda orientação transmitida, tanto de cunho profissional quanto para a vida. Morando em Aracaju, passei a conviver mais com ele do que com meus pais. Reconheço que houve um grande esforço da parte dele em querer realmente me ajudar, tanto que logo conseguiu uma pensão barata que tive condição de alugar. Trabalhei na Ótica Barretto durante dois anos. A empresa funcionava na rua João Pessoa, nº 68, defronte onde hoje está localizado o Edifício Norcon. Era caixeiro, atendente de balcão,

mas fazia de tudo um pouco. Chegava sempre cedo, abria a loja, limpava o ambiente, arrumava as vitrines, atendia os clientes e também era responsável por fechar o estabelecimento ao final do dia. Praticamente tudo era comigo. O senhor Leopoldo cuidava apenas das situações que de fato necessitavam da intervenção do proprietário. Foi, sem dúvida, um período de muito aprendizado e amadurecimento”.



Primeiro trecho da antiga rua João Pessoa, onde se vê, no lado direito, na direção do terceiro veículo, o prédio onde funcionava a Ótica Barretto. Foto do livro Aracaju Romântica que Vi e Vivi – anos 40 e 50.

José sempre foi um empregado assíduo, pontual, dedicado e muito comprometido com a empresa. Desfrutava da total confiança do patrão, assim como da admiração dos clientes, pela atenção e fino trato a eles dispensados. Foi justamente o bom atendimento proporcionado a um deles que serviu de passaporte

para que deixasse seu primeiro emprego a fim de alcançar voos mais altos.

O senhor Antônio Soares, mais conhecido por Soares, conceituado profissional da contabilidade sergipana, que tinha sido contador da empresa Ribeiro Chaves e na ocasião respondia pelo setor contábil da Companhia Nordeste de Seguros, certa feita comprou uns óculos na Ótica Barretto. Por algumas vezes retornou à casa comercial para, como cliente especial, reclamar diretamente com o senhor Leopoldo que o bem adquirido não estava adequadamente ajustado ao seu rosto, necessitando, por isso, de regulagem. Todavia, o cliente continuava a se queixar. Em determinado dia, o patrão informou a Francisco que, se o senhor Soares lá chegasse procurando-o, comunicasse que ele havia saído, determinando que o auxiliasse, pois não aguentava mais tentar ajustar seus óculos, acreditando que o defeito estivesse no rosto dele.

“Recordo que pouco tempo depois de receber a recomendação do senhor Barretto, o contador Soares adentrou à ótica, perguntando pelo meu patrão. Informei, então, que ele não se encontrava e que ia ajudá-lo no que preciso fosse. Em suma, para a felicidade de ambos, consegui ajustar os óculos exatamente como desejava o vaidoso contador. O fato fez com que surgisse uma amizade. Algum tempo depois, ao retornar à empresa, perguntou-me se eu não gostaria de trocar o balcão da ótica por uma mesa num confortável escritório, pois percebia que eu combinava mais com o ambiente sugerido. Respondi afirmativamente”, lembra o prestativo balconista.

Tratava-se realmente de um belo voo, uma vez que o convite era para trabalhar na Companhia Nordeste de Seguros, uma sólida e bem estruturada empresa genuinamente sergipana, a maior do ramo à época, com agências e escritórios em várias capitais do país, que tinha como acionistas principais os senhores Constâncio Vieira, Júlio Leite, Godofredo Diniz Gonçalves e Gabriel Curvelo Sampaio.

A oferta do novo emprego, contudo, trazia duas implicações. Primeira, teria que se submeter a uma prova de conhecimentos gerais e matemática. E a segunda, caso fosse aprovado, assumiria de imediato as novas funções, ou seja, deixaria de pronto o balcão da ótica, uma vez que a seguradora necessitava ocupar a vaga com urgência. Por outro lado, além de passar a integrar o quadro de empregados de uma conceituada empresa, gozaria de uma significativa melhora salarial, pois passaria para a casa dos três dígitos, saltando de 70 mil reis mensais para 500 mil reis.

“Confesso que não tinha preocupação com as provas, pois sentia-me preparado, tanto que passei com certa facilidade. Mas, desde o comunicado inicial, vi que minha dificuldade seria no tocante à admissão imediata pela seguradora e conseqüentemente o desligamento da ótica do mesmo modo abrupto. Algumas perguntas sem respostas me surgiram. Como deixar de forma tão brusca a empresa onde já trabalhava há dois anos? Como dizer ao senhor Barretto, que tanto me ajudou, que estava deixando sua empresa? Sentia que estava agindo com ingratidão. Disse ao senhor Soares que desejava iniciar no novo emprego, mas queria dei-



xar a ótica de forma correta e com respeito e consideração ao senhor Barretto. Então, ele me orientou para que fosse à Livraria Regina, procurasse o senhor José Apóstolo, seu amigo e proprietário da casa comercial, e comprasse um formulário de aviso prévio. Assim procedi. Com o auxílio do amigo contador preenchi o documento e entreguei ao senhor Leopoldo que, a princípio, ficou surpreso e, de certa forma, decepcionado, mas, posteriormente, entendeu que se tratava do meu crescimento profissional. Por ocasião da minha saída, foi muito justo e generoso comigo, pois me entregou um cheque, a título de gratificação e reconhecimento pelos meus serviços prestados, no valor de 2 contos de reis, uma expressiva soma de dinheiro na ocasião. Resolvi, então, abrir uma conta no antigo Banco Rezende Leite para depositar a quantia, a fim de render juros e servir de reserva financeira”, recorda o previdente poupador.

Era certo que o documento indispensável para que Francisco deixasse a Ótica Barretto de forma respeitosa, demonstrando gratidão a quem lhe estendeu a mão para o primeiro emprego, seria adquirido na tradicional Livraria Regina que, literalmente, no ramo, reinou por anos no comércio aracajuano. Durante décadas, além de vender todo tipo de artigo de papelaria, material escolar e itens para escritório, foi palco para lançamento de livros e local de encontro da intelectualidade sergipana.



Segundo trecho da antiga rua João Pessoa, onde se vê, no lado esquerdo, o prédio onde, no térreo, estava instalada a Livraria Regina. Foto do livro *Aracaju Romântica que Vi e Vivi – anos 40 e 50*.

O grande memorialista sergipano Murillo Melins, em seu livro intitulado *Aracaju Romântica que Vi e Vivi – Anos 40 e 50*, com a precisão de um insigne historiador, ao informar que a Livraria Regina tinha como endereço o nº 137 da rua João Pessoa, localizado no segundo trecho do hoje denominado Calçadão da João Pessoa, nos premia com o seguinte informe:

“Ali, compareciam religiosamente todas as tardes filósofos, ensaístas, poetas, historiadores, artistas plásticos. Lembramos da figura mignon do filósofo Elpídio Ribeiro Nunes, declinando os aforismos de Nietzsche; do jornalista Austragésilo Porto, defendendo a filosofia de Marx e Engel; do jornalista combativo e polêmico Nunes Mendonça; dos poetas, Clodoaldo Alencar, recitando ‘A Pérola’; Dermeval Manguiera, exibindo seu último livro ‘Jabotiana’; e Santos Souza, mostrando seus belos poemas sociais”.



Solenidade do lançamento do livro *Cajueiros dos Papagaios*, realizado na Livraria Regina. Foto do livro *Aracaju Romântica que Vi e Vivi – anos 40 e 50*.

O empregado do ramo de seguros

Após cumprir os 30 dias de aviso prévio, ingressou na Companhia Nordeste de Seguros. Inicialmente, exerceu a função de escriturário, que consistia em registrar as apólices e organizar os livros com a recomendação de que os mesmos não podiam sofrer rasuras.

Por possuir uma bela escrita, graças às lições de caligrafia aprendidas no Externato em Japarutuba, não sentiu dificuldades no preenchimento dos livros, sendo, inclusive, em pouco tempo, elogiado por seus superiores pelo desempenho funcional. Vejamos o que nos revela a respeito o então neófito escriturário:

“Quando comecei a trabalhar na Nordeste Seguros, não tinha dúvida de que ia desempenhar

muito bem a função. De imediato, pude perceber quão importantes foram as aulas de caligrafia ministradas no Jesus Cristo Rei. Certa manhã, ainda com pouco tempo na empresa, o encarregado do serviço comentou com o chefe do setor, senhor Pimentel, acerca da minha bela caligrafia, bem como do asseio e da correta escrituração dos livros. Por óbvio vibrei com os elogios. Logo conclui que foi acertada a decisão que tomei. Aos poucos, fui adaptando-me ao novo ambiente, familiarizando-me com os enormes livros de registro, acostumando-me com o fato de agora trabalhar sentado e habituando-me em diariamente tomar, por algumas vezes, o tórrido e delicioso cafezinho servido pelo gentil garçom”.

Com empenho, dedicação e sobretudo muita responsabilidade no desempenho de suas funções, Francisco foi adquirindo experiência e ganhando cada vez mais a confiança da chefia e a admiração dos sócios da companhia. A confirmação do seu crescimento profissional veio com a nomeação para o cargo de gerente.

O feito se configurava como uma enorme conquista para o fruto da união de um vaqueiro com uma cozinheira. O filho daquele que um dia aboiou gado no Vale do Cotinguiba assumia aos 25 anos de idade uma gerência na conceituada Companhia Nordeste de Seguros. José, que sempre foi grato a seus pais pela educação, zelo e amor transmitidos, começava, enfim, a proporcionar-lhes o conforto merecido.



Senhor Juvenal com o seu primogênito. Acervo de J.F.R.

O contador

Foi justamente ao ingressar na vida profissional que também iniciou os estudos que o levariam a concluir sua primeira graduação: o curso de Contabilidade. Realizado numa época em que os cursos superiores ainda não faziam parte da cena educacional do nosso estado, o ensino profissionalizante despertou o interesse da população jovem. Em virtude dessa ausência, as escolas técnicas desempenhavam um importante papel e, dentre elas, destaca-se a Escola de Comércio Conselheiro Orlando, onde Francisco matriculou-se em 1943.

Trabalhava pelo dia na Ótica Barretto e, posteriormente, na Companhia Nordeste de Seguros, e estudava à noite. A pioneira escola de ensino contábil, com sede na Praça Camerino, foi criada em 1923, sendo regulamentada através do Decreto nº 17.329, de 28 de maio de 1926, coincidentemente, no ano do seu nascimento.

Segundo informou a mestrandia em educação pela Universidade Tiradentes Luciana Matos dos Santos Figueiredo Barreto, em seus estudos acerca dos primórdios da contabilidade em Sergipe, registrou-se no ano de sua regulamentação uma matrícula de 31 alunos, consolidando o ensino da contabilidade em nosso estado. Nos anos seguintes, o número de matriculados indicava o crescimento e o conceito de que gozava a escola perante a sociedade sergipana.

Em seu livro intitulado *História da Educação em Sergipe*, a historiadora Maria Thetis Nunes tece um importante comentário a respeito:

Esse desempenho era causado pela absorção dos seus egressos no comércio local, o que mereceu uma mensagem à Assembleia Legislativa de Manuel Correia Dantas, Presidente do Estado, em 07 de setembro de 1927, reconhecendo os serviços prestados por aquela instituição em favor do ensino profissional para a juventude sergipana.

Foi, indubitavelmente, por muitos anos, um verdadeiro celeiro de promissores alunos e notáveis professores.



Prédio onde funcionava a Escola de Comércio Conselheiro Orlando. Foto do livro Educadores de Sergipe à Luz da República – 1911 a 1971.

O curso da Escola de Comércio Conselheiro Orlando possuía dois níveis de ensino, o Propedêutico (Curso Comercial Básico), com duração de 3 anos, e o Técnico de Contabilidade, 4 anos. Oferecia as seguintes disciplinas: Português, Francês, Inglês, Matemática, Aritmética, Geografia, História do Brasil, História da Civilização, Corografia, Álgebra, Geometria, Física, Química, Histó-

ria Natural, Estenografia e Contabilidade. Francisco teve como professores: Luiz Garcia, Padre Edgar Brito, Osmar Aragão, Marcos Ferreira de Jesus, José Rollemberg Leite, Miguel Resende, Autran Nascimento, Tennyson Ribeiro, Adolfo Barreto de Ávila, Edirany Sales de Oliveira, Maria Epifânia Almeida, Maria Pimentel Ribeiro, Maria da Glória G. Leite, José Amado Nascimento, José Barreto Fontes e Manuel Cabral Machado.

A Escola de Comércio Conselheiro Orlando funcionou com tal denominação até 1944, uma vez que o Decreto-Lei Estadual nº 405, de 10 de abril de 1944, além de alterar o nome do estabelecimento de ensino para Escola Técnica de Comércio de Sergipe, autorizou o aproveitamento dos professores. O aluno José Francisco da Rocha colou grau em Contabilidade no ano de 1950, juntamente com outros 57 concludentes, turma que teve como paraninfo o professor e, posteriormente, governador do estado de Sergipe, no período de 1959 a 1962, Luiz Garcia.



Turma de formandos em Contabilidade de 1950 da Escola Técnica de Comércio de Sergipe. Acervo de J.F.R.



Capítulo IV

A Família

Uma mulher chamada Anita

Foi num final de tarde, em certo mês do outono de 1946, que Francisco conheceu aquela que seria sua futura esposa e mãe dos seus cinco filhos.

Ao retornar de mais um dia de trabalho da Companhia Nordeste de Seguros para sua residência, um pensão de propriedade dos pais do professor Jouberto Uchôa, localizada na avenida Barão de Maruim, a fim de se preparar para enfrentar seu terceiro turno de atividade, que tinha como palco a Escola Técnica de Comércio de Sergipe, quando transitava pela rua Santa Luzia, avistou uma jovem que chamou bastante sua atenção. Era a doce e encantadora Ana Macieira Aguiar, carinhosamente chamada de Anita, filha do casal José de Aguiar Menezes e Maria Macieira Aguiar.

Anita era natural de Maruim, onde morava com o irmão Pedro Aguiar, mas estudava em regime de internato

no Colégio Imaculada Conceição, localizado no município de Capela. Geralmente vinha passar as férias escolares em Aracaju, na casa da tia Mana, situada na rua Santa Luzia, no centro da capital sergipana.

Foi justamente num desses períodos que Francisco e Anita trocaram os primeiros olhares. Do primeiro olhar ao início do relacionamento não demorou muito. Ao fim do recesso escolar retornou para o internato. O namoro, a princípio, se deu por correspondência. As diversas cartas de amor trocadas entre o casal embalaram a relação ao longo de 1 ano.

O fato de Anita estudar em regime de internato no também chamado Colégio das Freiras, instituição que viria a ser seu primeiro local de trabalho, não serviu de obstáculo para o início do namoro de forma presencial. Francisco, uma vez por mês, ia para Capela encontrar com sua amada. Dirigia-se para lá no sábado à tarde e retornava nas primeiras horas da manhã da segunda-feira. Hospedava-se em uma pensão localizada no centro da cidade.



**Prédio do Colégio Imaculada Conceição.
Acervo do próprio estabelecimento de ensino.**

Não foi difícil para aquele rapaz de boa aparência, fino trato, conversa segura, sérias intenções, residência fixa, bem empregado, aluno de uma das melhores escolas da capital e que adentrava no internato sempre levando rosas, conquistar a simpatia e confiança das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, congregação responsável por administrar tão conceituada entidade de ensino.

Assim, sob a austera vigilância das freiras, o namoro que tinha como cenário o átrio daquele estabelecimento de ensino foi autorizado pela diretora, a Irmã Admirabile. É possível que aqueles momentos de encontro verificados num ambiente de ensino cercado por certa atmosfera de religiosidade, bem como o convívio com as Irmãs, tenham tornado o jovem Francisco mais temente a Deus. Entretanto, a situação exigia que, embora estivesse com um olho em sua amada, direcionasse sempre o outro para a religiosa de plantão.

As idas e vindas para Capela duraram também cerca de 1 ano. Foi quando Anita, após concluir os estudos naquela cidade, veio de modo definitivo para a residência de sua tia Mana, a fim de se preparar para a realização das provas do concurso para o cargo de professora da rede estadual de ensino.

O simpático e galanteador José nos traz um apaixonante relato acerca desse período de namoro, mas nos revela também que a mulher por quem havia se interessado com intuito de unir-se em matrimônio pensou em abraçar outra vocação:

“Eu me encantei por ela na primeira vez que a vi. Sempre fui muito apaixonado e adorava presenteá-la com flores. Como tinha um emprego fi-



xo e boa remuneração, pensava logo em me casar. Ela pertencia a uma excelente família. Seus pais já eram falecidos. Os irmãos, além de muito unidos, possuíam ótima formação. Seu irmão mais velho, Joel Macieira Aguiar, ocupava o cargo de juiz de direito de Maruim. Sempre gozei da confiança das religiosas, bem como de sua tia Mana e de seus irmãos. Ela, durante o período de internato no Colégio das Freiras, foi preparada para a vida religiosa e sentiu-se bastante atraída por tal vocação. As Irmãs, na verdade, tentaram convencê-la a ingressar no seminário, mas, graças a Deus, o meu amor falou mais alto”.

Para um jovem apaixonado e ávido por constituir família, o pedido de casamento era só uma questão de tempo. E este instante aconteceu de forma muito divertida. Vejamos o que nos conta a respeito o, à época, confiante noivo:

“Convicto de que a vida matrimonial era desejo de ambos, decidi formular o pedido, pois era costume naqueles remotos tempos. Fui à cidade de Maruim pedir ao seu irmão mais velho a mão de Anita em casamento. Entretanto, não fui só, mas acompanhado por uma comissão de amigos em comum dos noivos. Após externar o meu intento, o juiz da comarca solicitou que aguardasse um pouco na antessala do seu gabinete, enquanto ele conversava com os demais irmãos. Alguns minutos depois, fui informado pela comissão que meu pedido tinha sido negado. Nos segundos seguintes veio o alívio. Logo me comunicaram que tudo não passava de uma brincadei-

ra. Todos rimos descontraidamente. Dali já saí com a data do casamento marcada”.

José Francisco da Rocha e Ana Macieira Aguiar casaram-se numa manhã de sábado, no dia 23 de julho de 1949, na cidade de Maroim, com “o”, pois esta era a grafia correta à época.



Casamento de José Francisco da Rocha e Ana Macieira Aguiar, realizado na residência do seu irmão Joel Macieira Aguiar. Acervo de J.F.R.

A cerimônia foi realizada na residência do irmão da noiva Joel Macieira Aguiar, que juntamente com sua esposa, Maria José Cabral Aguiar, foram padrinhos da noiva. Já o casal Antônio Soares de Santana e Celita Brito de Santana abrilhantou a solenidade como padrinhos do noivo. Assinaram o livro de ca-

samentos na condição de testemunhas João Quintiliano da Fonseca e o desembargador Hunaldo Santaflor Cardoso. O juiz substituto Mabel Fernandes de Seixas Brito presidiu a celebração.



Os noivos, no momento da assinatura do livro de casamentos, cercados por inúmeros convidados, onde se vê, ao centro, do lado da noiva, o juiz celebrante, Mabel Brito. Acervo de J.F.R.

Na sala do sobrado do juiz Macieira foi preparado um altar cuidadosamente ornado com flores e velas onde os noivos puderam responder com um “sim” àquela que seria uma bela, frutuosa e duradoura união. A noiva usava um lindo vestido branco com uma longa calda e um belo véu e o noivo trajava um elegante terno preto com uma discreta gravata borboleta de cor idêntica. Os inúmeros convidados presentes enrique-

ceram aquele ambiente com elegância, bom gosto e sofisticação tão condizentes com o ato celebrativo.



Os noivos ladeados por padrinhos e familiares. Da esquerda para direita: Celita Brito de Santana e Antônio Soares de Santana, Pedro Macieira Aguiar e Rosilda Aguiar, Joel Macieira Aguiar e Maria José Cabral Aguiar, Francisco de Assis Rocha, Maria da Conceição Rocha e Juvenal Francisco da Rocha, José Macieira Aguiar e Raul Macieira Aguiar. Acervo de J.F.R.

Após passar a lua de mel na fazenda do comerciante e amigo Luiz Melo, o casal se dirigiu para sua residência, localizada nas imediações da área central de Aracaju, imóvel que o previdente Francisco recém tinha adquirido, graças às economias feitas com o salário de gerente da Nordeste Seguros e à reserva existente em conta de poupança fruto da gratificação a título de reconhecimento pelos serviços prestados concedida pelo senhor Leopoldo Barretto.

“Havia comprado há pouco tempo, pela quantia de 40 contos, uma casa na rua Estância, em Aracaju, pois o desejo de casar e constituir família sempre fez parte dos meus planos. Era um imóvel pequeno, mas muito aconchegante, ideal para um casal ainda sem filhos. Adquiri o bem de uma senhora viúva que morava com uma única filha. Foi motivo de muita felicidade e orgulho casar e poder morar em minha casa própria. Possuía 2 quartos, sala, cozinha, varanda, 2 sanitários, uma pequena área nos fundos e um belo assoalho de taco. Como me enganou o brilho daquele verniz! Ocorre que, empolgado em possuir meu primeiro imóvel, não observei que a casa já abrigava outras famílias. Aquele lindo e reluzente assoalho escondia um enorme formigueiro. Mas nada que um eficaz veneno, após algumas aplicações, não resolvesse”, recorda o sempre bem humorado Rochinha.

Um fato que muito contribuiu para deixar mais leve e confortável o início da vida matrimonial, além de morar em casa própria, foi a proximidade da residência com o local de trabalho da professora Anita, pois ela passou a lecionar no Grupo Escolar Dr. Manoel Luiz, localizado na praça da Bandeira, a poucas quadras de sua casa.

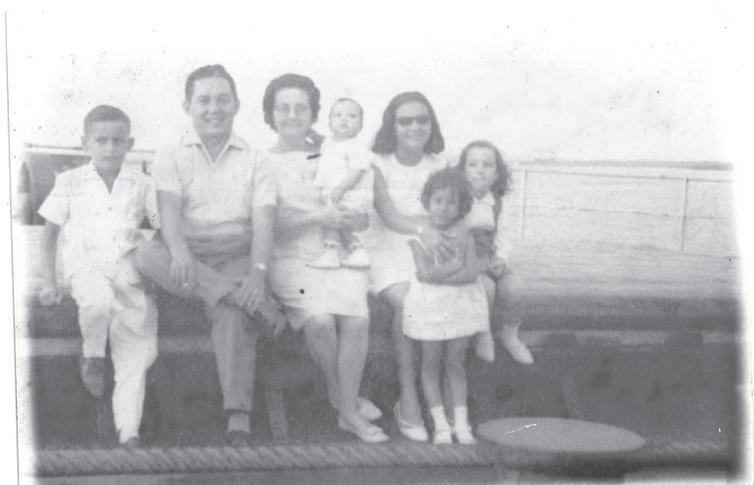


Prédio do Grupo Escolar Dr. Manoel Luiz. Foto do livro Educadores de Sergipe à Luz da República – 1911 a 1971.

Seria o começo perfeito de uma vida a dois, se não tivesse ocorrido um lamentável episódio, cuja dor provocada aos poucos foi cedendo lugar à esperança e ao desejo de cada vez mais amar e ser feliz.

E foi justamente essa vontade de amar e ser feliz, aliada ao desejo de constituir uma prole generosa, que o bom Deus os presenteou com cinco adoráveis filhos.

“Sou muito grato a Deus pelos cinco filhos que Ele me concedeu. São homens e mulheres dignos e honrados. Nunca me proporcionaram a menor contrariedade. Recordo que todos nasceram na Maternidade Francino Melo, que funcionava anexa ao Hospital Cirurgia”, fala o orgulhoso pai acerca dos seus rebentos, na certeza do dever cumprido.



O casal com os filhos. Da esquerda para direita: Sérgio, Juvenal, Conceição, Teresa e Socorro – 1964. Acervo de J.F.R.

O tempo iria se encarregar de duas coisas. Primeiro, de constatar que aquele esposo presente e pai atento às necessidades do lar estava predestinado a ser um grande e dedicado chefe de família. E, segundo, de comprovar que aquela esposa prestimosa e mãe zelosa estava muito mais talhada para a vocação matrimonial do que para a vida religiosa.

Os momentos em família

Os momentos em família sempre foram intensos, bem vividos e emoldurados por uma atmosfera de muita felicidade e verdadeira união. Essa convivência harmoniosa verifica-se desde a rua Estância, passando pela avenida Enos Sadock, até a rua Arício Guimarães Fortes, na praia de Atalaia.

“Sempre valorizei os momentos em família, pois estes fortalecem os laços afetivos, estimulando, assim, a união entre os seus entes. Sendo ela, sem sombra de dúvidas, das instituições a mais sagrada, necessário se faz lutar pela sua preservação e perenidade. Vejo o ambiente familiar como algo intransponível e indestrutível, como se protegido por um campo de força pronto para resistir a qualquer tipo de ameaça externa. Como guardião da minha família, procurei fazer de tudo para garantir tal proteção”, revela o pequeno grande centurião da família Rocha.



O casal com os filhos. Da esquerda para direita: Teresa, Socorro, Conceição, Sérgio e Juvenal – 1979. Acervo de J.F.R.

Francisco, além de adepto da boa leitura, sentia-se atraído por novos lugares, outros costumes e diferentes culturas. As viagens internacionais que realizou na companhia de sua amada para Fátima-Portugal, bem como para Jerusalém-Israel, permitiram-lhe fazer um intenso mergulho na fé católica.

Na terra dos pastorinhos, tiveram a oportunidade de vivenciar a espiritualidade mariana ao conhecer o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, visitar a Cova da Iria, entrar na Capelinha das Aparições e percorrer os mesmos caminhos por onde andaram Francisco, Jacinta e Lúcia.

Já em Jerusalém, o casal pôde pisar o mesmo chão que o Filho da Virgem Maria pisou e estar nos mesmos lugares onde o Filho do carpinteiro e protetor da Sagrada Família esteve.

Na companhia da esposa esteve também na França e no Uruguai.



Os cônjuges em viagem a Paris, França. Acervo de J.F.R.



Desfrutando da visita à terra dos pastorinhos, Fátima, Portugal. Acervo de J.F.R.



Com grupo de amigos em viagem a Montevidéu, Uruguai. Acervo de J.F.R.



A viagem a Israel também teve seu registo. Acervo de J.F.R.

O casal desfrutou de uma feliz e duradoura união, suficiente para festejar dezenas de bodas que foram consolidadas pela generosidade do tempo, embaladas pelo amor e respeito mútuos e perfumadas pelas flores de um namoro que sempre se manteve vivo. Pôde, assim, nos primeiros cinco anos de matrimônio, celebrar bodas de madeira; aos dez, de estanho; aos quinze, de cristal; aos vinte, de porcelana; aos vinte e cinco, de prata; aos trinta, de pérola; aos trinta e cinco, de coral; aos quarenta, de esmeralda; aos quarenta e cinco, de platina; aos cinquenta, de ouro; aos cinquenta e cinco, de ametista; aos sessenta, de diamante; e aos sessenta e um, de cobre. O bom Deus e o generoso tempo permitiram ainda que Francisco e Anita celebrassem, aos sessenta e dois anos de uma sólida união, bodas de telurita. Ano após ano, todas as bodas foram, cada uma a seu modo, festejadas. Algumas, porém, pelo seu simbolismo, mereceram destaque maior.

Por ocasião das bodas de prata, o jornal Diário de Aracaju, em matéria intitulada “Recados de Bodas de Prata”, escrita pelo saudoso e competente jornalista Raymundo Luiz, veiculada no dia 25 de julho de 1974, que ocupou um quarto da página daquele destacado veículo de comunicação, dentre inúmeros informes que iam desde a escolha da cidade de Brasília pelo casal para celebrar a data até registros das atividades profissionais de ambos ao longo de 25 anos de união, trouxe as seguintes linhas no introito de tão festivo e bem escrito texto jornalístico:

“No último dia 23, o casal José Francisco da Rocha e Ana de Aguiar Rocha completaram Bodas de Prata. Registrar o evento como um acontecimento social não seria o suficiente para quem se acostumou a conviver com esses dois seres humanos de uma dimensão relevante. O que marca a existência do Dr. Rochinha e de Ana na devoção recíproca e na compreensão afável desses 25 anos é sobretudo a grandeza da dedicação à família que constituíram e à comunidade a que estão vinculados”.

As bodas de ouro também foram merecedoras de um momento especial, afinal de contas, meio século de uma vida a dois é algo que, de algum modo, deve ser celebrado. Na verdade, não a dois, nem a três, muito menos somente a sete, mas entre muitos, agora inclusive com noras, genros, netos e bisnetos. Todos se reuniram no Hotel Velho Chico, localizado às margens do rio São Francisco, na cidade de Propriá. À noite, na Igreja Matriz, participaram da Santa Missa celebrada em ação de graças pela passagem dos 50 anos de união conjugal e logo após festejaram em meio a um bem servido jantar em família.



Registro familiar após a celebração da Santa Missa em ação de graças pelas Bodas de Ouro do casal. Acervo de J.F.R.

O jornal Gazeta de Sergipe que circulou no dia 24 de julho de 1999, na coluna da versátil e experiente jornalista Sacuntala Guimarães, estampou uma foto do álbum de casamento para ilustrar a nota intitulada “Bodas de Ouro”, assim escrita:

“Um revival no dia do casamento de José Francisco da Rocha, advogado e professor, e Ana de Aguiar Rocha, professora, que ontem (23/07) completaram 50 anos de casados. O Dr. Rocha, maçom emérito e grande benemérito da Loja Maçônica Cotinguiba, portador de vários títulos, diplomas, certificados, medalhas e comendas da Maçonaria e de outras instituições culturais, inclusive da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras, também já comemorou Bodas de Ouro como maçom,

em janeiro passado, oportunidade em que várias homenagens lhe foram tributadas pelas diversas Lojas, academias e maçons sergipanos. E hoje, essa coluna homenageia esse brilhante casal pela união, respeito, carinho e prova de amor. Congratulations!”



O casal com os filhos, genros, noras, netos e bisnetos. Acervo de J.F.R.



Os cônjuges com os filhos. Acervo de J.F.R.

Não poderia, por certo, existir no mundo outro metal para simbolizar tão bela união, sustentada pelo tripé do diálogo, do respeito e do amor, pois foi graças a esta tríade que Rochinha e Anita atravessaram rigorosos invernos, repletos de desafios e dificuldades, até alcançarem uma primavera de conquistas e realizações.

Outra celebração que recebeu atenção diferenciada foram os 80 anos de dona Anita. O entusiasmado esposo jamais deixaria passar em branco tão marcante data. O evento, que contou com a presença dos familiares e amigos, aconteceu na própria residência do casal, localizada no Jardim Godofredo Diniz, no Bairro Atalaia. Inicialmente, houve a celebração da Santa Missa presidida pelo Padre Arnóbio Patrício de Melo. Na sequência, filhos, netos e bisnetos prestaram-lhe homenagens e logo após foi servido um delicioso coquetel. A parte musical ficou sob o comando da encantadora e afinadíssima cantora Jussara Rocha, que fez desfilarem um repertório de belas canções.



A matriarca celebrando oito décadas de vida com as bênçãos de Deus e a presença de familiares e amigos. Acervo de J.F.R.



Dona Anita apagando a vela dos seus oitenta anos. Acervo de J.F.R.

Não é por acaso que o mineral que detém o posto de material de consistência mais dura existente na natureza representa união das mais duradouras na relação matrimonial. Não são muitos aqueles que têm a felicidade de celebrar bodas de diamante, quer por conta da interrupção natural do ciclo da vida que invariavelmente alcança um dos cônjuges, quer pelas desavenças que ocasionam as separações antes dos casais atingirem tão significativa marca. Nem o ocaso da vida, nem tampouco a possibilidade por demais remota do fim desse amor ocuparia uma das páginas do livro da vida dos amantes antes que Francisco e Anita completassem 60 anos de matrimônio. Assim como ocorreu nos 50 anos, a comemoração ficou restrita à instituição que Rochinha já definiu como a mais sagrada: a família.



A companheira perfeita para um homem especial. Acervo de J.F.R.

Entretanto, infelizmente, somente ele chegaria aos 90 anos. A ausência de sua amada, sem dúvida alguma, foi deveras sentida naquela memorável noite. Todavia, tão expressiva data também merecia ser festejada. E assim ocorreu.

O Jornal da Cidade que circulou no período de 12 a 14 de novembro de 2016, na coluna da jornalista Thais Bezerra, em matéria denominada “Rochinha celebra 90 anos cheio de vida e alegria”, trouxe uma bela e ampla cobertura do evento, brindando inclusive o leitor com mais de uma dezena de fotos. Destacamos, aqui, um trecho do apreciável texto dessa grande colunista sergipana:

“Na última segunda, 7, no salão de festas Selma Duarte, José Francisco da Rocha ce-

lebrou 90 anos com a família e muitos amigos feitos ao longo da vida. A festa foi linda e feliz. O aniversariante estava radiante, recebendo os convidados ao lado da família. Aninha Souza assinou o cerimonial impecável, Gil Apolinário, a bela decoração, David Britto, o saboroso buffet e junto a Renata Krauss, doces divinos. Everton e Banda e o DJ Sílvio de Paula animaram a noite e Juliano Oliveira fez o registro em fotos e vídeo. Exemplo de 90 anos bem vividos, Rochinha é digno de muitos vivas.”



O aniversariante com os filhos Sérgio, Socorro, Teresa e Juvenal. Acervo de J.F.R.



Com o filho Sérgio e sua família. Acervo de J.F.R.



Com o filho Juvenal e sua família. Acervo de J.F.R.



Com a filha Socorro e sua família. Acervo de J.F.R.



Com a filha Teresa. Acervo de J.F.R.



Com o genro Roberto. Acervo de J.F.R.

Em 62 anos de vida conjugal, tiveram cinco filhos — Maria da Conceição Rocha Sampaio (casada com Roberto Silveira Sampaio); José Sérgio de Aguiar Rocha (casado com Maria Eulina Nascimento Rocha); Maria do Socorro de Aguiar Rocha Ribeiro (casada com Antônio Eduardo Silva Ribeiro); Ana Teresa de Aguiar Rocha; e Juvenal Francisco da Rocha Neto (casado com Maria José Santiago Rocha) — e dez netos — Rodolfo Rocha Sampaio, Roberto Rocha Sampaio e Thalia Sampaio Lopes da Silva (casada com Wenderson Lopes da Silva), filhos de Conceição e Roberto; Marianna de Aguiar Rocha Ribeiro e Clarisse de Aguiar Ribeiro Simas (casada com Pedro Freitas Simas), filhas de Socorro e Eduardo; André Francisco Nascimento Rocha, Alícia Nascimento Rocha e Ana Carolina Nascimento Rocha (casada com Isaías Santana dos Santos), filhos de Sérgio e Eulina; e Anita Santiago Rocha e Otávio Santiago Rocha, filhos de Juvenal e Maria José. Atualmente, são cinco bisnetas — Júlia Sampaio Lopes e

Isabela Lopes da Silva, filhas de Thalia e Wenderson; Anátalia de Aguiar Ribeiro Simas, filha de Clarisse e Pedro; Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira, filha do casamento de Marianna; e Laura Rocha Santana, filha de Ana Carolina Nascimento Rocha e Isaías Santana dos Santos.

O homem acostumado a presentear sua namorada com flores permaneceu cultivando seu lado romântico ao longo da vida matrimonial. Sempre foi um esposo presente, pronto para atender a sua amada em toda e qualquer necessidade. Um chefe de família consciente de suas responsabilidades não só enquanto provedor do lar, mas, principalmente, como um atento timoneiro a conduzir bem sua prole no mar das virtudes, da moral e dos bons costumes. Um pai carinhoso, que criou os filhos com pulso firme, mas sem jamais perder a ternura. Um avô meigo, zeloso e preocupado com a criação dos netos. Um bisavô terno, cheio de afeto e com o colo sempre à espera para embalar e aquecer um novo integrante da sua terceira geração. Um sogro amigo e cortês, que conquistou a estima e o respeito dos genros e noras.

É justamente por conta de toda essa dedicação à família e por ser detentor de tantas qualidades que ele desfruta do amor, do carinho e da admiração dos filhos, netos, bisnetos, genros e noras.

Os filhos lhe são eternamente gratos por todas as lições transmitidas, pelo cuidado cotidiano demonstrado e pelo seu exemplo de trabalho, dignidade, justiça e honradez. Maria do Socorro deseja agradecer àquele que para ela é sinônimo de homem de família e modelo profissional de sucesso, sendo, por isso, seu maior exemplo e fonte de inspiração, assim:

“Dentre tantos exemplos diários transmitidos por meu pai, destaco no campo familiar o amor, o respeito, o cuidado e responsabilidade com a nossa família, culminando com a união de todos sempre. Já no campo profissional, um dos principais valores que aprendi com meu mestre, eis que fui sua aluna no curso de Direito na UFS, bem como iniciei minha vida profissional junto a ele, integrando o seu escritório de advocacia desde 1979, do qual me afastei no ano de 1986 para assumir o cargo de Defensora Pública Estadual, sem sombra de dúvidas, foi exercer a profissão respeitando a ética profissional, a ter consciência dos meus deveres e direitos, além dos exemplos básicos, de ser honesta, correta, solidária e responsável com todos os clientes e com todos os atos profissionais por mim assumidos, a exemplo de jamais deixar de cumprir fielmente com todos os prazos processuais. Valores estes que ficarão de legado para os atuais e futuros profissionais”.

E continua a filha em seu apaixonante relato:

“Falar sobre o meu pai, o faço com muito orgulho e carinho, pois ele sempre foi a minha fonte de inspiração e exemplo, tanto como ser humano quanto de um profissional de sucesso. A começar por sua trajetória de vida, eis que nasceu em uma família humilde do interior do estado e, através dos esforços dos meus avós paternos, ele veio estudar interno aqui na cidade de Aracaju, onde tudo começou. Daí, através dos estudos, do seu bom caráter, da sua integridade, honestidade, começou a trabalhar na área comercial no centro de Aracaju para ajudar a pagar

seus estudos, quando conheceu e se casou com a minha mãe, Anita, construindo uma família linda e sólida. Logo após formou-se em Direito, fez concurso para o Banco do Brasil, onde integrou o quadro jurídico dessa instituição bancária e, paralelamente, se tornou um exemplo de profissional competente, conceituado e respeitado por todos os seus clientes tanto daqui de Sergipe, como de outros estados. Sempre foi um pai presente, justo e rígido, dando-nos bons exemplos. Já como avô e bisavô, trata as netas e as bisnetas com amor e orgulho. Agradeço a Deus por tê-lo como meu pai. Ao senhor, meu pai, a minha benção, a minha gratidão e todo o meu amor.”

Ana Teresa, das filhas a mais nova, registra aqui também toda a sua admiração, estima e gratidão:

“Aprendi com meu pai a ser sincera, honesta, simples, humilde e a ter carinho e atenção com todos, bem como a olhar sempre nos olhos das pessoas, pois eles são as janelas do coração. Ele me ensinou a lutar pelos meus sonhos e a ser forte e responsável pelos meus atos. Sempre o admirei por ser um homem forte e de personalidade marcante. Exemplo de um bom esposo, pai, avô, bisavô, sempre amoroso com todos os familiares, nos dando quando necessário apoio e bons conselhos. Um profissional sempre atencioso e respeitado por todos. Por tudo isso sou eternamente grata ao meu amado pai”.

Já Juvenal Neto nos brinda com um robusto depoimento, no qual demonstra toda a sua admiração por aquele que, além de lhe ter transmitido as mais belas li-

ções para a vida profissional, foi o melhor professor para a sua formação enquanto ser humano:

“Ter cinco filhos e criar e formar todos com o mesmo padrão moral e educacional já é algo que demonstra o perfil de quem assim age e consegue o intento, como Dr. Rochinha e sua esposa, D. Anita. Seja no campo familiar seja no profissional, o maior ensinamento que Dr. Rochinha pode legar às atuais e futuras gerações é que é possível vencer na vida, seja lá qual for o significado que cada um dê a essa expressão, partindo rigorosamente do zero, por esforços e estudos próprios, sem depender de apoios outros. Vir de uma origem absolutamente humilde como veio Dr. Rocha, sem acesso à educação em boa parte da infância e adolescência, e manter-se, como ele, independente moral, institucional e financeiramente é um ensinamento grandioso. Nesse contexto conseguir se destacar nas áreas onde se fez presente, seja na cátedra, seja na maçonaria sergipana e nacional, seja na atuação entre os maiores juristas e advogados de Sergipe e do Brasil, atuando nos mais diversos tribunais, assessorando grandes grupos empresariais, pode ser apontado como extraordinário”.

E prossegue o filho caçula:

“A influência de meu pai em minha vida profissional é marcante até mesmo pelo fato de ter sido minha referência inicial quando decidi trilhar o caminho da advocacia. Meu estilo de optar por poucos, mas bons clientes, de entendê-los em suas situações de vida e de lhes dar um tratamento de aconselha-

mento pessoal vem todo de Dr. Rochinha, de tê-lo conversar com seus clientes, seja na antiga casa da rua Enos Sadock, nº 08 (Conjunto dos Bancários), seja no escritório, diante de uma mesa apinhada de papéis e livros em aparente desordem, mas que em verdade estavam arrumados metodicamente com critérios próprios, somente por ele conhecidos. Vem também de meu pai a lealdade absoluta aos amigos e aos clientes que nos confiam suas histórias de vida e às instituições às quais servimos, sacrificando nossos próprios interesses em prol delas. Vem dele, igualmente, o ser metódico, o ter o 'pé no chão', saber do nosso papel e do limite em qualquer circunstância, o respeitar os mais antigos e nunca, jamais, conseguir algo que represente perda para alguém. Presenciar Dr. Rocha, a vida toda, sem nenhuma falta, ir semanalmente – sábado ou domingo – em Japarutuba levar a ajuda para minha avó, D. Iaiá, e para Antonieta, que o criou, é algo que me marcou, e com base nessa experiência passei a fazer o mesmo a minha mãe. Dr. Rochinha é extremamente confiável, passa segurança e sabemos que suas opiniões e conselhos, quando pedimos, são frutos de reflexões cuidadosas. Sua vida foi e é intensa por demais, marcada por acontecimentos ímpares, que fazem merecer não apenas o amor filial, mas a admiração como ser humano”.

E conclui, destacando o profissional bem humorado, amiguelo e querido por todos, revelando ao final o segredo de sua longevidade:

“Embora pareça ranzinza, a espirosidade e bom humor de Dr. Rochinha são marcantes, seja no

trato pessoal ou no profissional. Sempre com uma história para contar, ou sempre narrando uma piada ou situação pitoresca que tenha conhecimento ou tenha presenciado, fez rir alunos, clientes, colegas e mesmo estranhos quando alguma situação de vida permitia (filas de banco, por exemplo). Contava a piada metodicamente e de memória, como hoje se faz em stand-up, arrancando gargalhadas aos que ficavam ao redor. Dr. Rochinha consegue fazer amigos aonde vá, seja com os feirantes — sempre os mesmos —, seja nos açougues onde compra carne, seja no supermercado onde vai pessoalmente, seja nos bancos onde é “figura carimbada” entre os funcionários. Até hoje, no meu andarilhar em fóruns e órgãos, antes mesmo de me cumprimentarem, as pessoas já perguntam por Dr. Rochinha. No Fórum Gumersindo Bessa, os policiais, bombeiros, garçons, caixas de banco, as senhoras que ficam na recepção invariavelmente perguntam por ele e enviam calorosos abraços. Os juízes e promotores mais antigos rememoram episódios que tiveram com o advogado calmo e engraçado. Quem sabe essa característica tenha sido marcante para a sua boa saúde e longevidade! Por ser o nome José Francisco da Rocha bastante comum, era usual — ainda é — as empresas de recorte de publicações enviarem várias com o homônimo. Mesmo sabendo que não era ele, eu deixava as publicações mais pitorescas, como em ações de investigação de paternidade, as criminais, de interdição, e despachava ‘Ao Dr. Rocha para ciência e providências cabíveis’, para recebê-las de volta dias depois com algum desaforo bem humorado. Já estabilizado profissional e financeiramente, se dedicou a viajar sempre acompanhado, de cada vez, por um filho ou neto, nos propiciando uma experiência agradabilíssima”.

José Sérgio, o mais velho dos homens, embora tenha também se formado em Direito, preferiu seguir carreira no campo das ciências exatas, tornando-se um engenheiro civil dos mais competentes e respeitados do nosso estado. Em seu depoimento aparentemente singelo, assim, define seu pai:

“Um homem inteligente, de boa índole, sempre bem humorado, paciente e justo, que deixará de legado para as atuais e futuras gerações duas grandes virtudes: a lealdade e a honestidade”.

Entretanto, Sérgio nos presentearia com um fato patrocinado por seu genitor tão potente quanto um denso depoimento, mostrando-nos por que seu pai é tão querido e admirado por todos que o conhecem:

“Lembro-me de um fato ocorrido quando, na volta de uma viagem a trabalho de Salvador -BA, paramos para jantar em um restaurante na divisa entre Bahia e Sergipe, e os garçons solicitaram que não nos demorássemos muito, porque haveria o casamento de um deles e todos queriam ir à festa. Meu pai perguntou como e onde seria o casamento e foi informado de que o casamento era composto por apenas uma festa, onde, a partir de então, os noivos passavam a ser considerados marido e mulher por toda a comunidade. Nesta conversa, o garçom perguntou qual a profissão do meu pai e ele respondeu que era advogado. O garçom perguntou se ele podia ir fazer um discurso para abrilhantar a festa e, de pronto, meu pai aceitou. No local do evento, um barracão, quando chegamos foi anunciada a presença de um advo-

gado que diria algumas palavras aos noivos. Meu pai fez um brilhante discurso sobre o amor e as responsabilidades de uma vida conjugal, tendo arrancado lágrimas de muitos dos presentes. Depois de vários agradecimentos, continuamos nossa viagem para Aracaju”.

Os netos, também, por ele têm enorme gratidão. Ao seu lado viveram momentos inesquecíveis, dias de intensa felicidade e, assim como seus pais, puderam conhecer lugares maravilhosos em viagens patrocinadas pelo querido avô. Seriam muitos os relatos desses herdeiros culturais e morais de José Francisco da Rocha, carregados de carinho e emoção, que pela quantidade da prole gerada, por óbvio, impossível todos aqui registrar. Vejamos o que nos relata Marianna, o primeiro fruto da segunda geração:

“Lembro que em um discurso de uma das inúmeras homenagens feitas a meu avô, falaram que ele é um homem tão forte que tinha a palavra Rocha até no nome. Bela e verdadeira afirmação. Da infância pobre, lutou, cresceu e fez história na advocacia sergipana e também brasileira. Tornou-se respeitado não só pelo honroso exercício do Direito, mas também pelo homem amigo e espirituoso que é. Aonde chego e sabem que sou neta de Rochinha, sorrisos se abrem e grandes histórias são contadas. Na maioria muito engraçadas. Não existe uma específica, mas as lembranças da minha infância ainda são muito vivas em mim. Doces tardes em sua casa ao lado da minha amada avó Anita, quanta saudade! Parabéns, wô, o senhor escreveu uma bela história e tenho muito orgulho em fazer parte dela!

Todo amor, respeito e admiração da sua primeira neta, afilhada e mãe da primeira bisneta”.

A neta Clarisse vem trazer beleza e mais emoção a estas páginas em outro comovente relato:

“É sempre desafiador falar do meu avô Rochinha, talvez por ser ele uma das minhas grandes inspirações profissionais. Homem simples, de poucas poses que, com muita garra, honestidade e determinação conseguiu fazer da sua trajetória profissional um marco de sucesso no judiciário sergipano. Advogado respeitado, presidente da OAB/SE, juiz eleitoral, e tantas outras funções de destaque que o seu saber jurídico lhe fez alcançar. Não posso negar o tanto que me envaidece ser neta de Rochinha e só ouvir elogios e homenagens a sua pessoa. Ele, de fato, é uma unanimidade. Não fosse bastante, tenho que destacar também o seu papel como avô, extremamente carinhoso e presente em todos os momentos da minha vida, ainda hoje, já ultrapassados os seus 90 anos e em plena pandemia. Sempre lembrarei com saudade das nossas tardes em sua casa com minha avó Anita e os domingos em família na piscina, regados de muito amor. Também sempre lembrarei do seu sorriso festivo todas as vezes que me vê chegar e de como fica feliz e vaidoso das minhas conquistas profissionais, comemorando todas elas como se fossem suas. Parabéns por tudo que você conseguiu construir, vô, e por tanto que você representa não só para nossa família, mas para a história jurídica de Sergipe. Poucas pessoas conseguiram trilhar um caminho como o seu sem perder a humildade, o que te deixa gigante e aumenta o meu orgulho e a

minha admiração. Que eu consiga ser para a minha filha e os meus futuros netos essa inspiração linda que o senhor sempre foi para mim e que eu continue representando e levando o seu nome aos patamares de sucesso do judiciário sergipano. Com amor, sua neta Clarisse (Liquinho)”.

Em seu depoimento, a neta Anita revela todo o orgulho que tem daquele que a inspirou a enveredar pelos caminhos do Direito:

“A estabilidade, a lealdade e a gratidão aos pais que fizeram com que meu avô ajudasse meus bisavós até o fim de suas vidas, suprindo eles em tudo, é um dos seus maiores ensinamentos. Lembro-me que, quando pequena, durante as visitas à sua casa, me encantava entrar na biblioteca apenas para admirar a quantidade de livros e fotos ali guardados. Crescer presenciando o seu amor pelas leis, sentimento compartilhado pelo meu pai, Juvenal, bem como todas as histórias de sua carreira contadas nos almoços de domingo, me inspiraram a cursar Direito na Universidade Federal de Sergipe e a tentar ser um exemplo de profissional tão respeitada como ele. Tenho muita sorte de ter como avô uma pessoa como ele. Além de ser um brilhante jurista, é um homem íntegro, dedicado e honrado, que sempre buscou o melhor para a família. Um verdadeiro exemplo de perseverança e do quanto vale a pena lutar por um sonho. Contador das histórias mais variadas possíveis e que nunca esquece o aniversário de ninguém. Em suma, um avô que me enche de orgulho, não só pela sua trajetória jurídica, mas, principalmente, pela pessoa honrada,

que ensinou a seus filhos, netos e bisnetos os valores de retidão, caráter e persistência”.

A neta Thalia acredita que a organização, o planejamento e a dedicação ao trabalho foram fundamentais em sua trajetória profissional:

“Acredito que o empenho e dedicação que sempre foram norteadores do trabalho de meu avô ficarão na memória. A organização e planejamento minucioso no trabalho são os requisitos para tantos resultados extremamente positivos. Sempre pude me espelhar no zelo e idoneidade que meu avô sempre possuiu dentro da sua área de atuação. Recordo-me sempre de vê-lo estudando e se dedicando ao trabalho de maneira intensa, de forma que também sempre busquei dar o melhor dentro das minhas atribuições profissionais. Meu avô é um homem que se dedicou de corpo e alma para realizar suas metas, tendo assim enormes realizações durante toda sua trajetória profissional. É uma pessoa extremamente íntegra, dedicada aos seus objetivos e que adora contar várias histórias, além de gostar muito de viajar”.

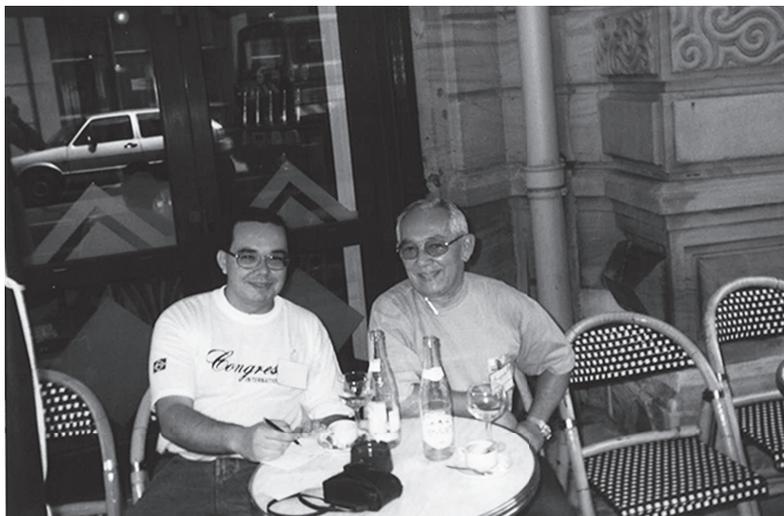
Já Ana Carolina fez questão de evidenciar o avô que zelava pela união da família e proporcionava inúmeras viagens em torno do mundo, mas sem deixar de lembrar o bom confidente e aconselhador:

“No meu entender, no âmbito familiar ele sempre prezou pela união da família. Mesmo que não estivéssemos todos na mesma cidade, mas que mantivéssemos o vínculo entre nós. Já no âmbito

profissional ele sempre gostou de trabalhar e era dedicado a cada atividade que desempenhava. Embora não tenha seguido a mesma carreira que ele, não resta dúvida de que é um exemplo a ser seguido, tanto que influenciou 3 dos 5 filhos e 4 dos 10 netos. Meu avô sempre deu valor à família. Muito presente na minha memória são os almoços de domingo, com muita conversa, diversão, banhos de piscina e de chuva, além de inúmeras viagens que fizemos juntos e em família. Juntos, posso dizer que demos a volta ao mundo, os destinos foram diversos, tais como: Japaratuba, Rio de Janeiro, Nova Iorque e Paris. Além dos pontos já citados, não posso deixar de mencionar como ele é bom confidente. Os anos de experiência o fazem um excelente ouvinte e aconselhador”.

Vejamos agora o que nos revela Eduarda, o primeiro fruto da terceira geração:

“Falar do meu bisavô Rochinha é falar de um grande homem. Ele que desde cedo sempre batalhou por um futuro brilhante. Hoje, apesar de não seguir os caminhos da advocacia e sim da medicina, levo como exemplo toda dedicação a qual ele sempre teve no seu âmbito profissional. Por fim, sou sortuda por ter tido a oportunidade de conviver cercada de amor, carinho e sabedoria. As lembranças mais lindas que tenho são os risos e brincadeiras com a presença da minha amada bisavó Anita. Parabéns pela história linda que o senhor construiu, bizô! Desde novo até a pandemia exercendo sua profissão com tanta dedicação e compromisso, deixando toda a sua família orgulhosa! Todo respeito, admiração e amor, da sua primeira bisneta”.



Em viagem a Portugal com o filho Juvenal. Acervo de J.F.R.



Em viagem à França com o filho Sérgio. Acervo de J.F.R.



Em viagem à Holanda com a neta Thalia. Acervo de J.F.R.



Em viagem à Itália com a neta Carolina. Acervo de J.F.R.

As ternas e sinceras palavras proferidas pelos genros Roberto Sampaio e Eduardo Ribeiro deixam claro que genros e noras também se sentem felizes e presenteados por desfrutarem do seu convívio e receberem constantemente demonstrações de afeto. Roberto assim se manifesta:

“Vejo Dr. Rochinha como um homem com uma vida muito interessante, muito viajado e que traçou metas bastante audaciosas, buscando sempre os melhores caminhos para alcançá-las. No âmbito familiar ficam para as atuais e futuras gerações os ensinamentos de uma vida honesta e regrada. Já no âmbito profissional, um trabalho ético e com muito cuidado com os clientes e cidadãos, fazendo sempre jus aos preceitos de retidão e clareza”.

E Eduardo, de forma brilhante, encerra os depoimentos daqueles que o admiram pelos laços familiares dizendo:

“Começo por enfatizar as características que aprendi a admirar no homem que se construiu partindo de uma infância e juventude de poucos recursos materiais para superar, por seu esforço próprio, a previsível permanência no ostracismo de homem pobre do interior e se transformar num vencedor, capaz de atravessar as fronteiras do estado para ser reconhecido no país como um grande e respeitável advogado. Fez isso galgando todos os degraus da caminhada. Comerciar, securitário, já era bancário quando resolveu enveredar pelo Direito e assim ingressou numa faculdade ainda incipiente, que iniciava as atividades no estado e cujos bancos estavam naturalmente reservados aos jovens de nominata da sociedade. Venceu aqui e seguiu vencendo, ao mili-



tar na advocacia e ser reconhecido e escolhido por grandes empresas e famílias de notoriedade como seu patrono. Foi advogado do Banco do Brasil, foi presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, foi líder maçônico de fôlego nacional, destinatário de grandes e justas homenagens, aqui e alhures, em razão do brilho, da competência e da seriedade com que se distinguiu em todos esses misteres”.

E com a mesma intensidade finaliza:

“Também conheço e presto homenagem ao pai austero e preocupado, o chefe de família que não mediu esforços para formar, encaminhar e proteger a prole que fundou ao lado da eterna e inesquecível companheira de toda a vida, Dona Anita, de memória doce e inolvidável. Nessa família me integrei ao casar com Socorro, um amálgama perfeito do espírito maternal de Dona Anita com a austeridade do Dr. Rochinha, a quem demos duas netas e duas bisnetas. Tive a sorte e honra de advogar ao seu lado, embora por pouco tempo, no início da minha carreira, e de seguir o seu caminho de advogado do Banco do Brasil. Aprendi muito e busquei incorporar traços da sua lisura, seriedade e sinceridade no exercício da profissão e no trato com a clientela e com os juízes, advogados, serventuários da justiça, enfim, com o mundo que nos cerca. A ele devo agradecer, mais que as lições, o exemplo. Nele tenho que ressaltar a alta estatura de caráter, o zelo e o cuidado extremado com a família, o olhar voltado para a grandeza em todas as esferas em que transitou durante a sua longa e pródiga jornada, cujo sucesso é uma consequência absoluta do merecimento com que se pautou e se pauta em sua vida”.

As grandes perdas de Francisco

Francisco vivenciou momentos inesquecíveis em família, instantes para serem guardados no tempo e na memória, marcados por celebrações, viagens, chegadas e partidas. Algumas destas últimas, entretanto, ocorreram não de portos ou aeroportos, de forma momentânea ou temporariamente, mas em caráter definitivo. Foram três grandes perdas que, embora não tenham abalado a sua fé na crença em um ser supremo, muito mexeram com o seu lado humano.

É inegável que a morte trágica de seu único irmão vítima de acidente automobilístico e o falecimento de seus pais por causas naturais são páginas de triste recordação. A morte de Assis evidencia uma ruptura brusca e repentina da vida. Já o falecimento de Juvenal e Conceição nada conforta, atenua apenas a constatação de que se cumpriu a ordem natural da vida.

A primeira dessas grandes perdas aconteceu ainda no início da vida a dois, no primeiro ano de casamento. Ocorre que o ventre materno de Anita, na verdade, gerou seis filhos, porém cinco nasceram e sobreviveram, mas um não.

Por ocasião da gestação do primeiro filho do casal, o obstetra que a princípio atendeu Anita informou que se tratava de um falso sintoma de gravidez. Todavia, existia uma vida em formação, pois passadas algumas semanas a gestante começou a perder uma quantidade expressiva de líquido amniótico. Era real a possibilidade da realização de um parto prematuro.

Ao chegar na Maternidade Francino Melo, por sorte, o casal foi recebido pelo Dr. Canuto Garcia Moreno, grande amigo da família que, de imediato, o encaminhou para o

Dr. Hugo Gurgel, médico recém-chegado a Sergipe, que ao examiná-la disse não haver encontrado sinal de vida, mas logo a tranquilizou comunicando que o feto podia estar numa posição de difícil constatação. E realmente estava.

No momento do parto, embora houvesse contrações, inexistia dilatação, tanto que ao retirar o menino, ainda com vida, Dr. Hugo identificou uma espécie de hematoma na cabeça da criança, em virtude do esforço gerado devido à ausência do vital líquido para a formação do bebê. A criança foi a óbito minutos depois.

Foi um momento de grande sofrimento, muita dor. A mãe, ainda no leito, aguardava receber em seus braços um filho vivo que na verdade o seu choro não ouviria nem o seu sono embalaria. Já o pai, ao receber tal confirmação do médico que tanto lutou para trazer com vida ao mundo aquela criança, teve que conter o pranto e dar a triste notícia à sua amada.

A segunda grande perda de Francisco foi justamente a morte de sua amada, ocorrida em 31 de outubro de 2011, dois anos após o casal comemorar suas bodas de diamante.

Anita faleceu aos 89 anos, vitimada por complicações de um AVC. A matriarca da família Aguiar Rocha foi acometida por uma doença degenerativa na retina que provocou a perda paulatina da visão em um olho, atingindo, posteriormente, o outro, que já lhe permitia enxergar muito pouco.

Apesar das consultas a diversos oftalmologistas, o diagnóstico era de que nenhum tratamento seria capaz de devolver-lhe a visão ou resultar em alguma melhoria. Aquela realidade instalada foi deixando a professora aposentada com o coração entristecido, pois a privou de uma das coisas que mais gostava: a leitura. Anita amava ler romances, jornais e revistas, a exemplo de *Veja* e *Sele-*

ções, dentre outras. E, apesar de todo o amor do esposo, dos filhos, netos e bisnetos, ela foi ficando cada vez mais triste, calada, silente, como que morrendo aos poucos.

Certa manhã, passou mal e foi levada para o Hospital Primavera, onde faleceu na noite daquele mesmo dia. Rochinha, com a voz embargada, fala a respeito desse período de muito sofrimento para toda a família:

“Foi um momento de muita dor para todos nós e muito difícil particularmente para mim, afinal, foram anos de intensa convivência e cumplicidade. Eu sempre a acompanhava em suas consultas médicas. O fato é que sua morte ocorreu de forma muito rápida. Só sei que a deixei no Hospital Primavera na manhã do dia 31/10/2011, meu genro, Eduardo, me levou à noite para casa e assim que cheguei recebi a notícia que Anita havia falecido naquele exato momento, às 23:00. Faz muita falta. Deixou um enorme vazio.”



Uma mulher que é eterna saudade. Acervo de J.F.R.

Esta terrível perda ainda nos revela uma triste coincidência. A missa de sétimo dia do passamento de Ana Aguiar Rocha, celebrada na Paróquia São José, que contou com a presença de seus familiares e um grande número de amigos, ocorreu justamente no dia 07/11/2011, data em que José Francisco da Rocha completava 85 anos de idade.

Teria sido realmente uma triste coincidência a celebração da missa alusiva ao 7º dia de sua morte terrena na data em que iria se comemorar a lembrança do dia do nascimento do seu amado ou um belo prenúncio de que aquela união não só renasceria, mas continuaria no plano superior, na vida eterna?

Sua terceira grande perda foi o falecimento de sua primogênita, Conceição.

Foi algo muito doloroso para um pai, aos 85 anos, que um dia aguardou com muita ansiedade a chegada da primeira filha, após perder aquele que seria o seu primogênito. Uma espera cercada de muita expectativa, desejos, planos e sonhos.

A dor se tornou mais forte, brutal até, porque o fruto se foi antes de completar 6 meses da partida do ventre. Anita havia falecido no dia 31/10/2011 e Conceição deixava esta terra em 13/04/2012. Perdia não só uma filha querida e maravilhosa, mas uma amiga e segunda grande companheira de viagens internacionais, pois, por falar vários idiomas, acompanhava Rochinha nos eventos de caráter profissional realizados no exterior, facilitando muito sua participação.

Na verdade, em dezembro de 2011, esse quadro fático começou a ser pintado. Ocorre que por ocasião das festas natalinas, no intuito de amenizar a dor de seu pai, que após 62 anos de casado iria passar o primeiro Natal sem a presença de sua esposa, Conceição chega do Rio de Janeiro para lhe fazer companhia.

Rochinha, mesmo tomado pela dor da saudade, fez questão de registrar seu amor pela filha querida, bem como recordar do esboço rabiscado no período natalino e da triste tela acabada alguns meses depois:

“Foi um baque terrível. Era uma filha muito querida, por demais inteligente, intelectual, doutora por defesa de tese, deveras competente. Falava várias línguas. Tem filhos nascidos em Milão e Londres, em virtude de suas viagens internacionais. Por ser poliglota, foi minha companheira em diversas viagens que fiz ao exterior para participar de simpósios, cursos e conferências na seara jurídica e em outras ocasiões. Com ela me sentia seguro não só durante os eventos, mas também nos passeios.”

E prossegue o emotivo e saudoso pai:

“Eu me sentia um tanto só em virtude da morte de Anita. Conceição, então, veio do Rio para passar o Natal comigo. Certa manhã, estávamos em nossa varanda observando os pássaros e os micos pulando o muro, enquanto jogávamos conversa fora. De repente, ela passa a se sentir mal e pede insistentemente para acordar Roberto que tirava uma sesta, dizendo que estava passando mal. Imediatamente a levamos para o Hospital Primavera. Após a consulta, nada foi detectado, sendo informado pelo médico se tratar de um mal súbito. Ao retornar para o Rio sem diagnóstico, os exames realizados detectaram a existência de um enorme tumor no cérebro, que a vitimou em menos de 120 dias. Durante este período, fui umas 3 ou 4 vezes ao Rio de Janeiro e sempre voltava com o coração dilacerado, pois os

médicos diziam que só um milagre para livrá-la do pior. Minha filha faleceu em abril de 2012, menos de seis meses após a morte da mãe. Assim como Anita, Conceição é eterna saudade."



Com a filha Conceição em Amsterdã, Holanda. Acervo de J.F.R.



Em Estocolmo, Suécia. Acervo de J.F.R.



Em Copenhague, Dinamarca. Acervo de J.F.R.



Em Berlim, Alemanha. Acervo de J.F.R.



Em Oslo, Noruega. Acervo de J.F.R.



Em Moscou, Rússia. Acervo de J.F.R.

O esposo de Conceição, Roberto Sampaio, também nos fala a respeito desse período de angústia e sofrimento que culminou com o falecimento de sua esposa:

Conceição tinha uma vida ativa e diversos planos. Em dezembro de 2011 começou a apresentar alguns sintomas como confusão mental e perda de força que, inicialmente, foram confundidos com um AVC. No primeiro mês do ano de 2012, durante a realização de exames, foi diagnosticada com um glioblastoma de grau IV, um tumor cerebral de extrema agressividade. Foi realizada uma cirurgia para a remoção do mesmo na tentativa de se ter uma maior qualidade de vida, entretanto, devido a complicações de saúde, não se teve o resultado esperado, culminando com o seu falecimento em abril daquele ano.



Capítulo V

Ascensão Profissional

O aluno da 1ª Turma da Faculdade de Direito de Sergipe

Em 1950, quando se formou pela Escola Técnica de Comércio de Sergipe, exercia a função de gerente na Companhia Nordeste de Seguros, considerado um bom emprego, tanto que lhe permitiu adquirir sua primeira casa própria e contrair matrimônio. Mas Francisco queria mais. Tinha o desejo de alçar voos mais altos, pois além de inteligente era determinado, perseverante, decidido e obstinado.

Naquela década, o ensino superior em Sergipe dava os primeiros passos, fazendo-se presente apenas graças à fundação da Escola Superior de Química e da Faculdade de Ciências Econômicas. Comentava-se, contudo, que estava para ser criada uma Faculdade de Direito em nosso estado.

Só que até mesmo para as pessoas de bom coração e detentoras de grandes virtudes, uma ajuda do destino é sempre bem-vinda. Então, confirmando o que os comentários prenunciavam, naquele mesmo ano foi fundada a Faculdade de Direito de Sergipe e um dia após Rochinha colar grau como Técnico em Contabilidade foram abertas as inscrições para o vestibular da primeira turma da Faculdade de Direito de Sergipe.

A princípio, embora desejasse muito se inscrever para o certame, achava que não atendia a uma das exigências do edital. Porém, seu colega de trabalho, que se tornou grande amigo e padrinho de casamento, Antônio Soares, disse-lhe que acreditava que certa legislação assegurava-lhe o direito.

A norma editalícia trazia, dentre outras condições, a necessidade de o candidato ter concluído o ensino secundário e o desejoso concorrente considerava que sua recente graduação de nível técnico não possuía tal status. E realmente não tinha até o final de 1943.

Após pesquisar acerca da legislação que podia garantir o seu direito de inscrição, descobriu que o Decreto Federal nº 14.373, de 28 de dezembro de 1943, que regulamentou a estrutura dos cursos de formação do ensino comercial, não só o incorporou ao sistema de ensino médio brasileiro, como também promoveu sua equiparação ao ensino secundário. Desse modo, conforme suspeitava o amigo e padrinho, Francisco pôde se inscrever para concorrer a uma das 50 vagas destinadas ao novel curso, sendo um dos 48 aprovados.

Foi a vitória do esforço, da dedicação e da vontade de vencer. Em 15 de março de 1951, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, participava

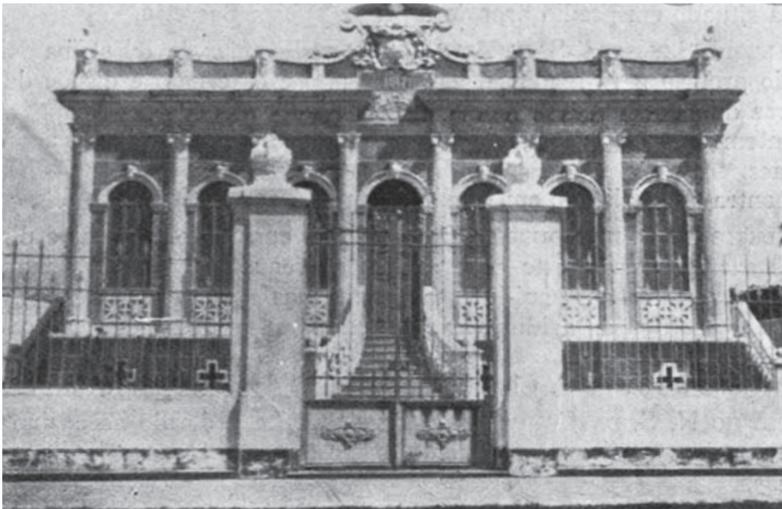
da aula inaugural ministrada pelo professor Gonçalo Rollemberg Leite, que tinha como tema “*Direito em Sergipe*”, iniciando, assim, sua vida acadêmica.

“Tive o privilégio de fazer parte da 1ª Turma da Faculdade de Direito de Sergipe e a sorte de ainda estar vivo para essa história contar. Ela funcionava na antiga rua da Frente, atual avenida Ivo do Prado. Trago vivas recordações daqueles tempos. Lá vivenciei bons, maus e interessantes momentos. Mas na balança prevalecem as boas memórias. Fui aluno de excelentes professores, verdadeiros mestres do saber, e aqui cito alguns: Hunaldo Santa Flor Cardoso, Gonçalo Rollemberg Leite, Monsenhor Alberto Bragança de Azevedo, Armando Leite Rollemberg, Manoel Cabral Machado, José da Silva Ribeiro, José Silvério Leite Fontes, Enock Santiago, João de Araújo Monteiro, carinhosamente chamado de Monteirinho, Juviniano Carvalho Neto, mais conhecido como Hans Kelsen, dentre outros”, nos brinda, assim, com este singelo, mas memorável relato, o único ex-aluno vivo da pioneira turma.

E continua o quase centenário jurista de abençoada e cristalina memória, de bom humor indiscutível e de aptidão surpreendente para narrar boas histórias:

“Fazíamos prova escrita e oral mensalmente, diferente do que ocorre nos dias atuais. Recordo de um fato relativo a esta última modalidade de arguição. Não diria que foi um mau momento que vivenciei, mas constrangedor, que depois tornou-se folclórico, motivo de boas risadas entre os colegas.

*O diretor da faculdade, professor Gonçalo Rollemberg Leite, costumava convidar os pais e familiares dos alunos para presenciarem algumas dessas provas e outras atividades, no intuito de apresentar e conceituar a instituição no seio social. As janelas ficavam repletas de belas moças enquanto sofríamos nas mãos dos arguidores. Então, numa prova oral de Direito Romano, o professor Alberto Bragança Azevedo perguntou-me o que era um peregrino. Confesso que não soube responder. Ele, de imediato, definiu e repetiu 4 ou 5 vezes, pedindo para que na sequência eu repetisse tal qual ele havia definido. Quando, finalmente, eu defini *ipsis litteris* o que era um peregrino, ele, em alto e bom som, disse diante da atenta assistência: 'Da minha cátedra poderás sair sem nada aprender, porém, o que é um peregrino o senhor jamais esquecerá''.*



Prédio da antiga Faculdade de Direito de Sergipe.

Disponível em www.google.co.br/pesquisa

A antiga Faculdade de Direito, como até hoje assim é lembrada, era um celeiro de notáveis professores e célebres juristas. Para quem conhece um pouco os primórdios da história do ensino jurídico em Sergipe é inconcebível não reverenciar mestres da excelência de um Manuel Cabral Machado, Juvinião Carvalho Neto, Armando Leite Rollemberg, Enock Santiago, João Araújo Monteiro, entre outros insignes. Profissionais que deixaram seus nomes gravados no mundo jurídico do nosso estado. A propósito, acerca destes dois últimos, Rochinha, além de ressaltar serem grandes transmissores do saber e deveras queridos por seus alunos, nos apresenta dois episódios que o fazem sempre lembrar dos mestres amigos:

“O professor Enock Santiago era um extraordinário professor. Sempre utilizava a última parte da aula para contar boas anedotas ou divertidas histórias. Certa vez, passou um trabalho e a turma me elegeu como titular para desenvolver a pesquisa e liderar o grupo. Como gozava de um bom relacionamento com o professor Luiz Pereira de Melo, solicitei permissão para pesquisar em sua biblioteca particular, considerada, à época, uma das mais completas do estado. Ocupava um enorme espaço, muito bem dividida, com livros de vários temas e assuntos e com grandes escadas para que os compêndios localizados nas partes mais altas pudessem ser alcançados. Quando dei início à apresentação do trabalho, falei do grau de dificuldade da pesquisa, enfatizando que só não foi maior em virtude de o professor Pereira Melo ter cedido sua biblioteca. Neste momento, o professor Enock Santiago, que se encontrava acompanhando a apresentação na parte de trás da sala, vocifera:

‘Não, meu filho, você está enganado, não se trata de uma biblioteca, uns dizem que é uma livraria, já outros, mais linguarudos, a chamam de as ONZE MIL VIRGENS’.

E continua:

“Com relação ao professor João Araújo Monteiro, o nosso querido Monteirinho, houve um episódio interessante, pitoresco, emblemático e inesquecível para todos que vivenciaram aquela noite. Por ocasião do seu aniversário, nós, seus alunos, fomos com ele comemorar, salvo engano, no ‘Vaticano’, famoso bordel, ambientado por música, bebida e boa comida, localizado na região dos mercados, próximo ao antigo Beco dos Cocos. Lembro que o grupo era composto por mais de vinte acadêmicos. O professor Monteirinho permaneceu durante um bom tempo, mas, a certa altura, se retirou. Começamos, bebemos e nos divertimos bastante. Porém, na hora de pagar a despesa, ninguém tinha um tostão furado. Acho que contávamos com a benevolência financeira do aniversariante, mas ele se ausentou antes. A proprietária do estabelecimento não quis explicação e chamou a polícia. Fomos todos em fila indiana em direção à SSP. O delegado plantonista, diante da uníssona conversa de que lá estávamos comemorando o aniversário do professor João Araújo Monteiro, resolveu, de imediato, apurar. Como Monteirinho residia na avenida Barão de Maruim, próximo à Secretaria de Segurança, a autoridade designou um policial para ir à residência do professor, a fim de confirmar tal informação. Minutos depois, para surpresa de todos, adentra Monteirinho na sala da Secretaria, trajando um

roupão, com a barra do pijama à mostra e sandália de couro com os dedos à vista, instante em que é recepcionado por um coral de jovens etílicos que entoaram um sonoro PARABÊNS PRA VOCÊ. E, dirigindo-se ao delegado, com sua voz nasaladamente marcante, disse: 'Libere estes porras, são bons garotos, só se excederam na bebida ao comemorar meu aniversário'".

Cabe aqui um oportuno esclarecimento histórico, posto que, passados muitos anos de sua existência, a grande maioria das pessoas referem-se ao antigo “Vaticano”, que foi um dos mais imponentes prédios da nossa capital, ora como bordel, ora como boate. Sirvo-me, desta feita, da obra de um dos maiores memorialistas sergipanos, quiçá o mais destacado deles, o escritor Murillo Melins, para, das linhas do seu *Aracaju Romântica que Vi e Vivi – anos 40 e 50*, corrigir tal equívoco:

“Nos dias de hoje, pouca gente se lembra do maior prédio que existia em Aracaju, atualmente em estado de conservação deplorável, que era o edifício Vaticano, situado em frente ao mercado municipal, indo sua construção até a avenida Otoniel Dórea. Sua lateral tomava toda a extensão do Beco dos Cocos. Devido suas dimensões e seu estilo arquitetônico, recebeu o nome do Estado Papal. Era grande a diversificação de negócios e atividades ali exercidas. Edificação de dois pavimentos, com dezenas de quartos e pequenos apartamentos, que abrigavam comerciantes, feirantes, algumas famílias humildes e prostitutas que faziam vida na zona portuária e levavam os embarcadiços e homens da noite para os bares da rua da Frente e Mercado, ou para dançarem no Cassino Bela Vista”.



Edifício Vaticano. Foto do livro *Aracaju Romântica que Vi e Vivi – anos 40 e 50*.

Tal esclarecimento ajuda a compreender o aceitável engano de Rochinha, além de que seria por demais cruel exigir que esse nonagenário detentor de memória das mais privilegiadas integrasse o pequeno grupo dos que detêm a correta informação. Todavia, com criteriosa pesquisa e fazendo uso da literatura correta, fica fácil afirmar que ele e seus colegas de turma devem ter comemorado o aniversário do professor Monteirinho no Cassino Bela Vista, ou na Boate Xangai, ou, então, na Boate Miramar, pois é o que se extrai com máxima segurança numa rápida leitura de *Aracaju, Reminiscências e Devaneios*, o mais recente livro do querido amigo Melins.

Aproximava-se, enfim, o grande dia. Na semana da formatura do filho do vaqueiro com a cozinheira no grau de Bacharel em Direito, Francisco, como de costume, foi visitar os pais em Japarutuba.



Com o traje de formatura em 1956. Acervo de J.F.R.

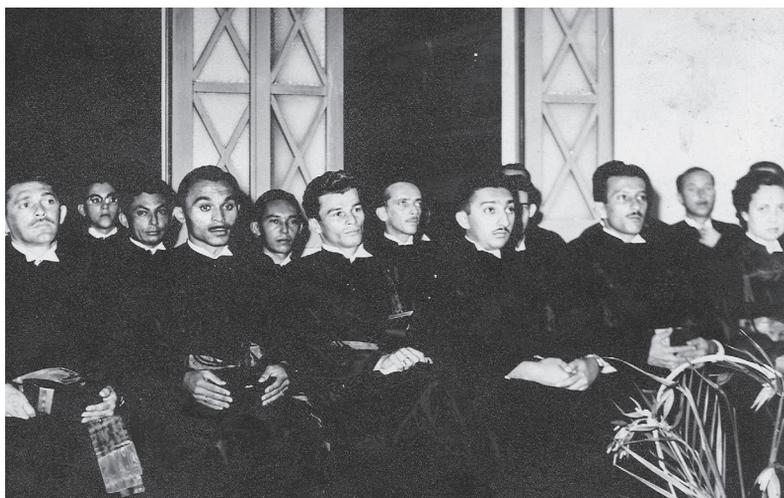
O futuro advogado foi recepcionado como poucas autoridades e raros homens públicos. Foi homenageado como gente grande, mas não por força do poder, pois, certamente, nenhum possuía, mas pela grandeza de espírito e generosidade que já emanava do seu coração.

“Quando cheguei a Japaratuba, a Banda Filarmônica Japaratubense estava na porta de minha casa. Isso porque o maestro, durante certa visita feita ao município pelo deputado federal Armando Rollemberg, que tinha sido meu professor na faculdade, pediu-lhe que conseguisse novos instrumentos e fardamentos para a Banda. Ele, então, prometeu ao regente que iria providenciar, mas precisava que a filarmônica se organizasse com estatuto e registro. Na condição de único estudante de Direito da cidade, fui procurado e providenciei a documentação necessária e o registro da entidade. E, assim, os instrumentos e

as fardas foram adquiridos. Foi a forma que o maestro e os músicos encontraram para agradecer. Uma bela homenagem que muito emocionou a mim e a meus pais”, revive Francisco como se ainda escutasse aqueles acordes.

E prossegue o jurista:

“Entretanto, ainda estava por receber a maior das homenagens. Ao entrar em casa, recebi de meus pais o mais belo dos presentes, uma aliança de ouro com rubi, meu anel de formatura. Sua beleza se media não só por conta do quilate da joia, mas, principalmente, pelo seu significado, pois ele reunia e simbolizava o esforço, a dedicação, o sacrifício e o empenho de toda uma vida, além de representar, de forma específica, horas de muito trabalho, a fim de viabilizar a compra daquele bem adquirido por um casal de poucos recursos”.



Solenidade de colação de grau em Bacharel de Direito. Acervo de J.F.R.



Momento em que, encontrando-se também na companhia da filha Conceição, recebia da esposa o anel de formatura. Acervo de J.F.R.

O funcionário do Banco do Brasil

Na época da sua formatura, Francisco já se encontrava no Banco do Brasil, pois, efetivamente, já começava a alçar voos mais altos, graças à sua aprovação no concurso para o cargo de escriturário realizado por aquela instituição financeira em 1952.

Só que a mudança não ocorreu de modo fácil, uma vez que tudo na vida de Francisco sempre foi com muita luta. Assim que ingressou na faculdade resolveu estudar para concursos, pois tinha decidido que ia sair da Nordeste Seguros. Na verdade, precisava deixar pois a empresa se encontrava numa situação financeira muito difícil, prestes a fechar as portas.

Sem contar ainda com o preparo suficiente, partiu para enfrentar seu primeiro concurso. Foi justamente



para o Banco do Brasil, mas não logrou êxito. Todavia, no ano seguinte, foram abertas novas inscrições e mais uma vez ele decidiu concorrer a uma das vagas. Na mesma ocasião, inscreveu-se também para os concursos do IAPI e do DASP. Todos os concursos ofereciam bons salários. Os três órgãos eram considerados excelentes empregos. Francisco, desta vez, passou em todos, optando pelo Banco do Brasil, por ser, à época, considerado o melhor deles.

De início, foi nomeado para tomar posse em Feira de Santana-BA, tendo, inclusive, colhido informações a respeito da cidade e procurado imóvel para residir, dentre outras providências. Nesse ínterim, Francisco recebe um memorando da direção do Banco pedindo para que comparecesse à sede da instituição.

“Quando lá cheguei fui atendido por um empregado baixinho, da minha altura, senhor Cláudio Ribeiro Sarmento. Com semblante sério e de forma muito direta, disse-me: ‘Sua nomeação foi cancelada’. Parei, por alguns segundos, ficando mudo e sem chão. Mas logo ele completou: ‘para Feira de Santana, pois o senhor foi renomeado para Aracaju’. Então, após o grande susto, ressurgi. Pude, assim, perceber que de sisudo o senhor Cláudio não tinha nada, no fundo era um tremendo gozador”, lembra o ex-bancário.

Rochinha trilhou uma bela carreira no quadro de escriturário do Banco do Brasil S/A, chegando até a letra “H”, quando, em virtude de aprovação em concurso interno, passou para o quadro de advogados da instituição. Igualmente teve desempenho excepcional como

integrante da assessoria jurídica da centenária sociedade de economia mista que, como laboratório do Direito, produziu notáveis juristas a exemplo de Paulo Machado e Netônio Bezerra, e enquanto instituição financeira revelou valorosos e dedicados servidores, como Rodrigo Lima e Álvaro Bezerra.

José Francisco da Rocha, com a gratidão de sempre, relembra o período vivido na instituição que muito contribuiu para projetar seu nome na seara jurídica:

“Quando me formei em Direito já era empregado do Banco do Brasil. Na ocasião, disse para mim mesmo que um dia integraria seu quadro de advogados. Corri atrás do meu sonho. Estudei bastante e fui aprovado no concurso interno. Foi maravilhoso, pois tive aumento de vencimentos, passei a contar com gabinete próprio e contínuo — espécie de office boy — à minha disposição. Participei de vários congressos e seminários, a fim de ampliar meu cabedal jurídico, bem como me especializar na advocacia preventiva, uma vez que os advogados do Banco atuavam no intuito de evitar demandas judiciais. O Banco do Brasil sempre foi uma instituição muito sólida e séria. Durante os meus 24 anos de trabalho, muito cresci como homem e bastante aprendi como profissional do Direito. Por isso só tenho que agradecer por tantas conquistas que em virtude dele alcancei e por tudo que lá vivi”.

E finaliza Rochinha, recordando seu último dia de trabalho no Banco:

“Graças também ao Banco, adquiri uma sala no edifício Norcon, localizada na antiga rua João Pessoa.

Por ocasião do meu último dia de trabalho, após discursos e homenagens, partiu uma comitiva formada pelos colegas, escriturários e integrantes da assessoria jurídica que, percorrendo a mencionada artéria, conduziram-me até o Norcon”.



Seminário de advogados do Banco do Brasil. Acervo de J.F.R.

Em entrevista concedida à destacada jornalista Janaína Cruz, em 18 de dezembro de 2018, para o projeto “Vivas Memórias”, de iniciativa do Tribunal de Justiça de Sergipe, o jurista assim se referiu aos áureos tempos vividos na instituição financeira:

“O Banco do Brasil foi uma grande escola para mim. Muito do que conquistei e hoje sou devo ao Banco. Muitos ao saírem promoveram ações contra a instituição por se sentirem de algum modo prejudicados. Eu nunca movi uma ação sequer, muito pelo contrário, sempre fui muito grato ao Banco. Sem dúvida foi minha grande escola de vida”.

O catedrático

Em fevereiro de 1975, antes mesmo da aposentadoria do Banco do Brasil, inicia na cátedra universitária, lecionando a disciplina Direito Comercial nas Faculdades Integradas Tiradentes – FITS, atual UNIT, localizada na rua Lagarto, centro da capital sergipana, a convite do professor Jouberto Uchôa de Mendonça. Foi o começo de uma história que ia se revelar muito rica e de grande contributo para a seara jurídica do nosso estado.

Já em agosto do mesmo ano, após aprovação em concurso público de provas e títulos, ingressa na Universidade Federal de Sergipe – UFS, onde passa também a ensinar Direito Comercial. A iluminada mente do mestre viaja no tempo para resgatar, com riqueza de detalhes, a sua brilhante aula que culminou com sua aprovação, sem, porém, deixar de render gratidão aos que de alguma forma contribuíram para o seu êxito:

“Foi um concurso bastante difícil. Aconselharam-me a utilizar o retroprojeto. Por ser o meu primeiro contato com o aparelho, não possuindo, assim, nenhum conhecimento do seu manuseio, ao colocar o primeiro slide a minha cara é que foi projetada. Desliguei, de imediato, com receio de ser reprovado pelo equívoco. Então, para não causar outro vexame, resolvi não mais utilizá-lo. A banca examinadora era composta pelos professores João de Araújo Monteiro (Monteirinho), Osmar Hora Fontes e Olavo Leite. Lembro bem que o professor Garcia Moreno encontrava-se na assistência. Ele sempre foi um crítico impetuoso e muito severo,

tendo sua presença, de início, me deixado apreensivo e inseguro, mas logo que comecei minha explanação não mais lembrei que ele ali se encontrava. Era para falar no máximo por 50 minutos e o fiz em 48. Foi considerada uma brilhante aula. Sou muito grato a dois grandes amigos que me prestaram auxílio e orientação para livros e estudos que deveras contribuíram para o meu êxito, Eduardo Cabral e Jussara Leal”.

Sua estreia no magistério público universitário ocorreu quando a UFS funcionava ainda no prédio da antiga Faculdade de Direito, localizada na avenida Ivo do Prado, diferentemente da sua aposentadoria, em 1983, quando a UFS já se encontrava instalada na Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, situada no município de São Cristóvão. Já pela UNIT, encerrou suas atividades em 1984.

Para a Cidade Universitária localizada na quarta cidade mais antiga do Brasil se deslocava no seu Fusca branco 1981. Posteriormente, adquiriu um TL, de cor bege, muito confortável, que em determinado dia aplicou um grande susto no desatento motorista.

Certa manhã, após ministrar suas aulas, ao retornar para sua residência, mas ainda nas imediações da UFS, o veículo que dirigia começou a pegar fogo. Um outro professor que se deslocava em sentido contrário, percebendo a expressiva quantidade de fumaça, sinalizou. Foi só nesse momento que o mestre atentou para o ocorrido, parou o veículo e apagou o fogo. É possível que o distraído motorista estivesse a pensar no planejamento da próxima aula que daria ou nas provas por corrigir que em sua casa o aguardariam.

Já aposentado, pôde igualmente contribuir com a instituição que tão bem o acolheu enquanto integrante do seu corpo docente. Durante a gestão do reitor Clodoaldo de Alencar Filho, por ser considerado especialista em Direito Fundiário, foi responsável pela regularização da área onde se encontra localizado o Campus Universitário de São Cristóvão.

Fala com entusiasmo e emoção daqueles para os quais teve a felicidade de transmitir parte dos ensinamentos que de outras águias recebeu. Faz questão de enfatizar que com seus discípulos muito também aprendeu. Tem seus ex-alunos como pessoas que contribuíram para que se tornasse um ser humano melhor, mais servidor, generoso e prestativo. E fala de alguns com uma saudade declarada, revelando, inclusive, um Rochinha premonitor, até então desconhecido. Vejamos o que nos diz o outrora vidente professor:

“Tive alunos excepcionais, mas guardo com enorme carinho um em especial: o saudoso Marcelo Déda Chagas. Embora não fosse dos mais assíduos, por ser constante frequentador do Centro Acadêmico, em virtude de sua nata liderança estudantil, era superinteligente. Assimilava o assunto com a maior facilidade. Além de um intelecto privilegiado, reunia diversas qualidades, como leitura diversificada, excelente orador e muito espírito de liderança. Como fez curso de teatro, gesticulava de modo articulado. Certa feita, em virtude das características que identifiquei, disse-lhe que um dia seria presidente da República. E tinha tudo para ser se a morte não o tivesse alcançado tão cedo. Era uma pessoa talhada para o sucesso na política. Enxerguei isso há mais de 40 anos. Na época em que

esteve internado no Sírío Libanês, em São Paulo, ocasião em que fui tratar de um problema em meu joelho, o visitei durante uma de suas internações. Tive outros alunos notáveis, mas não quero citar os vivos para não correr o risco de esquecer alguém”.

A viúva do saudoso Marcelo Déda, ao tomar previamente conhecimento do relato do mestre Rochinha, disse que não poderia ficar ausente desta obra, pois se vivo seu eterno amado estivesse, por certo escreveria algo para reverenciar seu dileto professor. Vejamos o que nos traz a vice-governadora de Sergipe, Eliane Aquino:

“Com uma extensa contribuição em diversos espaços públicos e jurídicos, a trajetória do Dr. José Francisco da Rocha merece o reconhecimento do povo sergipano e fico muito feliz que esse reconhecimento chegue em vida, com Dr. Rochinha, como muitos de nós o conhece, lúcido e usufruindo dos seus 95 anos de vida. Todos que acompanham essa leitura já conhecem o longo e valoroso currículo do Dr. Rochinha, mas gostaria de destacar o período em que ele foi professor de Marcelo Déda Chagas no curso de Direito da Universidade Federal de Sergipe. Desde aquela época, em suas próprias palavras, Dr. Rochinha, com sua perspicácia, já via naquele jovem um futuro promissor, fazendo questão de ressaltar, neste livro, que enxergava em seu antigo aluno a possibilidade de se tornar um futuro presidente do Brasil, caso não tivesse partido tão precocemente. Acredito, sem sombra de dúvida, que esse seria um caminho possível para Marcelo. Mas destaco aqui que ele só se tornou quem foi, e seguirá sendo, na história de Sergipe, graças à grande base de cultu-

ra e conhecimento que conquistou ao longo da vida. Marcelo enfatizava que não nasceu pronto, mas que buscou aproveitar todas as oportunidades de aprender, tendo a leitura, sua vida acadêmica e sua militância política como suas principais aliadas. Tendo ele no Dr. Rochinha um dos seus mestres mais atentos ao seu perfil inquieto, mas bastante atento aos ensinamentos da sala de aula, não poderia deixar de registrar minha satisfação em tê-lo perpetuando Marcelo em suas memórias. Ao Dr. Rochinha, que teve e tem uma importância enorme para a formação cidadã e humanista de tantos homens e mulheres ilustres que tiveram a oportunidade de terem sido seus alunos, meu reconhecimento e respeito. São os verdadeiros mestres que nos ajudam a encontrarmos nossas melhores versões e trajetórias nesta vida. Que a sua história siga inspirando esta e as próximas gerações!"

Alguns desses gratos ex-alunos também fazem questão de constar destas páginas para demonstrarem que jamais esquecerão o mestre. Muitos daqueles homens e mulheres que tiveram a felicidade de um dia passar pela vida do catedrático Rochinha, sentar em uma das carteiras das salas onde o mestre ministrou memoráveis aulas ou mesmo tirar algum aprendizado de um fato engraçado ou pitoresco narrado pelo bem humorado professor, hoje ocupam lugar de destaque na cena social, jurídica e política do nosso estado. Alguns deles enriquecem esta obra com seus relatos carregados de carinho, estima e gratidão.

A ex-vereadora e advogada Miriam Ribeiro, como se ingressando no túnel do tempo e retornando à sala de aula, recorda com detalhes do preclaro professor, expert em Di-

reito Comercial, detentor de uma didática eficiente, prática, leve e recheada com o bom humor do sábio mestre:

“Com satisfação, devo dizer que tenho boas lembranças do professor José Francisco da Rocha quando frequentei os bancos escolares no curso de Direito na Universidade Tiradentes. Professor José Francisco, ou melhor, Dr. Rochinha, como é popularmente conhecido, ensinava Direito Comercial. Suas aulas eram ótimas, pois além da excelente didática, ele conhecia profundamente a matéria pela sua longa vivência como advogado do Banco do Brasil, presidente da Junta Comercial e consultor jurídico de várias empresas. Essa, digamos, profícua prática forense era bem articulada com a parte filosófica, processual e normativa da disciplina. Lembro que o Dr. Rochinha era, e ainda é, um renomado mestre no que se refere à legislação aplicada às relações comerciais, não apenas no Brasil, mas em nível internacional. No caso brasileiro, ele fazia questão de citar capítulos do Código Comercial Brasileiro, de 1850, um dos mais antigos do mundo, mostrando sua importância e atualidade. Da mesma forma, fazia importantes referências ao Código Bustamante, de 1928, primeiro a normatizar as relações comerciais entre países. Tinha uma pedagogia fácil e objetiva na descrição, conceituação e legislação pertinente a respeito dos títulos de crédito. Explicava, com exemplos práticos, o uso de cheques, duplicatas, notas promissórias e letras de câmbio nas transações comerciais e financeiras. Enfim, o professor José Francisco da Rocha conhecia a matéria e a transmitia com discernimento e objetividade. Cumpre ainda acrescentar que, em

suas aulas, ele as recheava de causos, muitas vezes hilários, sobre as audiências a que comparecia. Ele é um craque em Direito Contratual. Os contratos de sua lavra têm segurança jurídica. Aos 96 anos, o professor José Francisco da Rocha, que conheci quando prestávamos nossos serviços profissionais à Sergipe Industrial, ele como advogado e eu como secretária de Dr. Augusto Franco, presidente da empresa, é uma figura carismática da sociedade sergipana e da Maçonaria. Que o Grande Arquiteto do Universo o cubra de bênçãos! Vida longa ao Dr. Rochinha!”.



Com a ex-aluna Miriam Ribeiro. Acervo de J.F.R.

O juiz de direito José Anselmo de Oliveira, ex-aluno do decano, em sucinto, preciso e esmerado depoimento intitulado “Rochinha, o Mestre Amigo”, assim eterniza seu apreço e admiração pelo inesquecível professor:

“Nelson Cavaquinho em sua antológica música ‘Quando eu me chamar saudade’, lançada em 1985, tem nos versos ‘Me dê as flores em vida/O carinho, a mão amiga’ a essência do que nós devemos fazer com as pessoas que merecem a nossa homenagem. Esse é o motivo pelo qual sinto-me honrado em homenagear o professor e advogado José Francisco da Rocha, Rochinha, que conheci nos bancos da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Sergipe nos idos do final dos anos 70 do século passado, na cadeira de Direito Comercial, e de lá para cá, se vão quase 45 anos de respeito, carinho e amizade pelo mestre e amigo. Amigo que me viu formar e ingressar na advocacia onde militei como advogado privado e público até assumir o cargo de juiz de direito, mediante concurso, em 1989, no Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, que esteve comigo nas horas alegres e nas horas difíceis, de quem recebi sempre a palavra de fortalecimento para continuar lutando pelos ideais em que acredito, sempre norteado pela ética e pelo respeito ao outro. Professor Rochinha, decano da advocacia sergipana, um dos maiores advogados comercialistas, hoje chamados de empresariais, com experiência em direito bancário pela vida dedicada ao Banco do Brasil e a longa trajetória nos tribunais do país. A este homem, esposo, pai, avô e meu amigo de tantos anos, todas as homenagens pelo exemplo e pela dignidade que sempre pautou a sua vida”.

O educador, advogado e imortal das letras de Sergipe Jorge Carvalho do Nascimento, com seu olhar clínico de grande literato, nos apresenta um relato primoroso acerca de José Francisco da Rocha:

“Tive os meus primeiros contatos pessoais com o professor José Francisco da Rocha na década de 70 do século XX, quando eu trabalhava como repórter do jornal Gazeta de Sergipe. O Dr. Rochinha, como era tratado por todos, ocupava posições proeminentes no mundo dos operadores do Direito, como a destacada posição de advogado do Banco do Brasil. Do mesmo modo, Rochinha era reconhecido no fórum como advogado vitorioso, nas causas cíveis e criminais que patrocinava, além de exercer outros papéis relevantes no mundo jurídico. Inúmeras vezes fui designado pela Gazeta de Sergipe para entrevistá-lo no Conselho Penitenciário do qual foi membro durante muitos anos, exercendo a sua presidência diversas vezes. Em outras tantas ocasiões também o entrevistei na condição de destacada liderança da Maçonaria em Sergipe, associação voluntária à qual dedicou parte significativa da sua vida, organizando importantes campanhas que buscaram atender variadas demandas da vida social. Pude conhecê-lo mais de perto ainda na mesma década de 70 quando eu, então estudante de Direito da Universidade Federal de Sergipe, fui seu aluno na disciplina Direito Comercial. Ali percebi a erudição do intelectual estudioso e a leveza do professor que acolhia e estava sempre disposto a orientar os seus alunos. A relação professor-aluno nos aproximou ainda mais e aprofundou uma relação de amizade que o tempo estenderia aos seus filhos Sérgio Rocha e Maria do Socorro Rocha Ribeiro, as suas netas Marianna e Clarisse, a sua bisneta Eduarda e ao seu genro, o competente advogado Eduardo Ribeiro. José Francisco da Rocha, o Rochinha, construiu uma carreira de profissional

do Direito e de professor que o fez credor do reconhecimento de todos. Como se fora pouco, a partir da Maçonaria e nas suas relações com o já falecido arcebispo de Aracaju, Dom Luciano Duarte, de quem era amigo pessoal, Rochinha teve uma atuação cidadã de engajamento à causa de prestação de serviços voluntários que fizeram dele um homem especial. Ao professor José Francisco da Rocha, o meu reconhecimento e os meus aplausos”.

O desembargador Gilson Félix, em depoimento emoldurado por enorme carinho, grande estima, imenso reconhecimento e profundo apreço, traz beleza a estas linhas ao discorrer sobre o afável e gentil mestre com a admiração de ex-aluno, a lealdade de fiel amigo e a gratidão de eterno discípulo:

“Fui aluno no curso de Direito da Universidade Federal de Sergipe, turma de 1980, última turma do histórico prédio da avenida Ivo do Prado, a nossa rua da Frente. O professor José Francisco da Rocha lecionava Direito Comercial. Homem cordial, sempre com um discreto sorriso a permitir que todos pudessem dele aproximar-se. Afável com todos os alunos, disponível para tirar dúvidas, atender consultas dos estudantes, mesmo fora da sala de aula e até além do espaço da Faculdade. Profundo conhecedor da matéria, pois além de estudioso professor também era excelente advogado, com simplicidade e precisão cirúrgica possibilitou que seus alunos pudessem bem aproveitar suas aulas. Extremamente generoso, lembro que após concluir o curso, advogado iniciante, por diversas vezes procurei o professor Rochinha, forma carinhosa como era tratado pelos

alunos, para pedir-lhe auxílio em questões intrincadas, sendo sempre atendido gentilmente. Tendo sido aprovado no concurso para magistratura, houve uma ação intentada por dois advogados contra todos os candidatos aprovados, e coube a mim escolher o advogado para representar-nos. Não tive dúvidas, procurei o professor Rochinha, que prontamente se dispôs a patrocinar nossos interesses. A demanda chegou ao Supremo Tribunal Federal, tendo o Dr. Rochinha atuado com desvelo e competência, contando, na Suprema Corte, com o auxílio do professor Dr. Roberto Rosas. Digo, com alegria, que o professor José Francisco da Rocha é um amigo que prezo. E, com humildade, continuo a ser um dos seus alunos. Muitíssimo obrigado, professor Rochinha, valoroso e íntegro decano da advocacia sergipana”.

O desembargador Cezário Siqueira Neto, outro exemplar ex-aluno do professor de Direito Comercial da UFS, que igualmente na condição de cliente teve a felicidade e o privilégio de contar com os conhecimentos jurídicos do renomado causídico, vem aqui também externar todo o seu carinho, gratidão e reconhecimento ao mestre que, mais do que uma educação formal, proporcionou-lhe uma educação para a vida:

“Há algumas pessoas sobre as quais falar de suas características é extremamente fácil. Uma delas é o Dr. José Francisco da Rocha, por ser uma figura multifacetada. O prof. Rochinha, como carinhosamente costume chamá-lo, é uma das boas recordações dos meus tempos de Faculdade de Direito da UFS. Professor de Direito Comercial, com vasto conhecimento sobre a matéria, mas aci-

ma de tudo um mestre que não se caracterizava pela rigidez, mas sim pela forma sempre educada de nos tratar, dispensando-nos mais do que uma educação formal, uma educação para a vida. Já formado, tive oportunidade de assistir à atuação do Dr. Rochinha como advogado. Mestre no manejo do Direito como Ciência e na habilidade do convencimento. Sempre cortês, de fala mansa, esquadrinhando todos os meandros do processo com habilidade ímpar. Sua vasta formação Jurídica e Humanística permitiu que fosse o mais longo membro do Tribunal Regional Eleitoral, sem falar nos demais cargos exercidos durante essa longa e profícua vida profissional. Fui cliente do Dr. Rochinha, assim como os meus colegas de turma, no concurso para ingresso na magistratura sergipana e, graças não só ao nosso bom Direito, mas também, e primordialmente, ao talento jurídico do nosso causídico, vencemos a causa. Representou-nos magnificamente no foro Sergipano e em Brasília, no STJ, junto com o Dr. Roberto Rosa. Lembro, ainda, de quando recebemos a notícia do julgamento definitivo em Brasília e fomos até a casa do mestre comemorar. Imensa alegria. A advocacia sergipana não podia ter melhor representação como decano. E nada melhor do que ver um mestre em lição do Direito e da vida com saúde. Vida longa ao prof. Rochinha!”.

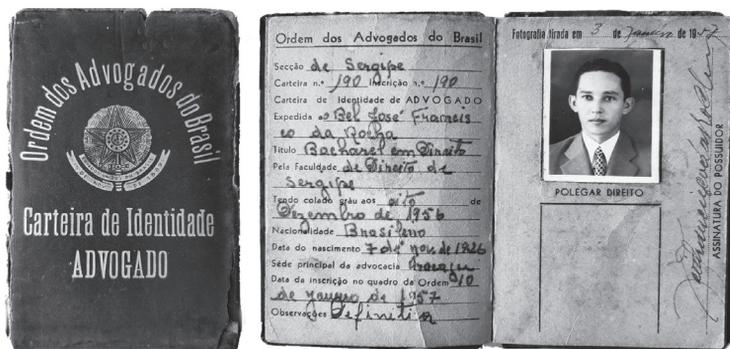
Rochinha aprendeu com os grandes. Foi justamente por adquirir conhecimento junto aos melhores que pôde emprestar o seu saber a outros grandes. Assim, tendo sido aluno de expoentes do quilate dos ex-governadores Luiz Garcia e José Rollemberg Leite, recebeu deles o bas-

tão do conhecimento para que fosse repassado a outros notáveis, a exemplo do ex-governador Marcelo Déda e do atual governador do estado, Belivaldo Chagas. O Chefe do Poder Executivo Estadual fez questão de deixar seu depoimento acerca do mestre:

“Tenho na figura de José Francisco da Rocha, o Rochinha, ex-presidente da OAB/SE e decano da advocacia sergipana, um exemplo de longevidade e comprometimento a esta área tão bonita e importante para o funcionamento da sociedade que é o Direito. Um verdadeiro bastião da ética que sempre será referência para os seus colegas pelos seus mais de 64 anos de carreira jurídica ininterrupta, sendo reconhecido ainda como professor emérito da Universidade Federal de Sergipe e dedicado membro da Loja Maçônica Cotinguiba. Uma história viva do Direito sergipano, que nos seus quase 96 anos de vida merece todo tipo de celebração e homenagem”.

O advogado

O Banco do Brasil foi sua grande escola, a cátedra lhe proporcionou um prazer incomensurável, mas o exercício da advocacia foi, é e sempre será sua grande paixão. José Francisco da Rocha é o detentor da carteira de nº 190 da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Sergipe – OAB/SE.



Carteira de nº 190 da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Sergipe, de José Francisco da Rocha. Acervo da OAB/SE por doação do seu titular.

Ao encerrar suas atividades em janeiro de 2020, por ocasião da pandemia do coronavírus, completou 64 anos de efetivo exercício na advocacia. Encerrava-se ali uma das mais belas histórias de amor de um homem com a profissão que abraçou. Uma jornada que iniciou de forma incomum e surpreendente, tendo o inexperiente causídico recebido na estreia uma lição de generosidade e humanismo que o tornou um dos melhores alunos nestas disciplinas, ensinamento transmitido por aquele que aparentando ser seu adversário iria se tornar ao longo da vida um dos seus melhores amigos. Rochinha discorre a seguir acerca da inusitada lição:

“Eu tinha conseguido minha primeira causa e promovi um processo contra um cidadão. Numa manhã de segunda-feira, cheguei no Cartório de José Campos, de terno de linho, anel no dedo e pasta de couro, me sentindo um verdadeiro doutor. Ao entrar, identifiquei pelo traje um colega de profissão e disse-lhe que ali estava para dar entrada numa ação. Ele me

perguntou se eu já havia distribuído. Só que eu não sabia o que era distribuição, pois, naquele tempo, não existia a matéria Prática Jurídica ou Estágio, muita coisa aprendíamos no contato direto com o trabalho. Fui, então, direcionado para o Cartório de Lia Barreto. Adorei a tal distribuição, porque lá fui atendido por uma senhora distinta, muito bonita, loira e de olhos verdes. Quando o cidadão foi citado, fui procurado por seu advogado, de nome Manoel Achilles Lima. Era o advogado que me alertou acerca da necessidade de distribuir a ação”.

E continua o então estreante advogado:

“Percebendo que eu iniciava na profissão me localizou para dizer que eu estava ingressando com a ação indevida e que, se assim procedesse, além de demonstrar desconhecimento, iria ser fulminado de início. Levou-me a uma sala da OAB/SE e me ensinou como ingressar com a ação correta e promover nova distribuição. Ele já era advogado da LBA, bem conceituado, experiente, mas foi de uma humanidade extrema. Um homem de caráter excepcional. A partir daí nos tornamos grandes amigos. Onde eu vou e por onde passo, sempre que tenho oportunidade, registro este fato. Na verdade, o que devo a Achilles eu desço ao túmulo e não pago. Acredito ter recebido logo na minha estreia a maior lição no mundo jurídico”.



Com o amigo e advogado Achiles Lima. Acervo de J.F.R.

Durante os 64 anos de exercício da advocacia, no intuito de aprimorar seus conhecimentos jurídicos e permanecer em constante aprendizado, participou de diversos cursos, seminários, congressos, simpósios, ciclos de estudos e conferências de âmbito nacional e internacional. Cabe um registro especial para os dois primeiros, o curso de Direito Penal, realizado na cidade de Belo Horizonte, em 1955, e o curso de Oratória na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – USP, em 1963. Seguiram-se inúmeras outras participações, dentre as quais destacamos: I Congresso Interamericano de Direito Privado (Porto Alegre); Seminário de Estudos Jurídicos, Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões (Portugal), em 1987; Seminário para Juristas e Magistrados Brasileiros, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (Portugal), em 1996; Colóquio Jurídico Alemão-Brasileiro, Universidade Humboldt de Berlim (Alemanha), em 1997; Curso de Direito Privado, Universida-

de de Sorbone (França), em 1998, e Congresso de Direito Penal, Universidade de Nova Iorque (EUA), em 2001.

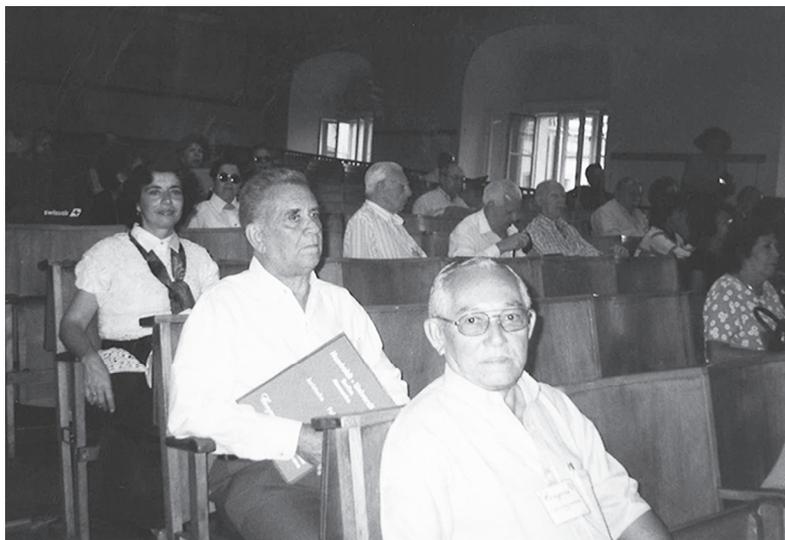
Durante o Colóquio Jurídico Alemão-Brasileiro realizado no período de 15 a 19 de julho de 1997, verificou-se um fato inusitado reservado somente para os sábios e preparados oradores.



Colóquio Jurídico realizado na cidade de Berlim, Alemanha. Acervo de J.F.R.

No último dia do evento, o presidente do colóquio, aproveitando a presença de um participante brasileiro, de inopino, perguntou se o representante do Brasil não poderia proferir algumas palavras acerca do insigne Tobias Barreto de Menezes. Como para esses eventos ele sempre viajava na companhia de sua filha Conceição, de imediato, pediu apenas que ela perguntasse de quanto tempo ele poderia dispor. Foi-lhe disponibilizado o tempo que considerasse necessário. Deu uma verdadeira aula sobre o mais festejado e respeitado brasileiro de todos os tempos em solo alemão em exatos 43 minutos, sem perder por um segundo sequer a linha de

raciocínio durante sua fala em meio à complexidade gerada em virtude das frequentes interrupções por conta da tradução intermitente. Ao final, não só foi bastante aplaudido, como, também, homenageado com uma singela lembrança do simpósio devido ao brilhantismo de sua apresentação.



Evento com final marcado pela brilhante participação do advogado José Francisco da Rocha. Acervo de J.F.R.

Advogou e prestou consultoria jurídica para diversas instituições, empresas e grupos econômicos, a saber: Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – ADESG; Asilo Rio Branco; Banco Nacional de Crédito Cooperativo S/A; Nutrial Agroindústrias S/A; Moinho Sergipe S/A; Sanagro – Santana Agroindustrial Ltda; Ribeiro Chaves Indústrias S/A; Sergipe Industrial S/A; Concorde Veículos S/A; Agropesa – Agropecuário Salgado Ltda; Usina Santa Clara Ltda; Caramurú S/A; Grupo Financeiro Itaú.

Em seu escritório instalado no 5º andar, sala 504, do edifício Norcon, situado no atual calçadão da João Pessoa, nº 71/75, centro de Aracaju, foram produzidos inúmeros trabalhos jurídicos nas áreas cível, comercial, penal e trabalhista, bem como arazoados e contrarrazoados para o Tribunal de Justiça de Sergipe, Tribunal Federal de Recursos, Supremo Tribunal Federal, Tribunal Regional do Trabalho 5ª Região, Superior Tribunal de Justiça, Tribunal Regional Federal-Recife (PE), Tribunal de Justiça de Pernambuco, Ceará e Rio de Janeiro, além da elaboração de estudos conjuntos com os juristas Orlando Gomes e J.J. Calmon de Passos.

Foi justamente lá, no 5º andar, que seus filhos Maria do Socorro e Juvenal Neto, assim como seu genro Eduardo Ribeiro iniciaram na advocacia. Estes, diferentemente dos demais alunos do professor Rochinha, além das lições teóricas, conceitos, orientações e conselhos transmitidos no Norcon, vivenciaram a prática processual cotidiana bem ao lado do jurista. Foram atores da cena jurídica a dividir com o mestre desde a coxia da sala 504 aos palcos com os quais se deparavam na lida forense. Passaram de coadjuvantes a protagonistas graças à generosidade de quem o conhecimento transmitia, mas, também, por mérito daqueles que as preciosas lições souberam assimilar. Maria do Socorro de Aguiar Rocha Ribeiro iria se tornar uma destacada Defensora Pública do nosso estado; Juvenal Francisco da Rocha Neto, um competente advogado, criador da Juvenal Rocha Neto Sociedade Individual de Advocacia, com atuação, inclusive, em outros estados, tendo, dentre outros, ocupado o cargo de Juiz Membro Substituto e Efetivo do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Sergipe, e Antônio Eduardo Silva Ribeiro, que após atuar por 18 anos como Chefe da Assessoria

Jurídica do Banco do Brasil, se consolidaria mais tarde como um dos mais conceituados advogados sergipanos, à frente do escritório Eduardo Ribeiro Advogados, com atuação em Sergipe e outros estados da federação.

José Francisco da Rocha, no alto dos seus 96 anos, após 64 anos de exercício da advocacia, em plena lucidez, figura como o profissional do Direito mais longo até os dias atuais e com maior lapso laboral na seara jurídica sergipana.

A Dra. Clélia Mota nos serve com um lapidar testemunho externando toda sua admiração pelo brilhante advogado e jurista durante sua atuação junto à Justiça Federal:

“Peço vênia para traçar singelas linhas enfocando o biografado como: advogado militante no Foro Federal da Seção Judiciária do nosso estado, como professor da nossa Faculdade de Direito da Universidade Federal de Sergipe e notável jurista. Advogado militante no Foro Federal, um gentleman no trato impecável para com funcionários, prestadores de serviços, servidores, magistrados e todos que fazem o Poder Judiciário. Homem culto, de notável saber jurídico evidenciado em peças processuais, com suas petições muito bem escritas, seus recursos muito bem elaborados, de linguagem escorreita, argumentos convincentes, fundamentados na lei, na doutrina, nos princípios gerais do direito e jurisprudência. No magistério da disciplina de prática forense, são notáveis seus ensinamentos de como bem elaborar instrumento de procuração e demais peças processuais, pesquisas de jurisprudência e demais julgados dos tribunais superiores. Norteou o futu-

ro de uma geração ávida em conquistar seu espaço na carreira jurídica, e por realização no campo do direito e da justiça. Um timoneiro a instruir os noveis como enfrentar os mares bravios da competição profissional a serem desbravados. O insigne professor sempre ministrava suas aulas de modo seguro e com a tranquilidade dos grandes mestres. Além de ensinar a redigir peças processuais, inspirava aos neófitos, com sua conduta ética de cunho aristotélico, como um exemplo a ser seguido no exercício de tão nobre profissão”.

E complementa:

“Eminente jurista, atencioso e solícito para com alunos, de relacionamento respeitoso para com colegas e todos que o cercam nos diversos graus e instâncias da Justiça, sua carreira profissional constitui um verdadeiro legado para as gerações futuras. Um profissional de excelência, dedicado, zeloso, diligente, exímio na arte de advogar, o que faz, portanto, com grande maestria. Adunam ao seu currículo relevantes serviços prestados à sociedade sergipana nos diversos cargos que ocupou, como cientista do Direito. Um patrono de elevado senso de humanidade para com as pessoas que necessitam da sua consultoria para solução de controvérsias apontando as possibilidades de deslinde seguindo os parâmetros legais e da conciliação. A trajetória de vida do nobre causídico, seu prestígio diante de todos que o admiram como pessoa e como profissional competente e do mais puro quilate dignificam as Ciências Jurídicas e a advocacia, na realização do ideal de Justiça segundo os preceitos do

direito na concepção de Ulpiano: 'Viver honestamente, não ofender ninguém, dar a cada um o que lhe pertence'. Congratulações ao Dr. José Francisco da Rocha pela longevidade, somando quase dez décadas de sua existência hígida a colher os louros da vitória que a vida lhe outorga. Viver, também, é uma arte. Essa é uma graça para poucos”.

A Conselheira do TCE-SE Susana Maria Fontes Azevedo Freitas, nas linhas que acrescenta a este capítulo, enaltece a figura do advogado, professor, jurista e admirável orador, deixando claro que sua amizade e admiração foi herança deixada pelo grande Tertuliano Azevedo:

“Para este exímio advogado, estar na tribuna era um deleite. Seu entusiasmo com o Direito foi, com certeza, algo que o distinguiu como advogado e deve ser assimilado por todos aqueles que desejam o sucesso nesta nobre profissão. Além disso, o Dr. Rochinha compreendia a advocacia como uma carreira vibrante e dinâmica, capaz de render as mais notáveis alterações jurisprudenciais e legislativas. Realmente, não basta o talento, o bom jurista deve ser inquieto, ávido na defesa dos interesses de seu cliente, características intrínsecas a este sergipano de prestígio. Um ser humano multifacetado, Dr. José Francisco da Rocha, como advogado, foi um dos mais bonitos oradores a sustentar na Egrégia Corte de Justiça de Sergipe. Como professor, era amado por seus alunos. Como pai, conseguiu orientar seus filhos no caminho da retidão, orgulhando-se do sucesso de cada um deles. Como amigo, muito afeiçoado a meu pai, Tertuliano Azevedo, sempre demonstrou cumplicidade e estima.

Deste modo, é incontestável que Dr. Rochinha é parte importante da história jurídica de Sergipe. Recordo-me de um fato em que um familiar contratou os serviços advocatícios de Dr. Rochinha. Fazendo jus aos elogios aqui tecidos, este excelente advogado logrou êxito na demanda e proporcionou satisfação absoluta e eterna gratidão deste familiar, que viu a Justiça ser feita com o auxílio de um aguerrido e brilhante advogado”.



Com a conselheira Susana Azevedo e seu esposo, o empresário Joel Freitas.

Acervo de J.E.R.

O renomado advogado Roberto Rosas, que certa feita deslocou-se da capital federal para atuar em um processo conjuntamente com o jurista sergipano junto ao Tribunal de Justiça de Sergipe, nos revela outras disciplinas nas quais o gentil anfitrião ministrava aulas com excelência:

“Tivemos um caso comum, no Tribunal de Justiça de Sergipe, e eu forasteiro fui aos desembarcadores junto com o Rochinha. Foi espetacular a recepção, menos por mim, e mais por ele. Um acolhimento a quem tem prestígio e é respeitado. Deixará de legado a sua temperança, calma e objetividade, além da humildade com afirmação. Não é um submisso. Rochinha é um exemplo de ser humano e profissional, porque além de excelente advogado dá aulas de prudência e cortesia”.



Capítulo VI

O Maçom

José Francisco da Rocha ingressou na Loja Simbólica Cotinguiba em 29 de janeiro 1949, a convite de Leopoldo Calumbi Barreto, em sessão presidida pelo Venerável Coronel Hermeto Rodrigues Feitosa.



Templo da Loja Simbólica Cotinguiba. Acervo da Loja Simbólica Cotinguiba.

Iniciado nos sagrados preceitos maçônicos, foi galgando todos os interstícios da evolução maçônica simbólica e filosófica. Ocupou os cargos de secretário, 1º e 2º vigilantes, mestre de cerimônia, orador (em várias gestões), presidente da Comissão de Justiça, Grande Procurador do Grande Oriente do Estado de Sergipe – GOB-SE, Venerável da Loja Simbólica Cotinguiba por 4 (quatro) mandatos, a saber, 1969-1971, 1981-1983, 1983-1985 e 1991-1993 e Grão Mestre Estadual – GOB-SE.

Foi membro do Conselho de Família, membro honorário das Lojas Piauytinga, Clodomir Silva, Eleotério Luiz Bonfim e Professor Alencar Cardoso, Fundador das Lojas Lealdade Cotinguibense e Marcos Ferreira de Jesus, Venerável Mestre instalador de vários Veneráveis e membro fundador da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras, cadeira nº 2, que tem como patrono Álvaro Fontes da Silva.

Elevado ao Grau Dois, em 20 de abril de 1949; ao Grau Três, em 21 de maio de 1949, e a Mestre Instalado, em 20 de maio de 1970. Alcançou na Ordem Maçônica o Grau Trinta e Três.

Foi professor cadastrado do Seminário Geral de Mestres Maçons, em três edições, sendo-lhe conferidos diplomas e medalhas pela Grande Secretaria Geral de Educação do Grande Oriente do Brasil. Possui ainda os títulos da Ordem do Mérito Clodomir Silva, Comendador da Ordem do Mérito Dom Pedro I, Benemérito e Grande Benemérito da Ordem Cruz da Perfeição Maçônica, estes últimos por atos do Grão Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil.

Através do Ato nº 1.677, de 07 de novembro de 1990, lhe foi concedida pelo Grande Oriente do Brasil

a Medalha Comemorativa do Centenário da Proclamação da República do Brasil. Integrou a Ordem do Mérito Antônio Manoel de Carvalho Neto. Participou de várias convenções e congressos, inclusive da 1ª Convenção Nacional do Rito Brasileiro, em Natal (RN), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e Brasília (DF). Conferencista em Natal, na oportunidade do batimento da Pedra Fundamental da Loja Bartolomeu Fagundes. Participou do batimento da Pedra Fundamental de diversas outras Lojas.

Atuou intensamente junto ao Grande Oriente do Brasil (GOB) para a criação do Grande Oriente do Estado de Sergipe (GOB-SE), via Emenda Constitucional que reduziu a exigência de 13 para 7, passando este a ser o número mínimo para a criação de um Grande Oriente Estadual, fator decisivo para a criação do GOB-SE.

Conseguiu junto ao GOB a concessão da maior comenda que a Maçonaria Brasileira outorga a profanos e maçons, em favor dos governadores Lourival Batista, João Alves Filho e do empresário e maçom Roberto Constâncio Vieira, solenidades estas realizadas no auditório do Tribunal de Justiça de Sergipe.

Ampliou o patrimônio de sua Loja-mãe com a aquisição de imóvel vizinho. Teve atuação marcante na defesa jurídica em ação de usucapião do prédio da Loja Simbólica Cotinguiba, bem como numa ação de desapropriação de uma chácara de propriedade da Loja com trâmite na Justiça Federal, recorrendo da decisão até o antigo Tribunal Federal de Recursos – TFR, em Brasília (DF).

O maçom regular ativo mais antigo do Grande Oriente do estado de Sergipe foi um dos personagens principais de um dos mais emblemáticos episódios da história da Ma-



çonaria em nosso estado. Um daqueles fatos que literalmente acontecem apenas 1 (uma) vez a cada 100 (cem) anos.

Todavia, somente para contextualizar e ressaltar o ineditismo desse acontecimento histórico, é oportuno, com brevidade, recordar um assunto do qual tomamos conhecimento ainda nos bancos escolares: a questão religiosa no Brasil.

Trata-se de um evento verificado em 1872, mesmo ano da fundação da Loja Simbólica Cotinguiba, provocado por desentendimentos entre a Igreja Católica e a Maçonaria, com relevo nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Pará, que ocasionou a suspensão e expulsão de padres maçons de suas ordens religiosas, culminando com a prisão dos Bispos Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira e Dom Antônio de Macedo Costa em 1874. Embora tenha durado pouco mais de 3 anos, marco que coincide com a libertação dos bispos ocorrida em 1875, as feridas abertas em virtude de tal ruptura levaram anos para cicatrizarem, sendo o distanciamento entre ambas instituições das sequelas a mais visível.

Da primeira suspensão infligida a um padre maçom em 1872 até o episódio verificado em 1968, esse quase secular hiato foi mantido, sendo inimaginável um padre, muito menos um bispo, cruzar os umbrais ou subir as escadarias de um templo maçônico.

Entretanto, no avizinhar do centenário da Loja Simbólica Cotinguiba isso ocorreu. Frise-se, porém, que o fato narrado a seguir, que tem o orador maçônico José Francisco da Rocha como um dos seus personagens principais, é o único dessa natureza, no lapso em questão, registrado no mundo.

Em maio de 1968, na gestão do Venerável Carlos Teles Sattler e sob a coordenação de José Francisco da Rocha, a Loja Simbólica Cotinguiba recebia o Bispo de Aracaju, Dom Luciano José Cabral Duarte, que na ocasião proferiu um discurso intitulado “Maçonaria – Catolicismo, Com as Bênçãos do Grande Arquiteto do Universo”.



Em momento maçônico com o Venerável Carlos Teles Sattler. Acervo de J.F.R.

Ocorre que até a chegada desse dia histórico três anos se passaram entre o convite formulado por uma comissão de maçons e o sim do sucessor dos apóstolos de Cristo.

Como afirmou o bispo no início do seu discurso, tudo se deu em virtude da publicação de um artigo de sua autoria na revista Cruzada, dois meses após a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II, no qual, durante a 3ª Sessão, numa aula conciliar, levantou a seguinte pergunta: Não será chegado o momento de reabrir o dossiê da questão entre a Igreja e a Maçonaria?

Para surpresa e alegria do bispo, uma semana após a publicação do artigo, uma comissão de maçons, composta por Cícero Menezes e José Francisco da Rocha, o procurou perguntando se ele aceitaria preferir uma conferência na Loja Simbólica Cotinguiba de Aracaju. Dom Luciano, de imediato, disse que quanto a ele aceitaria sem problema, mas enquanto sacerdote de uma Arquidiocese e sendo um súdito disciplinado, sua resposta encontrava-se condicionada à aquiescência e aprovação do seu superior hierárquico, o Arcebispo Dom José Vicente Távora. A Comissão, então, se dirigiu a ele e, como era natural, por se tratar de um assunto que obedece à legislação internacional da Igreja Católica, disse que via o convite com bons olhos, mas era preciso consultar o escalão mais alto na hierarquia da Igreja.

Passaram-se três anos e, no mês de janeiro de 1968, com a autorização do Arcebispo, Dom Luciano escrevia ao Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio, representante do Papa junto ao episcopado brasileiro, expondo a questão.

Após 15 dias de espera, recebeu a resposta positiva para aceitação do convite. Estava dada, assim, a autorização inédita de que o bispo necessitava. Depois de alguns meses, regados por preparativos e grande expectativa, o grande dia chegou.

Foi na noite do dia 29 de maio de 1968. A Loja Simbólica Cotinguiba encontrava-se repleta. Dentre os presentes, o governador do estado, Lourival Baptista, e diversas autoridades. Dom Luciano foi saudado pelo então orador maçônico Arivaldo Prata, que iniciou o seu pronunciamento com a seguinte frase: “Esta Casa esperava por essa visita há 96 anos”. Ao final, passou a palavra ao ilustre visitante.



Governador Lourival Baptista sendo recepcionado pelo Venerável Carlos Sattler na Loja Simbólica Cotinguiba em 29 de maio de 1968.

Acervo do Instituto Dom Luciano Duarte.



Dom Luciano Duarte, ao lado do Venerável Carlos Sattler, sendo cumprimentado por maçons na Loja Simbólica Cotinguiba em 29 de maio de 1968.

Acervo do Instituto Dom Luciano Duarte.

Pela sua importância histórica, bem como pela escassez de literatura a respeito, trago, na sequência, algumas linhas daquele que, segundo afirmou o governador Belivaldo Chagas em opúsculo de sua autoria denominado ‘Um Discurso para a História’, publicado pela EDI-SE, em 2021, trata-se de uma dessas peças históricas que bem assinalam suas épocas, comparando-o ao célebre discurso do grande Tobias Barreto de Menezes intitulado ‘Discurso em Mangas de Camisa’.

O bispo, por sua vez, assim se dirigiu aos ansiosos e atentos maçons:

“Estou aqui, não para condenar, nem para absolver, porque não vim julgar. A minha presença nesta Casa é um gesto de amizade. Ela não significa ainda que a ponte levadiça foi definitivamente baixada sobre a incompreensão que, no passado, separou a nossa Igreja da Maçonaria; mas este advérbio carregado de esperança que eu acabo de pronunciar, ainda em meus lábios e em minha intenção, quer a expressão de uma expectativa fremente que não esteja longe este dia em que oficialmente as relações sejam reatadas”.

E prossegue o sábio pastor:

“Meus amigos, a tarefa que está diante dos homens de boa vontade é grande demais, é séria demais para que nós percamos tempo em bagatelas de discutir coisas que nos separam radicalmente, e entrar em divergências por princípios que devemos respeitar na liberdade sagrada de cada consciência. O momento é chegado em que todos aqueles que desejam para o seu país, para os seus filhos, para

as gerações do futuro, e eu que, como Sacerdote e como Bispo, renunciei a ter um lar na carne, mas tenho no espírito centenas, milhares de filhos, participo das angústias dos que são pais e mães e que olham com inquietação, com aflição de alma estes dias turvos que se anunciam, que não sabemos como serão”.

E formaliza o convite para uma parceria entre homens de boa vontade:

“Meus caros amigos, eram estas as imagens que palpitavam na minha alma quando subia estas veneráveis escadarias, e perguntava a mim mesmo, neste monólogo interior em que a alma dialoga com ela mesma, não seria possível repetir o milagre, não estamos nós diante de um flagelo, não estamos nós vivendo uma epidemia, a endemia crônica da fome, da ignorância, da miséria, o despojamento de um estado em que alguns têm alguma coisa e a maioria não tem nada? Não seria a hora de nos juntarmos todos nós, e que esta Casa venha emprestar o seu prestígio valioso, o seu significado e concreto apoio a uma cruzada humana para a promoção do nosso estado? É esta a pergunta que me fazia, é esta pergunta que deixo aqui. Penso que uma colaboração para se concretizar precisa de gestos; os gestos da simpatia, os gestos de tolerância, os gestos da compreensão foram feitos. Agora, temos diante de nós uma tarefa comum, procuremos não pensar nas coisas que nos separam do passado, mas procuremos diante dos nossos olhos as tarefas urgentes, exigentes, graves, que estão diante de todos nós os homens de boa vontade”.



A partir da esquerda, sentados: Venerável Carlos Teles Sattler, Delegado do Grão Mestreado Marcos Ferreira de Jesus, governador do estado Lourival Baptista e, em pé: Dom Luciano José Cabral Duarte, proferindo conferência no Templo da Loja Simbólica Cotinguiba em 29 de maio de 1968.

Acervo do Instituto Dom Luciano Duarte.

E finaliza o seu brilhante e extenso, mas não por isso cansativo, discurso, o saudoso e iluminado Dom Luciano:

“Meus caros irmãos, meus caros amigos, meus caros irmãos da Maçonaria, a todos nós, irmãos da fraternidade de Deus, irmãos da linha da boa vontade, irmãos da consciência da nossa responsabilidade social, a todos nós se apresenta agora esta tarefa, nós estamos num estado de emergência, o dilema diante dos nossos passos é este. Se nós não queremos o caminho do ódio, da guerra, da destruição imprevisível, ainda é tempo, creio eu, de andarmos pela estrada da paz. E como seria este estado de Sergipe em que os homens reconciliados,

deixando de lado as pequenas mesquinhas que os dividem se colocassem todos juntos numa marcha comum, num esforço comum, nesta primavera de uma fraternidade subitamente desabrochada em nossa terra para a tarefa de humanizar mais a nossa gente, de comover o nosso povo, de dar terra a quem não tem terra, de dar uma situação humana a quem não tem situação humana, tudo isto dentro da lei, da ordem, da fraternidade e do amor”.

Assim, com o apoio da Loja Simbólica Cotinguiba, em evento que esteve sob a coordenação de José Francisco da Rocha, Dom Luciano José Cabral Duarte lançava as bases de um projeto que ele já tinha em mente e viria a ser a PRHOCASE – Promoção do Homem do Campo de Sergipe.

Mas tal projeto só iria se concretizar 4 anos depois, durante sua segunda visita à Loja Simbólica Cotinguiba, por ocasião das comemorações alusivas ao centenário da primeira Casa da Maçonaria sergipana. José Francisco da Rocha e Carlos Teles Sattler mais uma vez foram os responsáveis por esse retorno do bispo, que culminou com a aprovação da parceria entre a Igreja Católica e a Maçonaria em uma ação eminentemente humanitária.

Esse outro significativo momento ocorreu na noite de 7 de novembro de 1972, há exatos 50 anos, data em que também se celebrava o aniversário natalício do orador José Francisco da Rocha. O Templo Maçônico encontrava-se mais uma vez repleto. Presentes à solene sessão estavam o governador do estado, Paulo Barreto de Menezes; o vice-governador, Adalberto Moura, dentre outras autoridades.



Dom Luciano José Cabral Duarte, à direita, chegando à Loja Simbólica Cotinguiba, na companhia do governador do estado Paulo Barreto de Menezes, ao centro, e do vice-governador Adalberto Moura, logo atrás, para proferir conferência em 7 de novembro de 1972. Acervo da Loja Simbólica Cotinguiba.



O grande público que prestigiou o evento. Acervo da Loja Simbólica Cotinguiba.



Presentes também se encontravam as senhoras Conceição Barreto, esposa do governador, a terceira da esquerda para a direita, e a senhora Conceição Moura, esposa do vice-governador, a primeira à esquerda.

Acervo da Loja Simbólica Cotinguiba.

Ao fazer uso da palavra, Dom Luciano, preliminarmente, referiu-se aos fatos que se relacionaram com a sua primeira visita à Loja ocorrida há 4 anos. Desta feita, proferiu uma palestra abordando o tema “A Bem-Aventura de Jesus”. Ao finalizar, pediu que a Loja colaborasse com a Arquidiocese de Aracaju, adquirindo uma área de terra para implantação do PRHOCASE, pertencente ao senhor José do Prado Barreto, no valor de Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros).



Dom Luciano José Cabral Duarte proferindo conferência no Templo da Loja Simbólica Cotinguiba em 7 de novembro de 1972.

Acervo da Loja Simbólica Cotinguiba.

José Francisco da Rocha, ao iniciar aquele que considera o seu mais importante pronunciamento, citou mensagens proferidas por religiosos católicos a respeito da instituição maçônica, mencionando irmãos que pertenceram à Maçonaria e eram autoridades eclesiásticas. Leu trechos da mensagem de Dom Luciano quando de sua primeira visita à Loja. Manifestou-se favorável à propositura do Arcebispo e sugeriu que o Venerável Mestre colocasse o tema em votação, a fim de que os irmãos se manifestassem. Atendendo à sugestão, o Venerável abriu o assunto para votação, contando com aprovação unânime. O preclaro orador, ao retomar a palavra, agradeceu à assembleia o acatamento da solicitação episcopal e, ao final, teceu profundo agradecimento a Dom Luciano em nome da Loja.



O orador José Francisco da Rocha durante o seu memorável pronunciamento no Templo da Loja Simbólica Cotinguiba em 7 de novembro de 1972.

Acervo da Loja Simbólica Cotinguiba.

Desse modo, numa ação pioneira na busca de justiça social, com a distribuição pacífica e equitativa de terra, Dr. Rochinha emprestava seus conhecimentos enquanto especialista em direito fundiário, através da Maçonaria, para promover negociações institucionais com a Igreja Católica, representada pelo Arcebispo Dom Luciano, que resultaram na aquisição de uma fazenda comunitária denominada “Reconciliação”, em homenagem ao ato ocorrido em maio de 1968, localizada no município de Divina Pastora, dela participando a Diocese de Aracaju e a Loja Simbólica Cotinguiba em partes iguais, com escritura assinada no Palácio Episcopal perante o tabelião do 1º Ofício, Dr. Luiz Santana, que contou com a presença de autoridades eclesiásticas e integrantes da Maçonaria.

José Francisco da Rocha esteve presente em todas as solenidades da PRHOCASE a convite de Dom Luciano, inclusive na grande assembleia que extinguiu o projeto, realizada anos depois.

O convite formulado por aquela comissão maçônica da qual participou José Francisco da Rocha, que culminou com a 1ª visita do Bispo à Loja Simbólica Cotinguiba, fez com que Dom Luciano José Cabral Duarte entrasse para a história como o primeiro Bispo da Igreja Católica a falar oficialmente em um Templo da Maçonaria, fato que teve grande repercussão mundial, causando, inclusive, disputa, até mesmo ciúme, pela primazia, conforme, certa feita, mostrou Dom Luciano ao jurista maçom uma publicação em revista católica de circulação internacional onde um bispo francês reivindicava para si o privilégio. A matéria, porém, se mostrou inverídica.

A história de José Francisco da Rocha com a Maçonaria no estado de Sergipe é bela, louvável, rica e modelar para as atuais e futuras gerações de maçons.

São 73 anos de amor a uma causa e de respeito aos princípios que norteiam essa secular instituição. Alguns dos que comungam dos mesmos princípios, ultrapassam com frequência os mesmos umbrais e sobem as mesmas escadarias no intuito de constantemente aprimorarem seus conhecimentos filosóficos e deixam aqui suas impressões acerca daquele que se tornou um dos mais admiráveis e respeitados maçons do Grande Oriente de Sergipe e do Grande Oriente do Brasil.

O seu grande amigo e ex-Venerável da Loja Simbólica Cotinguiba Carlos Alberto de Oliveira Lyra, em emocionante relato, assim discorre acerca de uma amizade que já ultrapassa 60 anos:

“Quero inicialmente dizer da minha satisfação e alegria por prestar meu depoimento para esta obra, oportunidade em que aproveito para externar toda a minha amizade e admiração por Dr. Rocha. Conheço este amigo há mais de 60 anos, quando fui iniciado na Maçonaria, ainda com 22 anos de idade, sendo o maçom mais jovem a ingressar na instituição. Aprendi muito com ele e com Carlito (Carlos Sattler). Dr. Rocha representa para mim e para Sergipe, acima de tudo, um exemplo de dignidade. Trata-se de uma das pessoas mais íntegras que conheço. Um homem sério, correto, amigo dos amigos, incapaz de colocar em risco uma amizade. Daqueles amigos que se você dele um dia precisar ele se fará presente. Eu tenho por ele uma imensa estima e enorme gratidão. Certa feita, precisei dos seus préstimos para atender à solicitação de um irmão que morava em São Paulo e que estava sendo processado por algo que não tinha feito e que na verdade desconhecia. Ele recorreu de uma sentença e o processo foi parar no Tribunal de Justiça de São Paulo, em uma Câmara Cível composta por 3 desembargadores. Meu irmão era médico e vinha sofrendo muito há 2 anos por conta dessa injustiça. Então, relatei o fato a Dr. Rocha. Lembro-me que na época eu era o Venerável da Loja Simbólica Cotinguiba e ele, o Orador, cargo que ocupou por inúmeras vezes. Ele fez uma longa carta para o presidente do Tribunal, a qual assinamos conjuntamente, e pediu para meu irmão entregar pessoalmente a ele. O desembargador estava a poucos dias da aposentadoria, mas, ao ler, disse a meu irmão que não se preocupasse que a injustiça seria revista. O resultado foi 3 x 0 a favor de meu irmão. As-

sim como este caso, Dr. Rocha ajudou a várias pessoas, muitas mesmo, irmãos maçons e pessoas não integrantes da Maçonaria, sem explorar ninguém, e muitas vezes sem nada cobrar, sem chamar atenção, sempre discreto, cortês e com uma advocacia muito competente”.

E conclui:

“Ele sempre gozou de muito respeito e prestígio. Recordo-me de um fato emblemático a respeito. Numa ocasião, eu e mais 11 membros da Maçonaria fomos visitar a CHESF, no município de Paulo Afonso-BA. Foi na ocasião em que também era o Venerável da Loja, tendo na gestão anterior o coronel João Bosco Araújo Fontes ocupado o mesmo cargo. Só que nessa época era muito difícil conseguir autorização para visitar o coração da usina por conta dos riscos que a profundidade gerava. Ocorre que descemos cerca de 500 metros, todos devidamente paramentados e cercados de segurança. Foi uma experiência maravilhosa. Ao chegarmos à superfície, Dr. João Bosco exclama: ‘Como você conseguiu tal façanha, Rochinha, pois eu que sou coronel do Exército tive as minhas limitações?!’. E todos rimos bastante. Dr. Rocha é uma pessoa extraordinária e muita humana. No dia que partir será daqueles que realmente vai deixar um enorme vazio. Fará muita falta”.



Com o ex-Venerável Carlos Lyra. Acervo de J.F.R.

O atual presidente da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras, Valtênio Paes de Oliveira, discorre acerca da importância de José Francisco da Rocha para a Maçonaria no estado de Sergipe:

“José Francisco da Rocha é o maior expoente vivo da maçonaria sergipana interna e externamente. Tive a honra de ser seu aluno: marcou a simplicidade e sabedoria no magistério numa época em que tais valores eram raros no mundo acadêmico. Na OAB e no jurídico foi referência. Sua competência, sua capacidade de relacionar-se com pessoas e instituições foram marcantes. Homem que preza pela preservação da amizade: fomos opositos numa eleição de Grão Mestre e tivemos debates pessoais em Lojas, porém, nossa amizade ampliou após o fim da eleição. Inédito em Sergipe e talvez no Brasil foi a participação de Rochinha junto com a Loja Cotinguiba e Igreja Católica na

criação de uma fazenda comunitária da PRHO-CASE (reforma agrária em Sergipe) no município de Divina Pastora”.

O ex-venerável da Loja Simbólica Cotinguiba Ibrahim Salim, com a precisão e a certeza daqueles que verdadeiramente conhecem a história da maçonaria sergipana, nos mostra com efetividade o respeito e o prestígio de que sempre gozou José Francisco da Rocha:

“José Francisco da Rocha e Carlos Teles Sattler (Carlito) foram os maçons que mais representaram a Maçonaria Sergipana nos últimos 100 anos. Homens íntegros e respeitados por todos os maçons e todas as autoridades sergipanas. Todas as portas se abriam quando eles chegavam. Uma certa vez, só para ilustrar, fui convidado por Rochinha e Carlito para irmos ao Palácio do Governo do Estado. Eu era novato ainda na Maçonaria. Chegando lá, tinha mais ou menos umas 50 pessoas para serem atendidas pelo governador Augusto Franco, dentre elas, senadores, deputados e prefeitos. Logo que chegamos nos apresentamos a Raimundo Luiz, o chefe de gabinete. Então, enviaram um recado para o gabinete, que ficava na parte superior do prédio. De repente, a porta se abre e o Dr. Augusto aparece e, de imediato, diz: ‘Rochinha e Carlito, subam, por gentileza, que vou atendê-los’. Assim se vê o respeito e o prestígio que esses dois homens tinham naquela época e possuem até os dias atuais. Há pouco tempo Carlito ainda era vivo e continuava a gozar desse reconhecimento que a sociedade sergipana sempre dedicou a eles”.



Com o ex-Venerável Ibrahim Salim. Acervo de J.F.R.

O ex-presidente da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras e atual presidente da Associação Sergipana de Imprensa, Cleiber Vieira Silva, pontua algumas das virtudes de José Francisco da Rocha e ressalta a sua importância como professor e expoente da maçonaria em nosso estado:

“Sob a proteção do Grande Arquiteto do Universo, prestamos este depoimento sobre Dr. Francisco da Rocha, nosso Irmão na Arte Real. Antes de tudo, um mestre. Ele soube, como poucos, passar aos seus alunos a tocha do conhecimento, a mesma que fora carregada por outros mestres brasileiros da Ciência do Direito, a exemplo de Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Afonso Pena, Tobias Barreto (para quem o direito é um produto cultural e histórico da evolução humana), Farias Brito, Miguel Reale... e outros do Direito histórico internacional, como Ulpiano,

primeiro atuário da história, um dos seus mais importantes princípios o brocardo que diz: Honeste vivere, alterun non laedere, suum cuique tribuere, um dos preceitos do Direito carcomido pela corrupção humana ao longo do tempo. Outro é Hans Kelsen, jurista e filósofo austríaco, autor da Teoria Pura do Direito, obra que mais influenciou a ciência jurídica no século XX, e é um dos maiores estudiosos do direito moderno, influenciado por Immanuel Kant, David Hume, Norberto Bobbio e tantos outros. Todos grandes operadores do Direito. Como eles, Dr. José Francisco da Rocha fez do magistério também profissão, atuando com amor e renúncia, compreensão carinho e desvelo, buscando transmitir com disciplina e vigor conhecimento jurídico a quantos buscassem aprender essa Ciência, nada temendo e tudo respeitando, doando parte significativa do seu tempo, fazendo do ensino uma experiência de todos os dias. Ético, sempre se ocupou do dever, caracterizado pela obrigação de aplicar a justiça educacional, exigindo dos seus alunos o melhor desempenho”.

E prossegue:

“De todas as profissões o magistério é a de mais complexa responsabilidade. O professor não deve educar para a competição, isso a maioria faz. Educação para competição é princípio para qualquer guerra. Diz Voltaire que ‘educar mal um homem é dissipar capitais e preparar dores e perdas à sociedade’. Quando educamos para cooperarmos e sermos solidários uns com os outros, estamos educando para a paz. É o que nos assegura, por exemplo, a educadora italiana Maria Montessori, e era o que ensinava o mestre Rochinha. Sua vida como maçom é exemplar. Entrou para a Loja Maçônica Capituluar Cotinguiba em 1949.

Lá permanece até os dias atuais, perfazendo 73 anos ininterruptos dando exemplo de disciplina e liderança. Atuou como Venerável por quatro vezes exercendo hospitalidade, respeito, generosidade, prudência, alegria, correção e imparcialidade, valores importantes na formação de verdadeiros líderes, não esquecendo da reverência, algo que se presta a alguém de caráter e pensamentos nobres, de destaque por suas posições firmes. Assim é Rochinha, como carinhosamente é tratado pelos amigos, irmãos e colegas de magistério e de maçonaria: um homem de caráter ilibado”.



Na Loja Simbólica Cotinguiba em companhia de Cleiber Vieira. Acervo de J.F.R.

O ex-grão mestre adjunto do GOB-SE Aguinaldo Alves Vilela nos traz um importante relato que, ao pontuar seus feitos, nos mostra porque o maçom Rochinha é respeitado e admirado, tanto dentro como fora do nosso país:

“O professor José Francisco da Rocha (Dr. Rochinha) deixará um legado de ensinamento de como deve agir e se comportar um Homem de Bem no seio da sociedade e como amar a sua pátria, o

BRASIL. Dr. José Francisco da Rocha é um exemplo de profissional na área do direito não só no estado de Sergipe, mas em todo o Brasil, por sua honradez, sinceridade e fidelidade para com todos: clientes, colegas, juízes e desembargadores, com isto conquistando o respeito e admiração do povo sergipano, juristas e de todos os maçons em todo o Brasil. Digo com toda franqueza, nós que compomos a sociedade sergipana, a maçonaria sergipana e que o conhecemos, estamos sempre nos espelhando no Dr. José Francisco da Rocha. Nosso respeitado e amado Rochinha, em um dos mandatos como Venerável Mestre da ARLS Cotinguiba, nº 235, fez um trabalho de fundamental importância para os maçons e católicos ao conseguir que o Bispo Dom Luciano Cabral Duarte proferisse uma palestra na Loja Cotinguiba nos idos dos anos 60, palestra esta que abriu o diálogo e maior aproximação da Maçonaria com a Igreja Católica. Um pequeno comentário pessoal: em 2012, fui passear em Portugal e como na época ocupava o cargo de Grão Mestre Adjunto da Maçonaria, cujo Grão Mestre era o sapientíssimo irmão José Francisco da Rocha, ao chegar ao hotel, fui logo me apresentando ao gerente como maçom, e o mesmo me cumprimentou com a seguinte pergunta: como está o querido Irmão Rochinha?"



Com o ex-Grão Mestre adjunto do GOB-SE Aguinaldo Vilela. Acervo de J.F.R.

O maçom e literato Domingos Pascoal de Melo, membro da Academia Sergipana Maçônica de Artes, Ciências e Letras e da Academia Sergipana de Letras, ilumina com seu precioso relato o campo de abrangência das ações empreendidas pelo decano da Maçonaria de Sergipe:

“A Maçonaria tem como um dos princípios básicos o desenvolvimento espiritual e moral dos iniciados, buscando a transformação, através da lapidação e polimento da matéria bruta que é o ser humano, para que, transformados, transformem, também, a sociedade, tornando-a mais justa, mais ética e melhor. O aprendizado é contínuo e se projeta ao infinito. Todavia, não há ensinantes, somente aprendentes, ou seja, ninguém ensina, mas todos aprendem. Isto porque a construção maçônica é uma arte de arquitetura e busca edificar o caráter huma-

no e usa, para isso, como instrumento de transmissão do conhecimento, a filosofia do simbolismo. Fiz esta singela apresentação para deixar registrado como era o ambiente e as condições onde conheci meu irmão José Francisco da Rocha em 2014, na Loja Simbólica Cotinguiba, 235, do Grande Oriente do Brasil, Secção Sergipe, quando cheguei, vindo da minha Loja de origem, a Liberdade V, nº 12, da Grande Loja do Ceará. Conhecer e poder participar, mesmo que modestamente, da nobilitante vida maçônica deste líder foi um dos maiores presentes dado pelo Grande Arquiteto do Universo a este humilde aprendiz da Arte Real. Dr. Rochinha é superlativo em tudo, o maçom mais antigo de Sergipe e, quiçá, do Brasil, iniciado em 1949, há mais de 73 anos; Venerável Mestre da ARLS Cotinguiba; Grau trinta e três; Grão Mestre Estadual; Orador da Loja por várias vezes; idealizador e fundador, juntamente com outros irmãos das duas potências regulares de Sergipe, da Academia Sergipana Maçônica de Artes, Ciências e Letras, da qual é membro efetivo e vitalício, ocupa a cadeira número 2 e, em 2016, foi elevado, com honra, pelos seus confrades, a Patrono-Mor daquela Arcádia Literária. Muito ainda falta ser citado para mostrar quem foi e quem é o nosso obreiro maior, José Francisco da Rocha — Dr. Rochinha. Com o pouco mostrado quero projetar na infinitude das possibilidades a sua figura como paladino do bem, tamanha é a auréola e o significado, para nós, pedreiros livres, deste grande referencial das luzes maçônicas de Sergipe. Meu irmão Rochinha é um líder nato, é engajado, ama o que faz e, talvez por isso, faça tudo tão bem-feito”.

E sequencia o intelectual cearense adotado por Sergipe:

“O conheci como orador da Loja e devo registrar que no púlpito ou numa mesa de reunião ele sabe impor seus bem articulados argumentos sem agressividade e com profundo conhecimento do que diz. É, literalmente, um mestre que não fala somente à razão, à sensibilidade, aos nervos, mas, também, à inteligência, à emoção, ao coração. Estou consciente de que estas e muitas outras qualidades serão o grande legado que ele deixará para as novas gerações. Somente por ele ser o mais antigo de todos seria o suficiente para classificá-lo como o maçom mais importante de Sergipe. Contudo, somando-se ao tempo as infinitas atuações de apoio à Loja com a sua liderança, seus conhecimentos maçônicos, jurídicos e as suas ações proativas em favor da nobre causa do bem, credencia-nos dizer: este nos representa. Citarei aqui três destas destacadas e históricas obras da nossa Loja Cotinguiba em que Dr. Rochinha foi fonte de inspiração e, também, efetivo atuante: A Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, criada no dia 24 de setembro de 1916 por beneméritos sergipanos, maçons e não maçons, que, na década de 30, foi encampada pela Loja Cotinguiba. Tinha por finalidade principal alfabetizar adultos e cumpriu muito bem o seu papel como alfabetizadora, chegando a ter várias escolas instaladas em todo estado de Sergipe, até a década de 60, mais precisamente até 1968, quando foi criado pelo governo federal o MOBRAL que, de certa forma, fez com que a liga perdesse o espaço como alfabetizadora e, diante de tal situação, a

administração da Loja, Carlos Teles Sattler e Rochinha, inspirados também por um não maçom, o nosso emérito Bispo Dom Luciano Duarte, resolveram não mais alfabetizar, e sim profissionalizar. Foi quando criaram os cursos de datilografia, corte e costura, confeitaria e outros. Outra ação em que nosso Irmão, Dr. Rochinha, teve grande influência na criação e funcionamento da histórica ação compartilhada e implementada pela Loja Cotinguiba e da Igreja Católica foi a primeira reforma agrária de Sergipe, a PRHOCASE – Promoção do Homem do Campo de Sergipe. Dr. Rochinha, como maçom e advogado, foi peça angular nesta construção. E, por fim, outra ação em que o nosso irmão Rochinha teve muita influência foi o Concurso Literário da Loja Cotinguiba, tendo, inclusive, proposto que fosse conferida uma medalha ao seu idealizador. O irmão Rochinha é patrimônio da Loja Simbólica Cotinguiba do estado de Sergipe que orgulha não somente a nós maçons, mas a todos os sergipanos. O que necessitamos mesmo é torná-lo mais conhecido, por isso parabenizo o trabalho biográfico que ora está sendo produzido pelo confrade e escritor Dr. Antônio Camilo”.



Capítulo VII

Cargos e Funções Públicas

Um leão a serviço da comunidade

Sua competência, o espírito público e o desejo de fazer sempre mais por sua comunidade, aliado ao compromisso com o humanismo, rendeu-lhe inúmeros convites para ocupar cargos em entidades da sociedade civil e funções públicas.

Em 10 de junho de 1966, época em que o baiano Lourival Baptista governou nosso estado, foi convidado para, juntamente com um grupo de pessoas empenhadas em contribuir para melhorar a realidade social, fundar o Lions Clube Aracaju-Atalaia.



Em solenidade no Lions Clube, que contou com a presença do governador do estado Lourival Baptista. Acervo de J.F.R.

Já em 1969, passou a exercer o cargo de vice-governador regional da entidade para o biênio 1969/1970.

Durante o ano leonístico de 1972/1973, nomeado Coordenador Regional de Projetos na Comunidade, encampou uma série de trabalhos e ações que muito contribuíram para o crescimento do Lions Clube Aracaju-Atalaia, mas, principalmente, para a melhoria da qualidade de vida das populações beneficiadas.

Em 1976, no período de 23 a 26 de junho, como representante do Lions em Sergipe, participou da 59ª Convenção do Lions Internacional realizada em Honolulu/Hawaí (EUA).

A Casa da Cidadania

Presidiu a Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Sergipe – OAB/SE, no biênio 1968 a 1969, dei-

xando sua marca indelével na entidade que o decano dos advogados de Sergipe considera como filha. Ele mesmo, oportunamente, explicará por que assim considerava aquela que também é chamada de Casa da Cidadania.



Prédio da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Sergipe.

Foto disponível em www.google.com.br/pesquisa.

Em discurso proferido em 23 de junho de 2019, a convite do então presidente da entidade, Inácio Krauss, em solenidade de entrega das carteiras aos novos advogados, assim se referiu à sua gestão:

“Fui presidente da OAB/SE no período de 1968-1969. Minha gestão ocorreu num momento histórico nacional difícil, nos chamados ‘anos de chumbo’, e não poucas vezes a Ordem necessitou intervir para auxiliar colegas que iam sendo presos pelo regime”.

Justamente no final do primeiro ano do seu mandato, em 13/12/1968, o presidente Emílio Garrastazu

Médici editou o AI-5, o ato mais repressivo da ditadura militar do Brasil.

No início daquele trágico período, a OAB/SE, não por coincidência, mas por necessidade e providência, tinha que estar sob o comando de um líder nato, forte, audaz, preparado e suficientemente corajoso para enfrentar dias dos mais nebulosos da história nacional.

A propósito, apresento para compor este enredo um personagem fundamental, com propriedade suficiente para, enriquecendo esta obra com substancial depoimento, nos ajudar a contar a história de dedicação, entrega e amor de José Francisco da Rocha com a OAB/SE, não só como seu presidente, mas também como conselheiro seccional, conselheiro federal e membro de comissões temáticas. Vejamos o que nos revela o jovem advogado, admirador confesso do decano e gestor dos mais competentes, Danniel Alves Costa, atual presidente da Ordem dos Advogados, Seccional de Sergipe:

“O nosso querido presidente José Francisco da Rocha, o estimado Dr. Rochinha, como é carinhosamente conhecido no estado de Sergipe, começou sua história em 1926, ainda em Cedro de São João, para se tornar advogado, presidente e membro honorário vitalício da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Sergipe. Sua formação em direito pela Faculdade de Direito de Sergipe em dezembro de 1956 marcou uma época crítica da política sergipana, que hoje faz parte da memória de notáveis líderes que resistiram a perseguições, prisões ilegais e diversos crimes praticados à época. Rochinha fez parte de um grupo de juristas que lutou pela redemocratização brasileira: tornou-se ad-

vogado ainda em janeiro de 1957, quando recebeu sua inscrição definitiva nos quadros da Ordem, sendo que sua primeira carteira foi entregue em 24 de setembro de 1958, sob o nº 190. Atualmente membro honorário vitalício, Rochinha presidiu a OAB/SE no biênio 1968/1969, justamente quando o Brasil se deparava com um regime ditatorial, quando os movimentos sociais eram destaque no território nacional e, também, no estado de Sergipe. Após presidir a Ordem, Rochinha foi eleito conselheiro seccional para o biênio 1970/1971, ocupando o 4º lugar como um dos conselheiros mais bem votados da eleição. Também foi conselheiro no biênio seguinte, desta feita, sendo o mais votado do pleito e, portanto, ocupando a vaga nº 01 na qualidade de conselheiro seccional. Nos biênios 1973/1974, 1975/1976 e 1977/1978, seguiu como conselheiro da OAB/SE. Finalmente, em 1992, tomou posse no Conselho Federal da OAB. Dados históricos da Ordem mostram que Rochinha exerceu importantes funções nas comissões temáticas da OAB/SE, a exemplo da comissão de Assuntos Históricos e Culturais. Em 2008, foi homenageado com a medalha Sílvio Romero, grande honraria da OAB/SE, pelos seus relevantes serviços à advocacia sergipana, durante a VI Conferência Estadual dos Advogados. A história do honrado presidente conta ainda que sempre foi um advogado com postura ética, ativa e combativa, honrando a defesa das prerrogativas da advocacia”.

O ex-governador do Amapá, ex-parlamentar estadual e federal por Sergipe, membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Sergipana de Educa-

ção e ex-presidente da OAB/SE, Gilton Garcia, discorre de forma excepcional a respeito do grande jurista que presidiu a Seccional de Sergipe em uma das suas mais difíceis fases:

“Ainda que sem alarde, o conceituado e longevo advogado José Francisco da Rocha cumpre a contento a longa jornada dos seus bens vividos 96 anos que a vida lhe proporcionou. Causídico dos mais valorosos e competentes, Maçom Venerável Mestre, professor admirado, também com relevantes serviços prestados ao Banco do Brasil, como seu Consultor Jurídico, o nosso Rochinha, e aqui me cerco da intimidade que temos, sempre foi um exemplo a ser seguido por quantos com ele convivem. Na Seccional da OAB em Sergipe, durante o período em que foi presidente, importante acentuar que atuou como um ponto de equilíbrio dentro da Instituição. É sabido que o advogado, por si só, adora estabelecer o contraditório. Aliás, é inerente da natureza mesmo da nossa profissão que o advogado seja inconformado e rebelde. Não é sem razão que assim seja. O Estatuto da OAB assinala no seu artigo 2º que o advogado é imprescindível à administração da justiça, prestando serviço público e exercendo função social. Arremata ainda no seu artigo 6º que não há hierarquia nem subordinação entre advogados, magistrados e membros do Ministério Público. Daí a saliência dessa profissão que orgulha cada bacharel em Direito a se inscrever nos quadros da OAB, transformando-se, assim, em advogado. Rochinha é um homem polido e culto, conduziu com maestria o nosso Conselho Seccional numa difícil fase, na qual colocaram a

democracia para escanteio, com a edição do nefasto AI-5 (1968). Eu mesmo tive a honra e a felicidade de também presidir a OAB/SE, eleito em dois mandatos consecutivos (1974-1976/1976-1978). Dentre inúmeras homenagens que lhe foram prestadas, destaco a mais alta condecoração concedida pelo Tribunal Regional Federal da 5ª Região, a Medalha Pontes de Miranda. Estive pessoalmente em Recife para presenciar o gesto do então presidente do TRF-5, desembargador Vladimir Carvalho, ao lado do ex-governador Albano Franco e do então presidente da OAB/SE Inácio Krauss. Como sergipano que é, o presidente Vladimir Carvalho destacou a trajetória do seu conterrâneo:

‘José Francisco da Rocha não é só um advogado com 93 primaveras, mas é, antes de tudo, um pedaço vivo da história jurídica de Sergipe. Mais do que uma rocha, simboliza uma cordilheira de montanhas, dessas que engrandece o meio em que nasceu e em que vive’.

O ex-presidente da OAB/SE, Inácio José Krauss de Menezes, ressalta a vibração e a vitalidade do nonagenário causídico ao saudar os novos advogados, demonstrando ser um profissional atemporal, além da satisfação e honra de la-deá-lo na galeria de ex-presidentes da Seccional de Sergipe:

“Tive a satisfação de conhecer Dr. Rochinha através de seu filho, Juvenal. Logo fiquei encantado pela simplicidade e tranquilidade que o biografado transmitia em suas ações. Colega de advocacia, leal, honra inquebrantável, profissional de raro quilate.

Durante a caminhada institucional na OAB/SE, além de ter a honra de ladeá-lo na galeria de ex-presidentes, tive a satisfação de convidá-lo para, em 2019, fazer a saudação aos novos colegas da advocacia. Dr. Rochinha, no auge dos seus 93 anos, em um discurso manuscrito, transmitiu com vibração aos colegas a segurança e a coragem que o advogado deve ter em sua caminhada profissional. Disse em sua fala: ‘pensei o que poderia transmitir de lúcido uma pessoa analógica a jovens digitais ansiosos pelo começo da vida profissional, mas o receio foi passageiro, e aí fiquei mais tranquilo, pois advogados, independente de idade e do local do mundo onde estejam, são advogados, quer dizer, somos vocacionados à dialética, ao debate crítico das ideias e teses, seja repaginando as antigas, que não deixam de estar em constante evolução, sejam as novas que vão surgindo, em função do natural desenvolvimento da humanidade’. E foi o que transmitiu aos colegas o advogado em atividade com a inscrição mais antiga da OAB/SE, mostrando-se totalmente contemporâneo e atemporal. Sem dúvida alguma o maior ensinamento que ficará no legado é o amor e dedicação pelo que fez por onde passou”.

O também ex-presidente da Seccional de Sergipe Carlos Augusto Monteiro Nascimento, reconhecendo a importância de José Francisco da Rocha não só para a OAB/SE, mas para o desenvolvimento da sociedade sergipana, nos deleita com uma primorosa síntese:

“Se vive o presente, projetando-se o futuro, procurando melhor conhecer o passado, preservando-se a história, homenageando-se aqueles que pa-

vimentaram alguns caminhos para o desenvolvimento de nossa sociedade. A biografia de Rochinha traduz não só a sua trajetória pessoal e profissional, mas simboliza um belo capítulo da história da advocacia sergipana e da Ordem dos Advogados do Brasil. Seu jeito afável, sereno e inteligente inspirou e inspira diversos colegas e amigos, servindo como parâmetro não só à advocacia, mas a outros segmentos profissionais, pois o equilíbrio, a sabedoria e o respeito, atributos inerentes a Rochinha, devem sempre nortear nossa convivência social”.

Outro ex-presidente da OAB/SE, Henri Clay Andrade, vem se somar à legião de admiradores do Dr. Rochinha, enfatizando em seu relato a atuação ética e competente do jurista, que o motivou prestar, enquanto gestor da entidade, reconhecida homenagem àquele que considera um ícone da advocacia:

“Rochinha é um emblema da advocacia sergipana. O mais longo advogado em atividade, sempre exerceu o seu mister com ética, lhanza, dedicação e competência. Homem lúcido e ponderado, Rochinha goza de prestígio social e de um séquito de admiradores. A sua capacidade de dialogar fraternalmente com todas as matizes sociais o faz uma grande referência para várias gerações da advocacia. Na década de sessenta, presidiu da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional de Sergipe, exercendo o honroso cargo com autenticidade e honestidade. Décadas seguintes, já na gestão da qual tive a honrosa oportunidade de presidir, a OAB de Sergipe prestou-lhe homenagem, reconhecendo o seu ilustrado legado de trabalho, dignidade e competência. Para

mim, Rochinha é um ícone da advocacia. Pessoa e profissional por quem prezo profundo carinho, respeito e admiração”.

A Junta Comercial de Sergipe

Ainda nos terríveis tempos da ditadura, presidiu a Junta Comercial do Estado de Sergipe – JUCESE. Foi seu presidente de 1968 a 1976. Era uma outra entidade que naqueles anos de pura repressão igualmente precisava de um gestor comprometido com a liberdade, a democracia, a cidadania e os princípios republicanos.

Numa época em que muitos presidentes de Juntas em diversos estados da federação foram escolhidos por força dos governos militares, em virtude de serem simpatizantes do regime, José Francisco da Rocha, reconhecido mestre do Direito Comercial da cátedra sergipana, sempre teve suas nomeações chanceladas pelo seu conhecimento técnico e jurídico, tanto que ocupou a presidência da JUCESE de forma sucessiva nos governos de Lourival Baptista (1968 a 1970), Paulo Barreto de Menezes (1971 a 1974) e José Rollemberg Leite (1975 a 1976) que, tendo sido seu professor na Faculdade de Direito de Sergipe, já era conhecedor do seu saber, bem como de sua competência e integridade.

Foram tempos realmente sombrios, nos quais nenhum setor da economia nacional foi poupado. O regime contou inclusive com o patrocínio de muitas empresas, não só fornecendo informações acerca das pessoas contrárias à ordem estabelecida, como também financeiramente, como consta do relatório da

Comissão Nacional da Verdade. Embora isso tenha se verificado de forma mais robusta junto aos grandes grupos privados, constatou-se que em menor proporção alcançou empresas de menor porte em diversos estados do país.

Entretanto, a Junta Comercial do Estado de Sergipe, de 1968 a 1976, contou com um timoneiro atento, capaz, de visão horizontal e com o conhecimento e a coragem necessária para conduzir sua nau, em tempo de mar revolto, numa travessia difícil e perigosa, com toda segurança, a fim de chegar à terra firme.

O homem da toga

Também exerceu o cargo de Juiz Membro do Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe – TRE/SE na vaga que a nossa Carta Magna reserva nos Tribunais Regionais Federais, nos Tribunais dos Estados e no Distrito Federal e Territórios a advogados de notório saber jurídico e de reputação ilibada, com mais de 10 anos de efetiva atividade profissional, o chamado quinto constitucional.

O advogado José Francisco da Rocha usou pela primeira vez a toga de juiz membro da Corte Eleitoral na sessão realizada no dia 07 de julho de 1975. A ata registra que a sessão foi presidida pelo desembargador Luciano França Nabuco e contou com as presenças do desembargador José Fernandes Prado Vasconcelos, do juiz federal Geraldo Barreto Sobral, dos juízes Aloísio de Abreu Lima e Luiz Carlos Fontes de Alencar, do procurador regional eleitoral Fernando Barreto Nunes e do jurista Ascânio Ferrário de Almeida.

Após os ritos iniciais, o presidente convidou o advogado José Francisco da Rocha a prestar o compromisso de estilo, como juiz membro do Egrégio Tribunal e empossou o novel magistrado da Casa, na qualidade de jurista nomeado que foi pelo decreto do excelentíssimo senhor presidente da República, Ernesto Beckmann Geisel, publicado no Diário Oficial de 20 de junho de 1975, convidando-o a tomar assento na Colenda Corte.

Em entrevista concedida ao jornalista Ricardo Augusto Ferreira Ribeiro para o informativo “O PLEITO”, de publicação do TRE-SE, em abril de 2017, disse como iniciou essa relação duradoura com a grande Casa das Eleições de Sergipe:

“A minha relação com a Justiça Eleitoral surgiu espontaneamente. Na época do meu primeiro mandato, fui informado da existência de uma vaga, me interessei, me candidatei e consegui sair na lista tríplice do Tribunal. Essa relação foi para Brasília e em pouco tempo saiu minha nomeação por meio da presidência da República”.

Duradoura sim, pois tal nomeação iria se repetir por mais 5 (cinco) mandatos. O filho de Cedro de São João, adotado por Japarutuba, que se tornou sinônimo de advocacia no estado de Sergipe, atuou na Corte Eleitoral por 6 (seis) mandatos, 1975/1977, 1980/1982, 1982/1984, 1989/1991, 1992/1994 e 1995/1997, sendo, até os dias atuais, o integrante da classe dos juristas que por mais vezes vestiu a toga eleitoral.

Foram centenas de sessões, votos e relatórios elaborados com muito equilíbrio e responsabilidade, sendo os mais exaustivamente estudados aqueles relativos aos

processos que versavam sobre indeferimento de registro de candidatura e de transferência de domicílio eleitoral, com seus votos sempre acompanhados de forma unânime por seus pares.

Sua última sessão como juiz membro do TRE-SE, presidida pelo desembargador Aloísio de Abreu Lima e que contou com as presenças do desembargador Artur Oscar de Oliveira Deda, do Juiz Federal Carlos Rebelo Júnior, dos juízes Manoel Cândido Filho e Netônio Bezerra Machado, do procurador regional eleitoral Gilson Gama Monteiro e da jurista Leda Maria Linhares C. da Silva, foi realizada no dia 06 de novembro de 1996.

Ao encerrar a sessão, o presidente comunicou que o juiz José Francisco da Rocha interrompia sua trajetória na Corte, por completar 70 anos no dia seguinte, enfatizando sua grandeza, capacidade e cultura, delegando ao juiz Carlos Rebelo Júnior a tarefa de, em nome daquele sodalício, saudá-lo.

Em seu pronunciamento o magistrado ressaltou o empenho do Dr. José Francisco da Rocha em bem exarar os seus votos, engrandecendo o trabalho da Corte e fazendo com que todos pudessem absorver seus conhecimentos, correspondendo, assim, sobremodo aos encargos da cidadania e demonstrando virtudes e qualidades enobrecedoras da magistratura. Desejou-lhe votos de felicidade na condução da nova jornada, continuando por muitos anos com o fulgor peculiar de sua inteligência a iluminar o mundo jurídico sergipano.

Representando os servidores, Aidil Almeida Vilela identificou-o como exemplo de ponderação, cordialidade e humildade, fazendo constar que seu jeito simples e pacato angariou o respeito e a amizade de todos.

O Dr. Gilson Gama Monteiro, em nome do Ministério Público Eleitoral, revelou estar sendo duplamente golpeado por ser privado da presença do Dr. José Francisco da Rocha naquele Regional e na presidência do Conselho Penitenciário Estadual. Salientou a sapiência dos seus votos, a tranquilidade que integrava seus pronunciamentos e seu porte humilde.

Associaram-se às manifestações os delegados de partido Eraldo Ribeiro Aragão e Jugurta Barreto de Lima, consignando que sua atuação muito dignificou a classe que representam.

Alguns daqueles homens e mulheres que com ele compuseram o mesmo colegiado, ao receberem o convite para tecer algum comentário acerca do jurista disseram se sentir honrados.

A procuradora regional do Ministério Público Federal, Dra. Gicelma Santos do Nascimento, abrilhanta este tópico parabenizando o grande advogado José Francisco da Rocha pela sua longa vida dedicada ao Direito, enfatizando que o decano também se destacou nos diversos cargos que ocupou:

“O advogado José Francisco da Rocha (Dr. Rochinha) sempre foi orgulho da classe dos advogados sergipanos nos anos da sua atuação como profissional. Com mais de 150 processos, que ele acompanhava presencialmente perante os Tribunais se fosse necessário, engrandece a classe e lembro que se destacou também no Conselho Penitenciário e no Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe, testemunhado por todos os membros, inclusive pelos procuradores da República que estavam atuando naqueles órgãos, pelo seu comportamento, boa comunicação e

conhecimento técnico. Sua vida dedicada ao Direito é notória, tendo sido justa e merecida a homenagem que recebeu do Tribunal Regional Federal da 5ª Região-TRF-5 na Ordem dos Advogados de Sergipe. Como bem disse naquela ocasião o desembargador Vladimir Souza Carvalho: 'José Francisco da Rocha não é só um advogado com 93 primaveras, mas é, antes de tudo, um pedaço vivo da história jurídica de Sergipe. Mais do que uma rocha, simboliza uma cordilheira de montanhas, dessas que engrandece o meio em que nasceu e em que vive'. Como admiradora e amiga do grande advogado, parabênizo por sua longa vida dedicada ao Direito. Deus lhe dê muita saúde e paz".

Um verdadeiro conselheiro

Assim como ocorreu durante a sua permanência à frente da JUCESE, presidiu o Conselho Penitenciário do Estado de Sergipe – COPEN durante três sucessivos governos, ou seja, nas gestões dos governadores Albano do Prado Pimentel Franco (1995 a 2003), João Alves Filho (2003 a 2007) e Marcelo Déda Chagas (2007 a 2011), sempre com o mesmo denodo e empenho, realizando um trabalho digno de reconhecimento.

Durante os anos em que esteve à frente do COPEN sempre procurou cumprir as determinações insculpidas na Lei de Execuções Penais – LEP, desenvolvendo ações em consonância com a Vara de Execuções Criminais – VEC e com o Ministério Público Estadual.

Contando sempre com um grupo de conselheiros igualmente dedicados, com os quais, como costuma di-

zer, muito aprendeu, encampou iniciativas que não apenas valorizaram, mas mostraram a importância da Secretaria à qual o Conselho está vinculado, pois levou justiça e cidadania, assim como dignidade à pessoa humana do detento sob a responsabilidade do Sistema Penitenciário Estadual, realizando uma série de vitórias em todas as unidades prisionais, a fim de avaliar o funcionamento físico e técnico para um cumprimento de pena digno por parte dos presos ali recolhidos.

Dentre as inúmeras realizações destaca-se a elaboração do Regimento Interno do COPEN, aprovado por unanimidade pela Resolução nº 001/08, de 05 de maio de 2008, homologada pelo Decreto Governamental nº 25.958, de 02 de março de 2009, publicado no DOE nº 25.707, de 03 de março de 2009, quando o colegiado era composto pelos Conselheiros Gilson Gama Monteiro, Almo Batalha de Britto, Ávio Kalatzis de Britto e Juliana Checcucci Carballal. Alguns destes nos falam como foram aqueles anos de convívio com o conselheiro presidente.

Os promotores de Justiça Félix Caballal e Juliana Checcucci Carballal, que conheceram o Dr. Rochinha justamente no período em que presidiu o COPEN, anotam a seguir as suas impressões. Doutor Félix conta:

“Dentre as inúmeras qualidades de Dr. Rochinha, o seu maior exemplo é de honradez e trabalho. Quando o conhecemos, já tinha aproximadamente 85 anos de idade, e continuava trabalhando com entusiasmo, dedicação e responsabilidade. Certamente, o compromisso com o trabalho será o seu grande legado”.

E sua esposa, doutora Juliana, complementa:

“Tive o privilégio de conhecer Dr. Rochinha quando este era o presidente do Conselho Penitenciário do Estado de Sergipe, pois integrei o referido Colegiado como representante do Ministério Público Estadual, no período de 2011 a 2012. Trabalhamos juntos e pude perceber a seriedade, a responsabilidade com que ele exercia as suas funções, demonstrando elevado conhecimento jurídico e tirocínio, além de uma grande memória ao lembrar fatos históricos do meio jurídico sergipano, do qual fazia parte de forma relevante, como um dos pioneiros da advocacia. Na ocasião, ele já tinha aproximadamente 85 anos de idade, ia dirigindo para as reuniões e participava das inspeções em todos os presídios do estado, evidenciando uma vitalidade admirável. Extremamente gentil e educado, tem um aguçado senso de humor, que cativa muitos amigos”.

O procurador federal Ávio Kalatzis Britto destaca a honra e o privilégio de ter trabalhado ao lado de Dr. Rochinha por menos de um ano, mas lapso suficiente para assimilar ensinamentos fundamentais para toda sua vida profissional, asseverando que identificou no grande jurista as virtudes da perseverança e genialidade:

“Tive a honra e o privilégio de ter trabalhado por quase um ano com Dr. Rochinha. Ainda garoto, recém-formado, pude ter lições que levei comigo por toda a minha vida profissional. Sem dúvidas, uma especialização em Direito e em vida. Ele chegava às nossas reuniões semanais sempre sorrindo, altivo, brincando com todos a sua volta e sempre se dirigindo a mim como ‘meu mais jovem amigo’. Nas discussões jurí-

dicas, sempre a última voz: certa, sensível e justa. Nos momentos de desconcentração, sempre a primeira voz: a divertir, contar histórias e proporcionar boas risadas. Ouvir Dr. Rochinha era a prova de que a inteligência tem a ver com sensibilidade. E da sensibilidade decorrem o refinamento, o bom gosto, a educação, a precisão dos argumentos, a transmissão do conhecimento com clareza, a identificação da hora de ouvir e de falar. Dr. Rochinha é um homem de frases marcantes e contundentes, com uma incrível capacidade perspicaz e confiante. Possui os dois requisitos necessários de todo grande jurista: gênio e perseverança. Salve Dr. Rochinha!”.

Um consultor de coração magnânimo

A trajetória do incansável jurista nos mostra com clareza que sempre teve um amplo campo de atuação, não se limitando apenas aos polpudos honorários fruto do seu brilhante desempenho na advocacia privada, uma vez que sua competência e espírito público faziam com que frequentemente fosse convidado para ocupar cargos e funções públicas.

Todavia, sendo detentor de um coração magnânimo, destinou parte do seu tempo para dar assistência àqueles menos favorecidos. Assim, desde 1998 até os dias atuais, exerce o cargo de presidente do Conselho Diretor do Asilo Rio Branco, tendo realizado ao longo desses anos um trabalho de fundamental importância para que a entidade continue prestando um serviço de qualidade às pessoas idosas ali assistidas.

Desempenha também a função de consultor jurídico pro bono da instituição, sendo diretamente responsável por iniciativas marcantes, dentre as quais, ressalta-se a reforma do estatuto dessa centenária associação privada sem fins lucrativos, fundada em 01 de outubro de 1911, e a defesa da mesma em ação de reintegração de posse promovida pelo Dr. Pedro Simas Neto, que pretendia retomar o terreno onde está sediado o Asilo sob a alegação de que o imóvel lhe pertencia por herança, chegando os recursos interpostos até o Supremo Tribunal Federal – STF, logrando êxito a entidade em todas as instâncias do Poder Judiciário.

O atual Presidente do Asilo Rio Branco e Venerável da Loja Simbólica Cotinguiba, Orlando Mendonça, nos brinda com seu depoimento acerca do amigo e irmão maçom:

“Rochinha é um homem íntegro, honesto acima de tudo, um amigo fiel, dedicado e atencioso com todos os que têm a oportunidade de convivência com ele. No Asilo Rio Branco ocupa até hoje a presidência de seu Conselho Diretor com relevantes serviços prestados à instituição, tendo como destaque a sua atuação quando a maçonaria assumiu a direção da instituição até os dias atuais. Na Maçonaria ocupou o seu mais elevado cargo de direção, Grão Mestre Estadual do GOB-SE e na Loja Simbólica Cotinguiba ocupou todos os seus cargos de direção, sendo inclusive seu Venerável Mestre por várias administrações, chegando a ser considerado o maior e mais eficiente dirigente da instituição. A sua trajetória na vida profissional em diversos cargos públicos ocupados foi um exemplo de dignidade, atuação efetiva com excelente produtividade social”.



Com o Venerável Orlando Mendonça. Acervo de J.F.R



Capítulo VIII

Amigos e Histórias

Esta obra não estaria completa se deixasse de destacar a importância da amizade para José Francisco da Rocha. Ele tem seus amigos como verdadeiros tesouros. Nunca houve obstáculo que pudesse impedir de servi-los nas mais diversas situações quer seja de ordem pessoal ou profissional.

Os que desfrutam de sua amizade sabem que aquele ser de estatura diminuta, mas gigante pela própria natureza do seu saber, é um ser humano extremamente bem humorado. Aqueles que o conhecem na intimidade igualmente sabem que o grande orador maçônico, o notável advogado de memoráveis sustentações orais e o tribuno preparado para proferir discursos sobre qualquer tema é, também, possuidor de um vasto anedotário, um exímio contador de piadas, um homem de alegria contagiante, um chef dos mais respeitados no preparo do pirão de guaiamum, além de detentor de hábitos curiosos.

Alguns desses amigos aqui estão para externar através de seus relatos o carinho e afeto que por ele sentem e outros vão além, pois ao tempo em que falam do homem de coração generoso, aproveitam para trazer um pouco de leveza a estas linhas com o mesmo bom humor característico do fiel amigo. Vejamos o que nos apresenta Dr. Flamarion D'Ávila Fontes:

“Conheço o Dr. Rochinha desde quando eu era ainda jovem, pois, hoje, sou apenas um velho advogado, ou melhor dizendo, um ancião com 83 anos de idade, por isto tenho guardado comigo a honra de ser amigo desse homem de qualidades e virtudes que extrapolam a sua própria pessoa e se reflete de forma singelamente iluminada sobre seus filhos, cinco diamantes polidos que engrandecem a sua vida de pai amoroso e que, sendo o bom pai que é, enche de orgulho os seus filhos e netos. O maior legado que deixará para as atuais e futuras gerações, seja como professor, advogado militante ou na condição eventual de juiz eleitoral do TRE-SE será sempre a sua inabalável postura ética, o seu compromisso com a verdade e a sua inquebrantável autoridade moral, qualidades que somente os grandes homens cultuam como modo de vida”.

E complementa o dileto amigo, revelando um hábito curioso do grande jurista:

“Que me perdoe o amigo Rochinha, mas tenho que revelar que ele sempre foi e ainda é um bom garfo, um glutão por natureza e um admirador de uma boa feijoada, de tal ordem que, mesmo após se fartar com o delicioso prato, haveria

sempre de guardar um bom bocado na geladeira de casa para que, mesmo gelada, no outro dia, pudesse novamente se fartar. Para cometer esse exagero, graças a Deus, sempre gozou e goza de boa saúde”.

O Dr. Vladimir de Souza Carvalho vem trazer importante contributo a esta obra ao revelar em seu relato cerca de 45 anos de conhecimento e amizade com o jurista, que conheceu ainda na época em que advogava para o Banco do Brasil, tendo reforçado os laços durante sua militância na Justiça Federal, até reconhecer sua importância para a advocacia sergipana com a indicação do seu nome para a outorga da Medalha Pontes de Miranda:

“Rápidas considerações sobre o Dr. Rochinha:

1. Estávamos no Pleno do Tribunal Regional Eleitoral, na sede da rua de Itabaiana, aos risos, ouvindo Rochinha contar uma história ligada às façanhas sexuais de velho político, já desaparecido. Artêmio se aproxima a perguntar de que tanto a gente ria. Rochinha apressou-se em relatar o fato. Artêmio fechou a cara, deu meia volta e saiu arregrado da vida:

— Pensei que era coisa séria.

Não era.

2. Professor da Faculdade de Direito por um período, festa de formatura, Rochinha com cigarro aceso para lá e para cá, até que um advogado lhe comunicou, como se Rochinha fosse o guardião das vergonhas das professoras universitárias, que não teria mais nunca relação com a professora X. Mo-

tivo: nunca viu uma mulher tão fedorenta. Rochinha ficou indignado:
— *É eu com isso?*

Esses são alguns exemplos que a censura me deixa revelar. Outros, ficam para as conversas de mesa de bar, entre amigos”.

E prossegue o magistrado amigo:

“Conheci Rochinha como advogado do Banco do Brasil. Baixo, volumoso, cor de mexicano autêntico, cigarro na boca, gestos calmos, incapaz de altear a voz, petições minuciosas, bem datilografadas, a assinatura de quem não tem pressa, Rochinha militando na Justiça Federal, onde, pela manhã, sempre se fazia presente, quando a Justiça Federal tinha sede no Edifício Estado de Sergipe, 7º andar. Na época, me preparava para fazer o concurso para Juiz de Direito e Rochinha se via obrigado a ouvir minhas ladainhas. Muitos anos depois, no Tribunal Regional Federal da 5ª Região, sou surpreendido quando ouvia um colega afirmar que quem quisesse apontar uma personalidade no mundo jurídico para receber a Medalha Pontes de Miranda que fizesse a apresentação na sessão do Pleno no período da tarde. Coloquei cabeça para funcionar, mas assim de chofre não consegui me fixar em nenhum nome. Já tinha antes apresentado o nome de Jouberto Uchôa de Mendonça, mas com tempo suficiente entre o nascimento do projeto e a sua proposta. Foi uma agradável surpresa para os que não conheciam o Reitor da Universidade Tiradentes. Acertei na veia. No entanto, desta vez, assim, de repente, nada de me fixar em algum sergipano. Só no dia seguinte

o nome de José Francisco da Rocha me veio à tona, e durante um ano esperei a nova sessão, a fim de sustentar as qualidades de Rochinha na indicação que fiz. Foi uma homenagem justa ao atual decano da advocacia sergipana, nome que trillhou as lides jurídicas sempre de forma elegante, buscando a defesa de suas pretensões cavalheirescamente, sem entrar em choque com nenhum colega, sabendo se portar sempre com impecável elegância. Além do mais, só a posição de decano já representava um grau a mais. Aprovada a proposta, Rochinha recebeu de minhas mãos, então na Presidência da Casa, a Medalha Pontes de Miranda, em sessão super solene. Nesse sentido, foi o segundo sergipano a recebê-la em vida. A do ministro Geraldo Barreto Sobral foi concedida depois de seu óbito. Jouberto Uchôa de Mendonça, como antes dito, foi o primeiro. Se essas duas indicações traduzissem minha passagem pelo Tribunal Regional Federal da 5ª Região, eu me daria a nota dez. Valeu”.

O ex-governador Albano do Prado Pimentel Franco nos presenteia com um depoimento sublime, irretocável, enaltecendo as virtudes do emblemático sergipano, do grande advogado e do notável representante da Maçonaria de Sergipe, mas revelando, também, que diferentemente do espanhol Ponce de Leon, que pensava que a fonte da juventude era uma água milagrosa, Rochinha descobriu que se tratava, na verdade, de um estado de espírito nirvânico:

“Conheço Dr. José Francisco da Rocha há muitos anos, desde os tempos em que ele prestou seus relevantes serviços profissionais de advogado à Sergipe Industrial, empresa têxtil presidida

*por Augusto Franco, meu pai. Mas quem não conhece o popular Dr. Rochinha? A resposta é simples e uma só: todos o conhecem! Trata-se de um homem, ou melhor, de um sergipano emblemático que, do alto de seus 96 anos, com seu peculiar *savoir-vivre*, como dizem os franceses, vem encantando várias gerações. Sim, ele é o cara que, sem o menor esforço, descobriu a fonte da eterna juventude, coisa que o espanhol Ponce de Leon, apesar de ter dedicado toda sua vida a essa procura, nunca chegou perto, morreu sem entender que não se trata de uma água milagrosa, mas de um estado de espírito nirvânico, coisa que Rochinha tem de sobra. E o mais importante: vem passando esse sortilégio que lhe foi dado pela plenitude da vida vivida com as graças dos deuses epicuristas à sua vasta legião de amigos e admiradores, entre os quais me incluo. Pois é isso, basta conversar com Rochinha para se sentir jovem, de bem com a vida”.*

E prossegue o ex-senador e ex-presidente da CNI:

“Falar das inúmeras habilidades e competências de Rochinha é chover no molhado. Todos sabem se tratar de um advogado brilhante que prestou seus relevantes serviços profissionais ao Banco do Brasil, à Junta Comercial de Sergipe e que foi consultor jurídico de importantes empresas. Todos sabem, também, de sua total dedicação à Loja Capitular Cotinguiba e ao movimento maçônico sergipano e brasileiro, seja como obreiro, orador oficial ou Venerável Mestre. Portando um legítimo Grau 33. Por tudo isso, ele é Grande Benemérito da Ordem da Cruz

da Perfeição Maçônica e Comendador da Ordem do Mérito D. Pedro I, galardões de quem atingiu os píncaros da vida maçônica. É, ainda, ocupante da Cadeira Nº 2 da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras. Devo ressaltar que, quando eleito governador de Sergipe, em 1994, tive a satisfação de expor meu programa de governo, em sessão solene, na Loja Capitular Cotinguiba, a convite do Venerável Carlos Sattler, outro balaústre da maçonaria sergipana e brasileira, oportunidade em que fui saudado pelo Dr. Rochinha, então orador oficial. Lembro-me de suas palavras de incentivo para que eu fizesse um governo voltado para desenvolvimento econômico do estado com inclusão social. Confesso que assim o fiz. Quero, por fim, enaltecer o lado lúdico, boêmio e divertido de Dr. Rochinha, mestre das libações e sempre disposto a sorver tudo aquilo que a vida tem de melhor. E, neste ponto, ele foi o sumo sacerdote de uma seita hedonista de amigos que erigiam o prazer como uma das finalidades do bom viver, com destaque para o saudoso Álvaro Prado, seu dileto amigo e fiel escudeiro, que foi um eficiente superintendente do Sesi quando presidi a Federação das Indústrias do Estado de Sergipe – FIES. Salve, salve Dr. Rochinha! Que o Grande Arquitecto do Universo o abençoe!”.



Com o amigo e ex-governador do estado Albano Franco.

Acervo de J.F.R.

O depoimento do procurador da Fazenda Nacional Paulo Andrade Gomes revela-se como mais uma viagem no tempo, porém, apesar de fazer algumas paradas para reverenciar o admirável catedrático, o insigne advogado, o atuante maçom e o destacado juiz do TRE/SE, desembarca na estação da gratidão para agradecer o acolhimento e o carinho que sempre recebeu do gentil anfitrião desde a mais tenra idade, seja no Conjunto dos Bancários ou na Praia de Atalaia. Embarquemos juntos nesta viagem:

“Uma agradável surpresa tive ao receber ligação do escritor Antônio Camilo solicitando-me um depoimento sobre Dr. Rochinha para compor o livro de sua biografia. Fiquei feliz e no mesmo instante inundado por inúmeras lembranças que tenho. Orgulhoso, em seguida, ao saber que foi um pedido do próprio biografado. Por fim, preocupado, quando ouvi que deveria falar em nome de toda minha fa-

mília. Poucas linhas para descrever tudo isso exigiria muita concisão. Rogo desculpas ao leitor que acaso esteja esperando palavras sobre a brilhante carreira profissional, mas as recordações de minha infância são mais fortes, com muitos momentos vividos sem as preocupações de adulto ainda. Nossas famílias moravam perto. Meu pai, Petrônio, minha mãe, Maria Noemi, meus irmãos, Ricardo, Suzana, Denise, Lilian, Petrônio e eu, que vos escrevo. Morávamos em casa no Conjunto dos Bancários, assim como Dr. Rochinha, a menos de 100 metros, com Dona Anita, e os filhos, Conceição, Sérgio, Socorinho, Tereza e Juvenal, com idades semelhantes às dos meus irmãos e estudando nas mesmas escolas. Minha proximidade com Juvenal, o mais novo, a quem chamo de Neto, é desde o nascimento, ele no mês de maio e eu em junho. Foi por conta dessa relação próxima que frequentei bastante a casa, sempre aos cuidados carinhosos de Dona Anita, mesmo depois de nos mudarmos para o centro da cidade. O escritório na sala da frente, com janela para o jardim, uma mesa onde trabalhava, a biblioteca integrando o ambiente e uma porta sanfonada que separava da cozinha e da sala de jantar. Eu não entendia o trabalho dele e não me imaginava, nem me animava, fazer o mesmo no futuro. Sempre silencioso, pedia que eu e Neto deixássemos a sala para ele trabalhar e lá íamos nós brincar em outro lugar da casa. Foi com essa convivência que tomei conhecimento do Lions, com direito a desfile na avenida Barão de Maruim e da Maçonaria, organizações das quais Dr. Rochinha participava ativamente”.

E a viagem continua:

“Também não posso esquecer das diversas vezes em que fui para a casa de veraneio, como eram chamadas as casas da Atalaia à época. A rua era de piçarra e no final da tarde lembro dele molhando com uma mangueira para diminuir a poeira dos carros que passavam. O fundo da casa era extenso, com coqueiros e areia branca, com uma inclinação dos morros que existiam. Nesse fundo tinha um tanque azulejado onde se criavam guaiamuns. Eu via o animal azul e estranhava a cor, o mesmo que Dr. Rochinha depois se deliciava ao devorá-lo. Da antiga casa de veraneio, que se transformou em residência definitiva, também me vem a primeira imagem dele como advogado, quando todos saímos em direção ao centro, ele dirigindo um Opala bege, usando gravata e o paletó pendurado no banco. Crescido, já como estudante de Direito, nos deparamos nos corredores da UFS e as lembranças da infância apareciam ao ouvir os comentários sobre o professor Rochinha. Como estagiário no Tribunal de Justiça, algumas vezes o encontrava e o nome dele comentado pelos próximos. Atuando como advogado principiante, certa vez, apesar de em lado contrário, ele priorizou solução para a parte que eu representava, em vez de postergar a questão, sendo para mim um resultado expressivo, mas para ele só uma questão. Conhecê-lo em circunstâncias familiares me deixava orgulhoso em relação aos demais, pois era um profissional renomado. Advogado do Banco do Brasil, um grande escritório particular, professor da Universidade Federal, membro atuante da Maçonaria, Juiz do Tribunal Regional Eleitoral. À medida em que o tempo passava, os encontros se davam mais nesses ambientes e, em cada

um deles, um cumprimento com a mesma fisionomia que me habituei a ver desde criança, que é uma lembrança que não se apaga. É hora de agradecer o acolhimento que sempre tive desde criança e ávido por ler o livro de sua história, para quem sabe levar um guaiamum para comermos em sua casa, com ele e Neto”.

A amiga Cássia Sobral de Melo Teles fala dos mais de 50 anos de admiração e amizade que nutre por aquele que mais tarde se tornaria seu professor na UFS:

“Nos idos de 1970, conheci Dr. Rochinha quando o meu pai construiu uma casa na rua Arício Fortes, na Atalaia, a fim de que nós pudéssemos passar os três meses de veraneio, e o Dr. Rochinha, com a sua distinta família, também passava as férias escolares duas casas depois da nossa. Considerando que os meus pais (Rosalvo e Maria Rosa) já mantinham amizade com o Dr. Rochinha e a sua esposa, D. Anita, por consequência, conheci a sua filha Socorrinho e íamos sempre juntas à praia, diariamente, daí surgindo uma grande e prazerosa amizade. Mais tarde, tive a boa surpresa em ter Dr. Rochinha como o meu professor de Direito Comercial na Universidade Federal de Sergipe, onde ele ministrava tal matéria com muita propriedade, ensinando-me as primeiras noções de atividades econômicas e empresariais. E, com o passar do tempo, a minha admiração e afeição pelo ser humano Dr. Rochinha foi crescendo, devido ao seu carinho para comigo, bem como ante a sua integridade e inteligência. Para mim, ele sempre foi o melhor advogado empresarial do estado de Sergipe”.

E prossegue a eternamente grata ex-aluna a discorrer acerca do grande anfitrião e revelar os dotes culinários do chef Rochinha no preparo do delicioso pirão de guaiamum:

“É um amigo com qualidades excepcionais, como ser um excelente anfitrião, pois lembro-me que por diversas vezes fui convidada a festas em sua residência, principalmente para nos deliciarmos com o pirão de guaiamum, o qual ele fazia questão de preparar pessoalmente. Que pirão de sabor inigualável! Sei que ele ia até a cidade do Conde, no estado da Bahia, para comprar o guaiamum e, em sua casa, tinha um local apropriado para cevá-los. Somente após a engorda dos citados crustáceos é que iríamos degustá-los; eu e o meu marido, João Teles, juntamente com a filha dele Socorrinho e seu esposo, Eduardo Ribeiro, bem como outros convidados, a exemplo do finado Coronel Eduardo e esposa. Todos esses encontros foram repletos de conversas interessantes sobre a advocacia em Aracaju, as suas inúmeras viagens e as novidades da sociedade ditas por ele com um gracejo todo especial. Certa feita, ele viajou com o meu pai, Rosalvo Vieira de Melo, e o tabelião João Bezerra para a Convenção do Lions Clube, realizada no Japão e em Nova York, trazendo vários fatos, passagens pitorescas. Não poderia deixar de registrar o carinho, a amabilidade especial que como sempre o Dr. Rochinha me tratou, bem como o fato de que, em todos os momentos que nos cumprimentamos, ele exala um perfume agradável, como dizia a minha mãe: homem muito cheiroso. Enfim, adveio do destino de sermos vizinhos, uma amizade sincera e duradoura, não somente com ele, mas também com

a sua querida esposa, D. Anita, e os seus filhos, ressaltando que a sua filha Maria do Socorro hoje é a minha comadre e irmã do coração”.



Com a amiga e ex-aluna Cássia Teles. Acervo de J.F.R.

A amiga Ana Cristina Prado, em seu relato emoldurado de ternura, comenta acerca da herança fraternal deixada pelo senhor Álvaro Prado, enfatizando ao final o importante legado que o jurista deixará para as atuais e futuras gerações:

“Falar do amigo José Francisco da Rocha me permite abordar uma faceta de ‘Rochinha’ que seus grandes amigos tiveram a oportunidade de desfrutar. Aqui falo em nome de meu pai, o seu amigo José Álvaro de Carvalho Prado, desde 1998 experienciando outra dimensão de existência. Acompanhei, desde menina, a amizade nutrida entre eles, regada a muita lealdade, verdade, cumplicidade e amor fraternal. Nessa faceta, entendo que o Advogado, Pro-

fessor, Juiz... José Francisco da Rocha guarda um sentido muito maior, pois torna-se simplesmente Rochinha, o grande amigo, por quem toda minha família nutre um carinho muito especial! Falar de José Francisco da Rocha é falar da advocacia sergipana, dada a simbiose que existe entre o Ser e a Instituição. Com toda experiência acumulada ao longo de sua vida profissional e a irrestrita disponibilidade em partilhar esse conhecimento, todos que tiveram a oportunidade de beber dessa fonte podem considerar-se grandes privilegiados. Mas um legado de verdade perpassa gerações, e esse é o legado do jurista José Francisco da Rocha!”.

A empresária Cynthia Faria Souto relata que embora a convivência com o Dr. Rocha seja relativamente recente, além de ser fruto do relacionamento profissional que mantinha com seu pai, o saudoso Raimundo Juliano, os momentos existentes sempre foram ricos e de grande aprendizado:

“Minha convivência com Dr. Rocha aconteceu a partir do ano de 1990, não tive a honra de tê-lo como professor, mas acompanhei um pouco seu trabalho como advogado em algumas causas relacionadas às empresas de meu pai, Raimundo Juliano. Dr. Rocha foi um dos profissionais que me mostrou a advocacia fora da parte acadêmica. Nossas conversas sempre foram muito ricas e de grande aprendizado para mim, na época uma jovem iniciando vida profissional. Dr. Rocha com seu humor refinado e sua perspicácia tinha umas frases ou melhor dizeres muito interessantes como, por exemplo: ‘Todos têm direito ao JUS ESPERNEANDI e mais algumas que até hoje continuo usando”.

O empresário João Machado, outro merecedor da generosa longevidade, igualmente detentor da lucidez e integridade do jurista, afirma quão prazeroso é falar a respeito do preclaro amigo:

“É para mim gratificante e honroso declinar conceitos e avaliações do ilustre advogado e meu amigo Rochinha. Faço-o por sermos contemporâneos por quase um século — nossa idade é aproximadamente igual — de grandes transformações, aqui e alhures, em nosso Sergipe e no Brasil e no mundo. Sou testemunha da sua atividade profissional, exercida com competência, sabedoria, moderação, elegância, e, sobretudo, sem explorar os que o procuravam. Um homem justo. Como empresário em atividade em vários setores econômicos em que lutei, há mais de 30 anos e ainda o faço, tive sempre a companhia profissional de Rochinha, sempre com a mesma receptividade, a mesma fidalguia de trato. Fomos vitoriosos em todas as contendas. Na primeira delas, questioneei quanto custaria o seu trabalho profissional, e disse-me ele: ‘não estabeleço preço, depois acertaremos’. Ganhamos a causa e não fui explorado, isso me marcou bastante. A partir daí nosso relacionamento pessoal e profissional somente aumentou, viajamos o estado em audiências e julgamentos, que também ocorriam em outros estados, como Pernambuco e no Distrito Federal, quando então pude presenciar o respeito que os colegas nutriam por ele, seja onde fosse. Possuindo, eu e Rochinha, praticamente a mesma idade, continuamos de forma moderada em nossas atividades com o concurso de nossos filhos. De sorte que é orgulho para mim conhecer esse ‘pe-

queno grande homem', que, acredito, dignifica não apenas a advocacia sergipana, mas o próprio estado de Sergipe".

Edjilda Resende Guerra nos presenteia com um ir-retocável depoimento que principia ressaltando as inúmeras virtudes do seu ex-professor de Direito Comercial e finaliza de forma lapidar ao enriquecer estas páginas com as lembranças dos homéricos embates filosóficos travados entre os irmãos maçons e grandes amigos Jurgurta Barreto de Lima e José Francisco da Rocha:

"Inicialmente, gostaria de esclarecer que eu, Edjilda Resende, e meu esposo, Sérgio Guerra, fomos alunos do professor Rochinha nos idos de 1983 e 1984, quando o mesmo nos lecionava a matéria de Direito Comercial na então Faculdade de Direito Tiradentes. É desnecessário discorrer detalhadamente sobre o amplo e diversificado saber jurídico do Mestre Rochinha, pois, apesar de sua baixa estatura física, o ilustre professor era um verdadeiro gigante em sala de aula, conseguindo transmitir o seu conhecimento a todos os alunos com competência, simplicidade e alegria. Suas aulas eram leves e passavam muito rápido, já que Rochinha se valia sempre do seu conhecido bom humor para nos repassar as questões mais complexas, de uma forma suave e acessível. Independentemente do seu destaque profissional no mundo jurídico, o maior e inesquecível legado do querido professor José Francisco da Rocha, ressaltamos a sua imensa vontade de viver, ao encarar a vida sempre com otimismo e alegria. A longevidade de Rochinha, com invejável lucidez, cer-

tamente é uma recompensa do Criador para tudo aquilo de bom que conseguiu transmitir ao longo de várias décadas. Rochinha, em algumas poucas palavras, pode ser definido como um homem: inteligente, vaidoso, elegante, perspicaz, jovial, irreverente, educado, bem humorado, longevo, engraçado, um verdadeiro bom vivant. Rochinha é um espírito eternamente jovem vivendo, agora, no corpo de um idoso rebelde. Desde criança, sempre soube e acompanhei a grande amizade existente entre meu saudoso pai, Jugurta Barreto de Lima, e Rochinha. Além de serem grandes amigos, meu pai e Rochinha eram também irmãos-maçons e, por isso, até hoje, rochinha sempre me trata carinhosamente por 'minha querida sobrinha'. É importante destacar também o carinho e a atenção de Rochinha para com minha mãe, a quem chama de querida cunhada Maria Petrócia e sempre faz questão de telefonar para ela em todos os seus aniversários, mesmo após o falecimento de meu pai, em 2011".

E prossegue a filha do saudoso Jugurta Barreto:

"Um fato bem interessante é que em razão de todos os segredos que envolvem a Maçonaria, meu pai sempre foi um fiel cumpridor das orientações e, por mais que perguntássemos, ele nunca comentava sobre nada do que acontecia nas reuniões maçônicas. Meu pai era um verdadeiro 'túmulo de sigilo'. Ocorre que, tempos depois, meu esposo também foi iniciado como maçom e, em raro momento, tive a oportunidade de ouvir meu pai relatar a Sérgio acerca das incontáveis 'brigas filosóficas' e dos 'debates acirrados' que travava com Rochinha nas reuniões da Loja Ma-

çônica Cotinguiba. É bom lembrar que, sendo Promotor de Justiça, meu pai era acostumado a atuar como 'Parte Acusatória' no Tribunal do Juri e, portanto, era um brilhante orador e acusador. Não sei dizer sobre o quê meu pai e Rochinha divergiam e nem o porquê desse antagonismo, mas soube que por vezes o 'clima esquentou'. Pois bem. O fato curioso e engraçado é que meu pai contou sorrindo a Sérgio que, em certa feita, fez discurso com severas críticas e, literalmente, 'desceu a madeira' no então venerável Rochinha! Evidentemente que Rochinha também não deixou por menos e rebateu uma a uma as críticas desferidas por Jugurta. Ocorre que, ao terminar essa reunião, depois dos intensos debates, meu pai fez questão de se curvar, em sinal de respeito, abaixou os braços para reverenciar Rochinha e disse: 'mil perdões pelos excessos, meu Venerável Mestre! Eu te amo!'. Depois disso, os amigos/irmãos Jugurta e Rochinha se abraçaram e caíram em gargalhadas. Segundo meu pai, ele e Rochinha eram grandes amigos fora da Loja, porém, na maioria das vezes, estavam em lados opostos e eram ferrenhos adversários na Maçonaria. O melhor de tudo isso é que, independentemente das diferenças filosóficas, o respeito mútuo, a amizade sincera e o carinho recíproco sempre prevaleceram entre os amigos Rochinha e Jugurta. Eu fui apenas uma mera observadora dessa enorme amizade entre Rochinha e Jugurta e, por isso, sinto-me bastante lisonjeada em poder fazer parte e contribuir com a biografia do brilhante Dr. José Francisco da Rocha, um verdadeiro ícone do mundo jurídico sergipano. Por

fim, só posso desejar ao professor José Francisco da Rocha muita luz, paz, amor, felicidade e uma vida longa para ele, que se autodenomina como 'imorrível'. Que Rochinha seja feliz sempre!".



Com o seu grande amigo Jugurta Barreto. Acervo de J.F.R.

Luiz de Santana Júnior nos oferece uma primorosa síntese a respeito do amigo e do mestre, evidenciando a história de uma amizade que atravessou gerações:

“Exprimo que o nosso querido José Francisco da Rocha, meu amigo, meu professor, carinhosamente Rochinha, que tive o imenso prazer de ter sido seu aluno no curso de direito comercial, professor de fala mansa, mas bastante audível porque transmitia bem e cativava todos os seus alunos, como professor, advogado e juiz do TRE-SE, deixou exemplo de bom profissional, honradez e imparcialidade para as novas gerações. Muito embora não possuirmos mais o Cartório do

1º Ofício da Comarca de Aracaju, porque foi no Cartório que eu conheci o Dr. Rochinha desde os idos de 1960, porque era raro o dia que o mesmo não comparecia lá, ele era como um membro da família, muito amigo do meu avô e do meu pai, tendo sido um dos formandos, junto com meu pai, da 1ª turma da Faculdade de Direito de Sergipe. Um fato que muito me chamou a atenção foi o seu desprendimento em servir aos mais necessitados, solicitando junto a diversas empresas do nosso estado que contribuíssem com donativos para atender aos anseios da mendicância, era um homem de Deus, além da advocacia, dedicava-se ao ensino, à Maçonaria (onde foi Grão-Mestre), e no Asilo Rio Branco, foi e é uma das figuras humanas de maior relevância deste estado”.

O Dr. Paulo Gustavo Guedes Fontes, desembargador do Tribunal Regional Federal da 3ª Região – TRF-3, nos brinda com um depoimento que destaca importantes virtudes daquele que seu saudoso pai, João Bosco Araújo Fontes, ex-venerável da Loja Maçônica Cotinguiba, considerava um grande amigo e possuidor de grande saber:

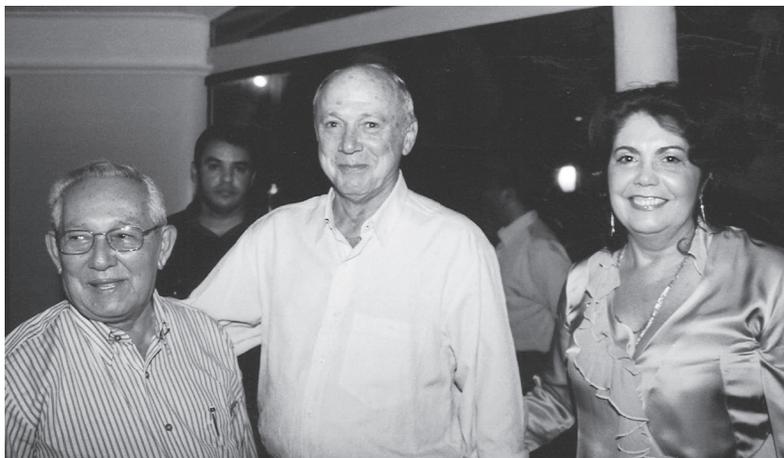
“José Francisco da Rocha, o querido Dr. Rochinha, nos dá dois exemplos muito importantes na atualidade: a correção e honestidade, tão em falta em nosso país, e a educação e lhanza no trato com os colegas e amigos. Ainda adolescente, ouvia meu pai falar muito em Rochinha, que ele tinha na conta de um grande amigo, além de irmão maçom. Meu pai considerava que Rochinha era detentor de grande conhecimento e

sabedoria. Os dois conversavam muito e, segundo lembra minha mãe, Mardna, meu pai se aconselhava com o Dr. Rochinha. Minha mãe destaca ainda a generosidade e bondade de Rochinha, pois desejava sempre ajudar a todos”.

O empresário Samuel Shuster nos oferece um rico depoimento, enfatizando o sucesso alcançado pelo amigo, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, e aproveita para reacender o fogo onde era preparado o apreciável crustáceo, ressaltando que não só atravessava a rua, aos domingos, para saborear o delicioso marisco, como, diferentemente de outros convidados, aprendeu com o chef Rochinha a preparar o famoso pirão de guaiamum:

“Conheci Rochinha na 1ª turma da Faculdade Tiradentes como professor e logo ficamos amigos. Aliás, ele ficou amigo de todos, pois é uma pessoa muito simples e amigüeira. Acredito que isso aconteceu em 1973. Logo depois ele construiu uma casa em frente à minha, na Atalaia, e lá foi morar. Nos domingos eu ia tomar uma cerveja com ele e sua esposa, a sempre alegre e querida D. Anita. Para minha surpresa ele criava guaiamuns e num desses domingos matou alguns e me chamou para ajudá-lo a fazer um pirão, foi assim que aprendi a fazer pirão de guaiamum. Os que Rochinha fazia eram muito disputados pelos amigos que ficavam ansiosos já para o próximo. Rochinha, como disse, é uma pessoa fácil de fazer amizade e sua presença é cobrada em todos os grupos de que faz parte, como o Refém e a Maçonaria, todos gostam dele e de

sua presença. É advogado respeitado e querido por todos que o conhecem, na sua época tido como o melhor de Sergipe. As grandes empresas que para aqui vinham o procuravam para representá-las. Era comum eu ver chegar em sua residência advogados jovens para dele obterem conselhos e orientações jurídicas. Tendo como sucessores na advocacia seu genro Eduardo Ribeiro, sua filha Socorro, hoje defensora pública aposentada, e seu filho Juvenal, que, por coincidência, veio a ser meu genro. Seu filho Sérgio, embora engenheiro, também se formou em Direito. De origem humilde, Rochinha sempre trilhou pela honradez e retidão, e conseguiu formar e dar bons exemplos a seus cinco filhos, que todos conheci ou conheço, Conceição, Sérgio, Socorro, Teresa e Juvenal, que chamo de Neto. Suas atuações como advogado do Banco do Brasil, presidente da OAB/SE, Venerável da Loja Cotinguiba, Juiz do TRE de Sergipe, presidente do Conselho Penitenciário e da JUCESE, como advogado nos Fóruns, o dignificam, tendo sido agraciado pelo Tribunal Regional Federal da 5ª Região, com sede em Pernambuco, com a Medalha Pontes de Miranda. Por tudo isso fico muito honrado e agradecido em poder mostrar a todos o nosso querido Rochinha”.



Com o amigo Samuel Shuster e sua esposa, Guiomar Shuster. Acervo de J.F.R.

O professor Jouberto Uchôa de Mendonça, com a afabilidade que lhe é peculiar, fez questão de trazer algumas considerações acerca do amigo, pontuando certas virtudes que também ao magnífico reitor são creditadas:

“Fico lisonjeado por ter sido desejo do biografado possuir um depoimento meu nesta obra de tamanha importância para nosso estado. A história jurídica de Sergipe se confunde com a trajetória de Dr. Rochinha. Dedicou-se por mais de 60 anos ao Direito, sempre elevando Sergipe por onde quer que passasse. Um jurista que merece todas as condecorações, homenagens e reconhecimento, em vida, por sua obra que tanto engrandeceu gerações sergipanas. Com certeza, o Dr. Rochinha nos ensina, desde os idos de sua juventude, quando formou-se pela antiga Faculdade de Direito, que é possível ter ética, humanidade e responsabilidade social, independente de qualquer coisa. Sua humildade é o que mais me

chama a atenção, essa é uma de suas virtudes que merece ser destacada. Tal qual uma rocha, Dr. Rochinha é sólido em honestidade, caráter e competência. Eu era um menino quando o meu pai tinha um hotel em Aracaju e era onde Rochinha vivia. Eu me impressionava como ele procedia com as pessoas. Sempre humilde, bem relacionado, tanto ele como o irmão que também morou no hotel. Então, eu quero dizer que ele é uma das pessoas que, na história da minha família, Dr. Rochinha tem uma marca indelével e nós não o esqueceremos jamais”.



Com o amigo Jouberto Uchôa e sua esposa, Amélia Cerqueira Uchôa.

Acervo de J.F.R.

O deputado federal Laércio Oliveira em ampla análise anota a importância do grande pensador e orador José Francisco da Rocha nas diversas áreas onde atuou, mas, particularmente, seus exemplos e ensinamentos que muito contribuíram para a sua formação política:

“O doutor José Francisco da Rocha, nosso querido Rochinha, é um dos maiores pensadores que pude conviver, conhecer e aprender. Sua oratória é inspiradora, diante do grande tribuno que sempre foi, estampando sua marca da eloquência e clareza no discurso. Tudo isso ele conseguiu ao longo dos anos, além de evoluir, fazer com que outras pessoas também crescessem no universo do Direito, formando profissionais da área nas mais variadas vertentes. Rochinha é um grande professor, mas que se identifica como eterno aluno. Por todos os lugares que passou, deixou a sua simplicidade como característica de um homem acessível, gentil, contundente quando devia ser e muito honrou a magistratura sergipana. Ainda hoje os ensinamentos de Dr. Rochinha fazem parte do cotidiano do universo jurídico sergipano. Grande conhecedor da história política de Sergipe, do alto de seus 96 anos, pude aprender com ele, ouvindo seus exemplos sobre o passado da política, como entender e formar meu posicionamento para o meu exercício da atividade parlamentar, tendo como inspiração grandes exemplos que em suas palavras ressoaram em minha mente. A vida política de Sergipe em cenários com a presença marcante de João Alves Filho, Augusto Franco, Leandro Maciel, Seixas Dórea, Djenal Queiroz, José Carlos Teixeira, entre outros personagens, está na ponta da língua do professor Rochinha, que sem titubear sempre nos conta grandes histórias vividas por ele no contexto temporal de nosso estado. Pude aprender muito com seus ensinamentos”.

E finaliza ele que hoje, indubitavelmente, é um dos grandes nomes da política sergipana e detentor de enorme prestígio em nível nacional:

“Como um homem compromissado com o social e o desenvolvimento de Sergipe, Dr. Rochinha também atua diretamente nas ações da Maçonaria sergipana, sendo um dos seus mais respeitados quadros. Dotado de grande coração, sempre dedicou seu tempo para a assistência aos idosos do Asilo Rio Branco, até hoje mantido pela Maçonaria, além de promover diversas ações envolvendo a instituição e a sociedade, com o objetivo de promover o bem comum, a solidariedade e a prática da justiça social para as pessoas. Tão respeitado é que esteve comandando a loja maçônica mais famosa de Sergipe por quatro mandatos, fazendo honrar a Loja Simbólica Cotinguiba e seus pares. São várias as benesses que Rochinha promoveu para o nosso estado, como juiz, advogado, assim como ele diz, como ‘um simples tribuno’. Tribuno esse que tem sua marca calcada na sociedade e na história de nosso estado, seja no judiciário, na vida maçônica, bem como na vida pessoal. Seus 64 anos de atividade no Direito mostram bem quem é o nosso decano da advocacia, da maçonaria, o V. M. José Francisco da Rocha, um grande homem”.

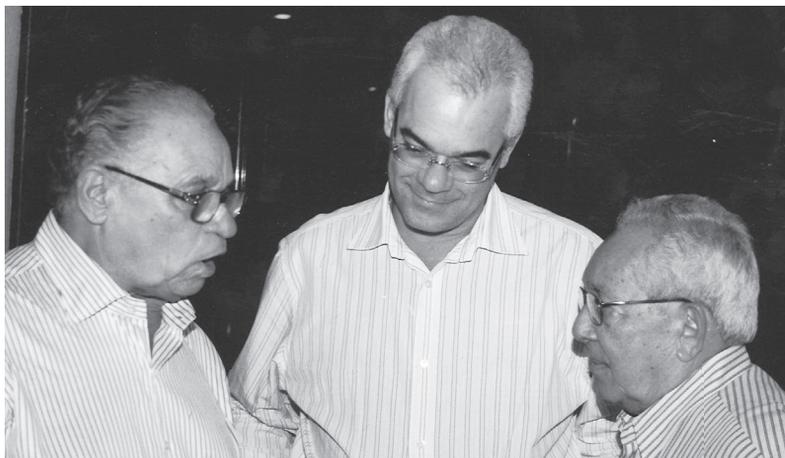
Em um depoimento que já seria rico por trazer a lume a figura de um saudoso grande jurista do nosso estado, o ministro do Tribunal Superior do Trabalho – TST, o sergipano Augusto César Leite de Carvalho, embora sinalize que pouco contato teve com o Dr. Rochinha, até por ser fruto de outra geração, deixa claro que dois grandes faróis igualmente munidos com as luzes da cordialidade, da inteligência e do equilíbrio o guiaram com segurança ao porto do Direito: seu pai, o inesquecível Theobaldo Eloi de Carvalho, e José Francisco da Rocha:

“No período de três anos em que fui estagiário, como estudante de Direito, mais dois anos seguintes (1986-1988) como advogado no escritório de meu pai, Theobaldo Carvalho, era eu alguém a descobrir caminhos novos ou desafiadores e as minhas referências na advocacia eram, a bem dizer, aquelas que o advogado Theobaldo mencionava como colegas que sobressaíam em áreas jurídicas específicas. Lembro-me de vários desses advogados, das ocasiões em que eu, o neófito, encontrei alguns deles, e em especial o Dr. José Francisco da Rocha, o Dr. Rochinha, um especialista diferenciado em Direito Comercial (atualmente mais conhecido como Direito Empresarial), na avaliação segura de meu pai. Embora não me fosse dado participar, como advogado iniciante, dos grandes embates forenses daquela época, via, ainda assim, o Dr. José Francisco da Rocha transitar pelo Fórum do Tribunal de Justiça de Sergipe (TJSE), na Praça Fausto Cardoso, e o percebia com lhanza invulgar, com gestos de cordialidade que desde aquela época eu associava, como ainda associo, aos dons da inteligência e do equilíbrio emocional, ou seja, a uma vantagem comparativa imensa em relação a outros advogados despossuídos desses mesmos talentos. Ainda na Faculdade de Direito fiz amizade com Juvenal, filho de Dr. Rochinha e, hoje, advogado de destaque na sociedade sergipana”.

O empresário Juliano César Faria Souto, em comovente relato, nos mostra que além de herdeiro moral, intelectual e empresarial de Raymundo Juliano Souto dos Santos, recebeu de seu pai também como legado outro bem imaterial de valor incalculável: a amizade de José Francisco da Rocha.

“Tenho o Dr. Rochinha como um homem completo. Amigo leal. Profissional humilde e competente.

Pessoa de excelente relacionamento interpessoal. Um ser humano admirado por 4 gerações de sergipanos em todas as esferas onde exerceu suas atividades, não se limitando a ter sucesso ou foco na advocacia. Atuou junto à sociedade em seus órgãos representativos, entidades sociais e sociedade civil, como a Maçonaria, OAB, dentre outras, sem esquecer da família como prioridade e dedicação absoluta. Meu grande mestre na admiração pelo Direito, pois mesmo sem ser minha área de atuação, desenvolveu em mim a certeza de que a justiça é a base para uma sociedade livre e justa. Com sua paciência, conseguia transmitir com simplicidade os temas mais complexos, sem 'juridiquês', proporcionando-nos segurança, enquanto representados, mostrando-nos que a justiça sempre prevalece, que há a lógica suportando as legislações e que nela devemos confiar. Lembro-me que há 40 anos, numa das idas à feira de Japarutuba, pequena cidade do interior de Sergipe, onde a família de minha esposa, Riane, à época namorada, tinha uma propriedade rural, vi aquele senhor fazendo compras, sozinho, cumprimentando todos, com gentileza e educação. Perguntei, então, aos feirantes, quem era. Foi voz unânime: 'moço, esse aí é Dr. Rochinha, o mais famoso advogado do estado, mas não deixa de vir aqui, todo sábado, fazer a feira da mãe, almoçar com ela e visitar o sítio onde viveu'. Ao retornar para Aracaju, contei essa passagem a meu pai, Raimundo Juliano, que me disse: 'esse é um grande homem, o conheço desde o Bar Central, em Estância, onde lhe servia café quando tinha parada de ônibus na década de 60, meu grande amigo e conselheiro, um homem de bem'. Dessa passagem, tiro uma lição de vida: valorizar as raízes, a família, os amigos e nestas bases construir uma vida correta e profícua".



Com Juliano César e seu grande amigo Raymundo Juliano. Acervo de J.E.R.

A bela história de José Francisco da Rocha nos revela que Rochinha é daqueles seres humanos que, contribuindo assim também para promoção da paz social, buscam aproveitar os bons momentos da vida com prudência e equilíbrio, mas com a necessária alegria de viver.



**Na companhia de um dos seus artistas prediletos, o cantor Agnaldo Timóteo.
Acervo de J.E.R.**



Capítulo IX

Um Decano Que Foi Homenageado Como Merecia

Ao longo dos seus 96 anos, o decano José Francisco da Rocha tem recebido merecidas honrarias.

No ano de 1999, sob a presidência de Jíceno Antônio Menezes Lopes, a Câmara Municipal de Japaratuba, em virtude da Resolução nº 13/98, de 16 de dezembro de 1998, cuja propositura foi de autoria do vereador José Albertino Moura, aprovada por unanimidade, concedeu-lhe o Título de Cidadão Japaratubense em solenidade bastante prestigiada.



Título de Cidadão Japarutubense concedido pela Câmara de Vereadores de Japarutuba. Acervo de J.F.R.

Em 2004, o presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, Roberto Antônio Busato, na solenidade comemorativa do 10º aniversário da promulgação do Estatuto da Advocacia e da OAB (Lei nº 8.906, de 4 de julho de 1994), outorgou-lhe o Certificado de Mérito em reconhecimento pelo seu valioso desempenho na elaboração e aprovação daquele diploma legal.



Certificado de Mérito concedido pelo Conselho Federal da OAB. Acervo de J.F.R.

Em 2008, a Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Sergipe – OAB/SE, outorgou-lhe a Medalha Sívio Romero, uma condecoração pelo ininterrupto exercício da advocacia por mais de meio século. Na ocasião, o presidente Henri Clay Andrade assim manifestou-se:

“Agradecemos a Deus por lhe dar saúde para continuar nos ensinando. É um advogado amigo, um bom colega, correto, com temperança e competência jurídica. Uma pessoa que socializa, com humildade, o seu vasto conhecimento”.

Já em abril de 2017, o Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Sergipe – TER-SE, através do informativo “O PLEITO”, edição de nº 63, que trouxe a foto do jurista na capa, o homenageou com uma longa entrevista constante de suas páginas centrais lembrando a passagem daquele que atuou naquela Casa por mais mandatos na condição de jurista, 1975/1977, 1981/1982, 1982/1984, 1989/1991, 1992/1994 e 1995/1997. Assim iniciava a justa homenagem prestada a um dos seus mais notáveis integrantes, na ocasião em que a Corte Eleitoral sergipana era presidida pelo desembargador Ricardo Múcio Santana de Abreu Lima:

“Aos 90 anos de idade, esbanjando simpatia e lucidez, o ex-juiz membro do TRE/SE compartilha com os leitores de ‘O PLEITO’ um pouco de sua história e de sua trajetória como eminente jurista”.

Em 2018, o Tribunal de Justiça de Sergipe – TJSE, durante a presidência do desembargador Cezário Siqueira Neto, através do projeto “VIVAS MEMÓRIAS”, realizou uma série de entrevistas, em formato de documentário, como forma de homenagear personalidades

do mundo jurídico sergipano, dentre estas, o decano da advocacia sergipana.

No ano de 2019, o Tribunal Regional Federal da 5ª Região – TRF5 realizou a 29ª edição da entrega da Medalha da Ordem do Mérito Pontes de Miranda, a mais alta honraria concedida por aquela Corte Federal a personalidades que se destacam pelos relevantes serviços prestados ao Poder Judiciário. Naquele ano foram homenageados o advogado José Francisco da Rocha (Sergipe), o ex-presidente do TRF5 desembargador Manoel de Oliveira Erhardt (Pernambuco) e o advogado Evilásio Feitosa da Silva (Alagoas). O presidente do TRF5, desembargador Vladimir Carvalho, ressaltou à época que nos últimos 29 anos somente 65 personalidades do meio jurídico receberam a medalha.



Solenidade de entrega da Medalha da Ordem do Mérito Pontes de Miranda.

Da esquerda para direita: o ex-governador de Sergipe Albano Franco, o ex-governador do Amapá Gilton Garcia, a neta Clarisse de Aguiar Ribeiro Simas, o então presidente da OAB/SE Inácio Krauss e o advogado Domingos Pascoal.

E, por fim, em 2020, recebeu mais uma homenagem da OAB/SE, a medalha alusiva aos 85 anos de fundação da entidade, um merecido reconhecimento não só por figurar entre os seus mais brilhantes presidentes, mas, principalmente, pelos 64 anos de efetivo exercício da advocacia e amor incondicional à profissão que abraçou.



*Honrarias
Maçônicas*



Medalha do Grau 33



Espada do Grau 33



Colar do Grau 33



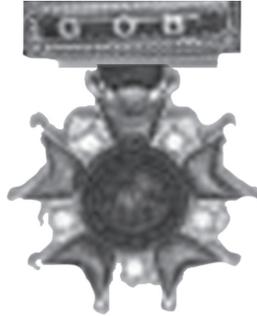
Medalha Comemorativa dos 190 anos do Grande Oriente do Brasil



Condecoração da Estrela da Distinção Maçônica



Medalha Comemorativa do Centenário da Proclamação da República do Brasil



Comenda de Benemérito da Ordem Cruz da Perfeição Maçônica



Comenda de Grande Benemérito da Ordem Cruz da Perfeição Maçônica



Medalha Conferida pelo Grande Oriente do Brasil



Medalha do Seminário Geral de Mestres Maçons



Ordem do Mérito Antônio Manoel de Carvalho Neto



Moeda Comemorativa do Centenário da Loja Simbólica Cotinguiba



Moeda Conferida pelo Supremo Conselho do Brasil



**Moeda Conferida a Membro Efetivo da Academia Maçônica Sergipana de Artes,
Ciências e Letras**



Comenda da Ordem do Mérito Dom Pedro I



Moeda Conferida pelo Supremo Conselho do Brasil



**Moeda Conferida a Membro Efetivo da Academia Maçônica Sergipana de Artes,
Ciências e Letras**



*Honrarias
Não Maçônicas*



**Ordem do Mérito Eleitoral de Sergipe
TRE/SE**



**Medalha da Ordem do Mérito Pontes de Miranda
TRF 5**



Comenda da Ordem do Mérito Dom Pedro I



Medalha Jornalista José Eugênio de Jesus



**Medalha Sobral Pinto 14ª Conferência Nacional da OAB,
Seccional Espírito Santo**



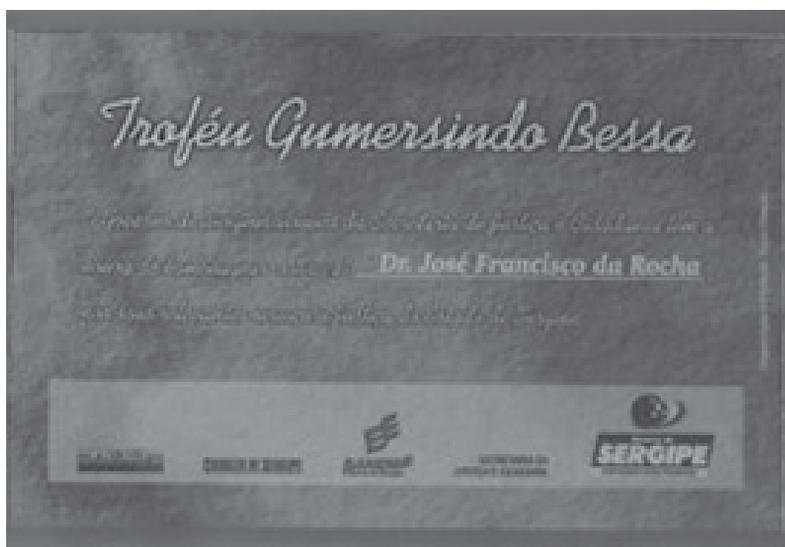
Medalha Comemorativa dos 80 Anos da OAB/SE



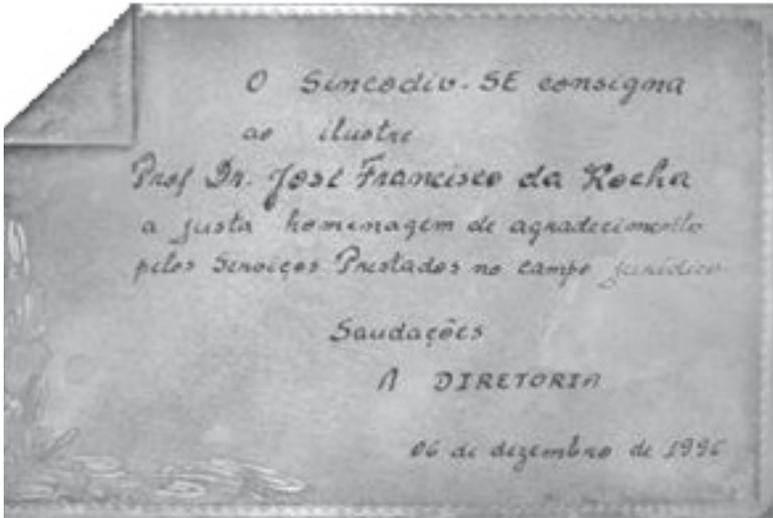
Medalha Comemorativa dos 85 Anos da OAB/SE



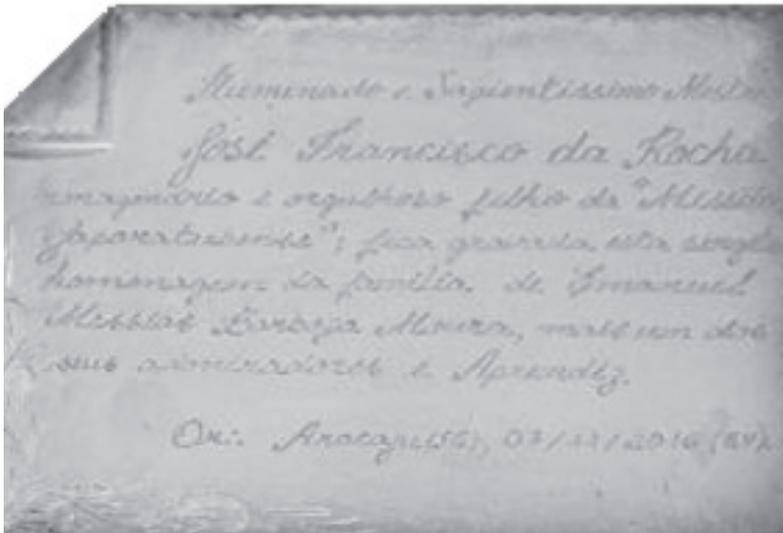
Homenagem Especial do Conselho Nacional de Secretários de Justiça, Direitos Humanos e Administração Penitenciária



Troféu Gumerindo Bessa
Homenagem da Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado de Sergipe



Homenagem do SINCODIV-SE



Homenagem do Povo de Japarutuba/SE



Capítulo X

Um Homem Que Soube Homenagear Como Poucos

José Francisco da Rocha soube também homenagear e o fez com maestria. Além de notável orador, destacou-se como excelente articulista. Utilizou-se dos seus primorosos textos para prestar justos reconhecimentos. Dentre os inúmeros artigos que escreveu, muitos dos quais simplesmente para homenagear os amigos, resalto um em especial.

Em 19 de outubro de 2016, no intuito de prestar uma homenagem ao seu grande amigo Raimundo Juliano, escreveu no Jornal da Cidade um artigo intitulado “De grande coração, Raimundo Juliano, um maçom que já nasceu sorrindo”. Em meia página do periódico, registra a alegria de viver e o coração magnânimo do amigo, as inúmeras qualidades do empresário, a iniciação e as virtudes do maçom, o sucesso empresarial, dentre outros enfoques, encerrando seu primoroso texto como um verdadeiro amigo e irmão deve homenagear um outro:

“Vale destacar que esse registro significa, apenas, uma amostragem do valor de Raimundo Juliano para a sociedade sergipana, gravado com firmeza por este seu irmão, amigo e confidente, que conclui, para homenageá-lo, tomando por empréstimo ao imperador Júlio César a frase que, no ano 47 a.C., ele gritou: ‘Vim, vi e venci’”.



Foto do livro *“Raymundo Juliano – 80 anos negociando e fazendo amigos”*.

Em 23 de julho de 2019, a convite do então presidente da OAB/SE, Inácio Krauss Menezes, proferiu o discurso de saudação aos 67 novos advogados que naquela tarde prestavam juramento e receberam as carteiras para o início do exercício profissional. Foi uma homenagem para recepcionar os novos integrantes da Casa da Cidadania. Após as formalidades protocolares, mas sempre falando com o coração e com humildade, assim iniciou seu pronunciamento:

“Tão logo recebi o convite de Inácio, confesso que o receio se apoderou de mim: afinal, o que poderia um homem que se avizinha dos 93 anos de idade transmitir a moças e rapazes que em sua grande maioria, acredito, estão na faixa dos vinte e poucos anos? O que teria a dizer, e mais, o que teria a dizer de útil uma pessoa analógica a jovens digitais ansiosos pelo começo da vida profissional?”.

Firmou sua bela oração no tripé exemplo, continuidade e perpetuidade, tanto da advocacia, como da OAB. O exemplo poderia ser representado unicamente por sua bela história de vida, mas sendo irmão siamês da simplicidade, fez questão de trazer a lume vários outros ex-presidentes que igualmente contribuíram para o crescimento da entidade e o prestígio da advocacia, nominando-os e dizendo:

“São homens e mulheres que dedicaram e dedicam a engenhosidade de suas ideias e boa parte do seu tempo à entidade, preparando um futuro que já foi meu, já foi deles, e será de vocês”.

E concluiu:

“Meus colegas, assim os saúdo, desejando sucesso na profissão, e que aproveitem com ética todas as oportunidades que vos apareçam, seguindo os bons exemplos, pois de vocês dependerão a continuidade e a perpetuidade da advocacia e da OAB”.

Já em 2020, a homenagem prestada foi à própria Casa da Cidadania. Convidado mais uma vez pelo então presidente Inácio Krauss, proferiu um discurso em

homenagem aos 85 anos de fundação da OAB/SE. Nada mais justo ser ele, o detentor da Carteira de nº 190, cujo documento original foi doado à instituição, convidado para emitir pronunciamento em data tão marcante.

Não foi um discurso longo, mas na exata medida da sua importância. Foram palavras simples ditas com muito sentimento e emoção. Um texto elaborado já no período pandêmico quando, em virtude da realidade instalada e por conta da idade avançada, o advogado se preparava para pendurar as chuteiras, mas não sem antes marcar mais um gol de placa.

Por ser o último discurso proferido pelo grande orador e jurista antes de sua aposentadoria, possuindo, por isso, emblemático significado, será aqui transcrito na íntegra. Não se trata, como veremos, de um simples discurso. É, na verdade, uma ode à Ordem. Uma homenagem de um pai para sua filha, mas também uma declaração de amor à sua profissão.

Embora seja um texto em prosa, não deixa de transpirar poesia, pois, assim como os poetas, Rochinha falou com a voz que emana do coração para homenagear a sua Casa, o Templo da Cidadania, o Lar dos Advogados de Sergipe.

Esta obra, indubitavelmente, estaria incompleta se chegasse ao seu ocaso sem que o biografado deixasse uma mensagem para as atuais e futuras gerações de advogados ou não. Assim, deixo o leitor com a “MENSAGEM DO DECANO”, por ser esse seu discurso o texto ideal para encerrar este último capítulo.

“Para quem já superou em muito essa marca etária, manifestar-me a respeito de uma aniversariante de 85 anos equivale a um pai que homena-

geia a filha que aniversaria, expondo a ela o amor e admiração que nessas datas especiais transbordam do íntimo do ser.

Colei grau em 1956, portanto, quando a conheci, era uma jovem de 21 anos.

A Seccional de Sergipe da OAB é a aniversariante e, como tive o privilégio de participar de seu amadurecimento, nunca me será difícil expor meu amor e admiração por ela.

Em tempos em que se sentem as instituições fraquejando nos objetivos que seus próprios estatutos estabelecem a OAB como um todo é filha, é mãe, é pai, é irmão, aquele porto seguro que o cidadão e o corpo social procuram quando a instância que deveria ouvi-los não os ouve.

Assim foi desde sua origem.

Nascida nacionalmente em 1930 como corporação profissional que deve necessariamente ser no trato das obrigações, dos direitos e das prerrogativas dos advogados, aos poucos a Ordem, tonificada pelos brios e bons sentimentos dos seus membros, eclodiu da casca, transpôs o envoltório meramente corporativo e, por que não dizer, literalmente conquistou o Brasil e o mundo como porta-voz da cidadania quando esta palavra existia apenas no dicionário, como porta-voz da democracia quanto extinta ou reduzida esteve, como porta-voz dos direitos humanos e sociais quando solapados.

O mesmo caminho foi seguido pela Seccional de Sergipe, terra pequena, berço de grandes juristas, que logo trataram de cuidá-la, e cuidaram tão bem que logo chamaram a atenção do órgão federal.

Criada poucos anos após a entidade mãe, a OAB/SE bem recepcionou seu espírito, mantendo-se vigilante e atuante nas quadras históricas estaduais, nos maus e bons momentos experimentados pelos sergipanos.

Aqui, então, passado, presente e futuro andam de mãos dadas.

Cabe, sim, lembrar o passado, pois o legado nos é inteiramente favorável, a nossa seccional em alto e bom tom respondeu 'presente' nas chamadas institucionais a que esteve sujeita.

Foi uma época marcada mais por fatos históricos, alguns lamentáveis por instalarem estado de exceção inclusive em nosso estado, com colegas presos, alguns impedidos de exercerem a profissão, apenas e tão somente por advogarem para clientes considerados 'indesejáveis', ou mesmo por defenderem a Democracia, o Estado de Direito.

Cabe, sim, enaltecer o presente, pois a OAB e a nossa seccional em particular entenderam os efeitos da globalização e o grande passo da humanidade com o surgimento da internet.

Nesse sentido, a Ordem não se furta a colaborar na evolução da legislação vis a vis da evolução da tecnologia, a defender os interesses da classe em

temas ainda tão tormentosos como os processos eletrônicos e similares.

A Seccional, com seus jovens quadros, atua intensamente em prol da coletividade através de inúmeras comissões que tratam de interesses difusos e coletivos, de idosos, crianças e adolescentes, saúde e segurança públicas, meio ambiente, direito dos animais.

Cabe, sim, acreditar no futuro promissor que está por vir, com o acréscimo em nossos quadros de novos integrantes, munidos de artefatos tecnológicos, mas que contam com uma instituição solidificada pelos que nos antecederam.

Solidificada pela argamassa da ética e da defesa dos bons direitos.

Tenho na memória que, no final de 2019, atendendo a honroso convite do presidente Inácio Krauss para proferir saudação a colegas que recebiam, naquela ocasião, a carteira profissional, disse que além do exemplo e da continuidade, a perpetuidade da Advocacia e da OAB é nosso destino.

Portanto, usufruindo do decanato, ousou afirmar que de parabéns não estão apenas a OAB/SE, seus gestores passados e os atuais, os advogados passados e os atuais, mas toda a sociedade sergipana, enfim, de parabéns está o estado de Sergipe”.

Sim, realmente, de parabéns está Sergipe por tê-lo também dentre os seus mais renomados juristas.

EPÍLOGO

Um certo senhor

Em meu segundo livro, intitulado “*Contos de Pérola*”, publicado em 2016, premiado, não em concursos do gênero, porque deles nunca participei, aclamado, não pela crítica dita especializada, pois com esta nunca me preocupei, mas na opinião dos meus fiéis leitores que apreciam uma boa história, relembro em “*O Buraco da Baleia*” das memoráveis e inesquecíveis tardes dos tempos de veraneio na Praia de Atalaia. Narro que, ali, no Jardim Godofredo Diniz, eu, juntamente com um grupo de adolescentes, os mais próximos nominados no texto, dentre eles, Juvenal Neto, ávidos por aventura, descíamos, sentados na bainha da palha do coqueiro, uma alta, íngreme e colossal duna, que em nosso imaginário juvenil, por muito lembrar o dorso daquele mamífero aquático, apelidamos de Buraco da Baleia.

E o que isso teria a ver com a biografia do Dr. Rochinha? Tudo, quando o destino resolve, tempos depois, presentear o escritor.

E como digo no início do conto, antes de partir para a prática do nosso esporte radical, o esquí na areia, “*bem não colocava os pés em casa, já saía, apressadamente, para visitar a vizinhança. Logo ia falar com o pescador Miguel e sua esposa, Cremilda, com doutor Lélío Fortes e dona Ester, com o senhor Luiz Bispo e a consorte Amelinha e com dona Djanira, anunciando, assim, a minha chegada*”. Era natural, eram os vizinhos da rua da minha casa.



Os anos se passaram, a maturidade chegou, família constituí, avô me tornei e biógrafo hoje sou. Confesso que no melhor dos meus sonhos jamais imaginaria que um dia teria a honra de escrever a história de um certo senhor de estatura baixa, passos curtos, voz marcante, que embora tratado sempre por doutor era muito simples e gentil, pessoa por quem meus genitores, Juarez e Consuelo, tinham muito apreço e que este autor desde os tempos do Buraco da Baleia acostumou-se a chamar de Dr. Rochinha. A propósito, o fundo da casa de meus pais fazia fronteira com o da residência do casal José Francisco da Rocha e Ana de Aguiar Rocha.

Alguém um dia disse que o tempo é o senhor da razão. E eu digo que ele é o revelador de grandes surpresas. A grata surpresa a mim reservada de ter o privilégio de escrever a biografia de José Francisco da Rocha. Francisco por opção do pai. José (aquele que acrescenta) por escolha da mãe. E sua trajetória aqui descortinada confirma que ele viveu e vive para acrescentar.

Acrescentou como filho, nada deixando faltar aos seus pais até o fim de suas vidas, cobrindo-os com carinho e conforto, como fazem todos aqueles que cumprem o quarto mandamento: *“Honrarás a teu pai e a tua mãe, para que vás bem e vivas muito tempo sobre a terra”*. Já são 96 (noventa e seis) longos anos.

Acrescentou como esposo, pai, avô e bisavô, pois, ao receber do Pai a companheira perfeita, atendeu à determinação do *“crescei e multiplicai-vos”*, tornando-se um fiel guardião da descendência que o Senhor lhe confiou, dando-lhes amor, proteção, sustento e educação, ratificando, pelo cuidado e zelo de suas ações, ser a família verdadeiramente a mais sagrada das instituições.

Acrescentou como amigo, sendo fiel e eternamente grato a todos que, demonstrando carinho e amizade, contribuíram de alguma forma para o seu crescimento pessoal e profissional, gratidão esta que se mostrou recíproca por parte de muitos que puderam desfrutar da sua simplicidade, lhanza e generosidade, virtudes presentes nos corações daqueles que têm a amizade como um verdadeiro patrimônio.

Acrescentou como profissional do Direito, bem como nas demais atividades em que sua irrequietude o permitiu atuar, sempre com muita humildade, empenho e senso de justiça, mas sempre colocando amor em tudo o que se propunha a fazer, sendo estes os ingredientes do seu sucesso em todas as áreas por onde transitou.

Acrescentou paraninfando turmas de formandos, sendo citado em livros maçônicos e não maçônicos e elaborando prefácios, apresentações e outros textos para diversas obras literárias.

Acrescentou muito. Acrescentou sempre. E continua acrescentando.

Após contar a sua história, chego às derradeiras linhas deste livro com uma certeza: se é verdade que nos pequenos frascos se guardam os melhores perfumes, José Francisco da Rocha é fragrância das mais raras.

Esta obra surge justamente no dia em que se comemoram os 96 anos do biografado, mas, na verdade, quem ganha o presente são todos que passam a conhecer a belíssima história do decano da advocacia e da maçonaria de Sergipe. Só nos resta agora aguardar o centenário desse grande homem.



O decano e o seu biógrafo. Fotógrafa: Leticia Urânia.

CRONOLOGIA

1926 – Nasce em Cedro de São João o primogênito de Maria da Conceição Rocha e Juvenal Francisco da Rocha.

1932 – Inicia os estudos na Escola Isolada I, no município de Japaratinga-SE, frequentando até 1935.

1936 – Passa a estudar no Colégio São José, onde permanece por 2 anos.

1938 – Matricula-se no Externato Jesus Cristo Rei, lá estudando por 4 anos.

1941 – Conclui os estudos primários.

1942 – Consegue vaga para matricular-se no Colégio Salesiano em Aracaju, onde estuda por 1 ano.

1943 – Assume seu primeiro emprego como caixeiro na Ótica Barretto em Aracaju.

1943 – Inicia os estudos na Escola de Comércio Conselheiro Orlando.

1945 – Deixa o emprego da Ótica Barretto e começa a trabalhar na Companhia Nordeste de Seguros.

1949 – Casa-se com Ana Macieira Aguiar (Anita).

1949 – Inicia na Maçonaria pela Loja Simbólica Cotinguiba.

1950 – Passa a ocupar o cargo de Gerente da Companhia Nordeste de Seguros.

1950 – Forma-se em Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio de Sergipe.

1950 – Inscreve-se no 1º Vestibular da recém-criada Faculdade de Direito de Sergipe, obtendo aprovação.

1951 – Participa da aula inaugural da 1ª Turma da Faculdade de Direito de Sergipe realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

1952 – Deixa a Companhia Nordeste de Seguros e toma posse como escriturário do Banco do Brasil S/A, após aprovação em concurso público.

1956 – Cola grau como Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Sergipe.

1966 – Funda o Lions Clube Aracaju-Atalaia.

1968 – Coordena a 1ª Visita de Dom Luciano José Cabral Duarte à Loja Simbólica Cotinguiba.

1968 – Assume a presidência da OAB/SE para o biênio 1968/1969.

1968 – Preside a Junta Comercial do Estado de Sergipe (JUCESE) no período de 1968 a 1976.

1969 – Exerce o cargo de Vice-Presidente Regional do Lions Clube Aracaju-Atalaia para o biênio 1969/1970.

1972 – Coordena a 2ª Visita de Dom Luciano José Cabral Duarte à Loja Simbólica Cotinguiba.

1972 – Assume o cargo de Coordenador Regional de Projetos na Comunidade do Lions Clube Aracaju-Atalaia para o ano leonístico de 1972/1973.

1973 – Ingressa no quadro de advogados do Banco do Brasil S/A, após aprovação em concurso interno, passando a ser Assessor Jurídico da instituição.

1975 – Toma posse como Juiz Membro do TRE/SE para mandato de 1975/1977.

1975 – Começa a lecionar Direito Comercial nas Faculdades Integradas Tiradentes (FITS) no mês de fevereiro.

1975 – Passa a ensinar Direito Comercial na Universidade Federal de Sergipe (UFS) no mês de agosto, após aprovação em concurso público de provas e títulos.

1980 – É reconduzido ao cargo de Juiz Membro do TRE/SE para mandato de 1980/1982.

1982 – É reconduzido mais uma vez ao cargo de Juiz Membro do TRE/SE para mandato de 1982/1984.

1983 – Encerra suas atividades como catedrático da UFS.

1984 – Encerra suas atividades como professor da UNIT.

1989 – É reconduzido mais uma vez ao cargo de Juiz Membro do TRE/SE para mandato de 1989/1991.

1992 – É reconduzido mais uma vez ao cargo de Juiz Membro do TRE/SE para mandato de 1992/1994.

1995 – É reconduzido mais uma vez ao cargo de Juiz Membro do TRE/SE para mandato de 1995/1997.

1995 – Preside o Conselho Penitenciário do Estado de Sergipe (COPEN/SE) no período de 1995 a 2003.

2003 – Preside o Conselho Penitenciário do Estado de Sergipe (COPEN/SE) no período de 2003 a 2007.

2007 – Preside o Conselho Penitenciário do Estado de Sergipe (COPEN/SE) no período de 2007 a 2011.

2020 – Encerra suas atividades como advogado durante o período de restrições impostas pela pandemia do coronavírus.

AGRADECIMENTOS

Este livro, fruto de uma grande amizade, começou a ser concebido em novembro de 2021.

Diferentemente das minhas outras biografias para as quais os protagonistas não puderam contribuir com seus próprios relatos por já se encontrarem em outro plano, desfrutei, desta feita, da felicidade de ouvir muitas histórias narradas pelo personagem principal, fato que muito contribuiu para deixar a obra mais completa.

Procurei elaborar um texto leve, prazeroso, em muitos momentos divertido e bem humorado, assim como é José Francisco da Rocha, mas sem deixar de mergulhar na essência, ressaltando os fatos significativos de sua admirável história, que teve como pilares a humildade, a competência e o desejo de sempre realizar, quer como homem público quer como maçom, professor ou jurista.

Foram dezenas de horas de entrevistas, diversas visitas aos locais onde Dr. Rochinha atuou, viveu e trabalhou, além de uma busca profunda em seu acervo pessoal para poder melhor penetrar em sua história. Centenas de documentos foram analisados e diversas pesquisas realizadas em órgãos e material jornalístico, a saber, Gazeta de Sergipe e Jornal da Cidade. Documentos oficiais do governo estadual foram consultados na Biblioteca Pública Epifânio Dória.

Como disse, este livro é produto de uma grande amizade, por isso, inicialmente, registro o meu mais



sincero e especial agradecimento ao amigo e empresário Juliano César Faria Souto pelo convite, revelando-se como verdadeiro mecenas, destacado incentivador da cultura e preservador da memória daqueles que contribuíram para o crescimento do nosso estado, demonstrando ser merecedor de tais atributos com a iniciativa incomum de presentear, ainda em vida, o pai do seu amigo Juvenal Neto com uma biografia escrita por este amigo em comum.

Externo também a minha eterna gratidão a esse extraordinário ser humano com o qual muito aprendi durante as inúmeras tardes em que conversamos no intuito de elaborarmos esta obra. Momentos raros, ricos, divertidos e de preciosos ensinamentos em que o discípulo procurou absorver do mestre todas as lições, principalmente as de humildade transmitidas por alguém que, com a mesma simplicidade que arranca aplausos de uma plateia proferindo discurso de improviso em um evento na Universidade Humboldt em Berlim, leva às lágrimas integrantes de uma família ao discursar numa solenidade de casamento realizada num barracão localizado em um povoado de beira de estrada em algum lugar do nosso país.

Apresento, de igual modo, meus agradecimentos aos frutos da primeira geração do biografado, pois, assim como este, além de concordarem de imediato com a escolha do meu nome para tão honrosa empreitada, não mediram esforços no sentido de contribuírem com as pesquisas e demais informações necessárias à elaboração deste livro.

Anoto minha enorme gratidão à Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Sergipe, na pessoa do seu presidente Danniell Alves Costa, gestor de notável

sensibilidade quando se trata de preservar a memória jurídica do nosso estado, pelo irrestrito e fundamental apoio para a produção desta obra.

Deixo, também, meus sinceros agradecimentos aos servidores do Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe Micheline Barboza de Deus, Adenilda Pereira da Silva, Cristiana Lima Correia e Maira Gama Torres, pelo trato cortês que recebi durante o período de pesquisa, bem como pela presteza e rapidez no envio dos arquivos indispensáveis na busca de informações junto àquele órgão.

Registro minha gratidão aos amigos maçons José Renivaldo Benigno da Cunha e Carlos Eduardo Muniz de Almeida pela indispensável colaboração para pesquisa documental e acervo fotográfico junto à Loja Simbólica Cotinguiba.

Agradeço igualmente à secretária de Educação do município de Japaratuba, Gilene dos Santos, à secretária de Administração e Recursos Humanos do município de Cedro de São João Cleomara Barboza de Souza, bem como à servidora da Câmara Municipal de Japaratuba Yaslanne dos Santos Vieira, por suas importantes contribuições para a pesquisa.

Expresso minha imensa gratidão ao jornalista e literato Luiz Eduardo Costa pelo seu imediato sim ao convite para prefaciar esta obra, bem como ao professor e também literato Antônio Fontes Freitas por gentilmente ter aceitado apresentá-la, presenteando-me esses dois imortais das letras de Sergipe com páginas lapidares regadas de inteligência, beleza e generosidade, proporcionando, assim, brilho todo especial a este livro.

Agradeço à EDISE, nas pessoas de Francisco Dantas, Diretor Presidente, pela cortesia e atenção, e Milton Alves, Diretor Industrial, pela paciência e profissionalismo.

A todas as pessoas que de algum modo contribuíram para a concretização deste projeto, meu reconhecimento e gratidão. Afirmo que não teria sido possível também sem vocês, entrevistados amigos, a quem dedico estas derradeiras linhas e registro o meu último obrigado.

ENTREVISTADOS

Aguinaldo Alves Vilela
Albano do Prado Pimentel Franco
Ana Carolina Nascimento Rocha
Ana Cristina Prado
Ana Teresa de Aguiar Rocha
Anita Santiago Rocha
Antônio Eduardo Silva Ribeiro
Augusto César Leite de Carvalho
Ávio Kalatzis de Britto
Belivaldo Chagas Silva
Carlos Alberto de Oliveira Lyra
Carlos Augusto Monteiro Nascimento
Cássia Sobral Melo Teles
Cezário Siqueira Neto
Clarisse de Aguiar Ribeiro Simas
Cleiber Vieira Silva
Cynthia Faria Souto
Danniel Alves Costa
Domingos Pascoal de Melo
Edjilda Resende de Lima Guerra
Eliane Aquino Custódio
Félix Carballal
Flamarion D'Ávila Fontes
Gicelma Santos do Nascimento
Gilson Félix dos Santos



Gilton Garcia

Henri Clay Andrade

Ibrahim Salim

Inácio José Krauss de Menezes

João Machado Rollemberg Mendonça

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

José Sérgio de Aguiar Rocha

Jouberto Uchôa de Mendonça

Juliana Checcicci Carballal

Juliano César Faria Souto

Juvenal Francisco da Rocha Neto

Laércio José de Oliveira

Luiz de Santana Júnior

Maria Clélia Nunes Mota

Maria do Socorro de Aguiar Rocha Ribeiro

Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira

Marianna de Aguiar Rocha Ribeiro

Miriam da Silva Ribeiro

Orlando Mendonça

Paulo Andrade Gomes

Paulo Gustavo Guedes Fontes

Roberto Rosas

Roberto Silveira Sampaio

Samuel Shuster

Suzana Maria Fontes Azevedo Freitas

Thalia Sampaio Lopes da Silva

Valtênio Paes de Oliveira

Vladimir Souza Carvalho

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Luiz Antônio (Organizador). *100 Anos de Eleições em Sergipe – Poder Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe*, 2002.

BEZERRA, Felte. *Etnias Sergipanas*. Aracaju, 1950.

DANTAS, José Ibarê Costa. *O Tenentismo em Sergipe (Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930)*, Editora Vozes, 1974.

MELINS, Murillo. *Aracaju, Reminiscências e Devaneios*, Editora J. Andrade, 2020.

_____. *Aracaju Romântica que Vi e Vivi – Anos 40 e 50*, Editora UNIT, 2007.

MENDONÇA, Jouberto Uchoa; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz. *Educadores de Sergipe à Luz da República – 1911 a 1974 – (RE)CONSTRUINDO TRAJETÓRIAS*. Editora Universitária Tiradentes, 2017.

NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*, Editora Paz e Terra, 1984.

_____. *Sergipe Colonial I*, Editora Templo Brasileiro, 1989.

PÉTRY, Jacob; BÜNDCHEN, Valdir R. *Singular – O Poder de Ser Diferente*. Editora Leya, 2013.

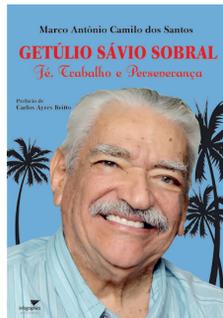
OUTRAS OBRAS DO AUTOR



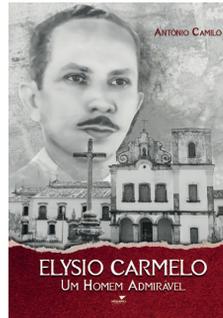
2013



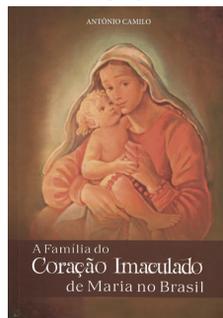
2016



2018



2019



2022
(Português)



2022
(Italiano)

Tiragem	500 exemplares
Formato	15x21cm
Tipografia	Palatino Linotype 14, 12 pt Dancing Spirit 60, 25 pt
Papel	Pólen Soft 80g/m ² (miolo)
Capa	Supremo 250g/m ² (capa)